



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

VANESSA RAYANNA SILVA ROSENO

**ENTRE A RAZÃO E A FÉ, ENTRELAÇANDO SABERES E CRENÇAS:
FERRAMENTAS TEÓRICAS E CONCEITUAIS DAS CIÊNCIAS
SOCIAIS PARA O ENSINO RELIGIOSO**

SUMÉ-PB

2025

VANESSA RAYANNA SILVA ROSENO

**ENTRE A RAZÃO E A FÉ, ENTRELAÇANDO SABERES E CRENÇAS:
FERRAMENTAS TEÓRICAS E CONCEITUAIS DAS CIÊNCIAS
SOCIAIS PARA O ENSINO RELIGIOSO**

**Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Ciências Sociais do
Centro de Desenvolvimento Sustentável
do Semiárido da Universidade Federal
de Campina Grande, como requisito
parcial para obtenção do título de
Licenciada em Ciências Sociais.**

Orientadora: Profa. Dra. Maria Helena Costa Carvalho de Araújo Lima.

SUMÉ-PB

2025



R815e Roseno, Vanessa Rayanna Silva.

Entre a razão e a fé, entrelaçando saberes e crenças:ferramentas teóricas e conceituais das Ciências Sociais para o Ensino Religioso. / Vanessa Rayanna Silva Roseno. -2025.

99f.

Orientadora: Professora Dra. Maria Helena Costa Carvalho de Araújo Lima.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande;
Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido;
Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Ensino Religioso. 2. Ciências Sociais. 3. Escola do campo - Ensino Religioso. 4. Base Nacional Curricular Comum - BNCC. 5. Intervenção pedagógica. I. Lima, Maria Helena Costa Carvalho de. II Título.

CDU: 37:2(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

VANESSA RAYANNA SILVA ROSENO

**ENTRE A RAZÃO E A FÉ, ENTRELAÇANDO SABERES E
CRENÇAS: FERRAMENTAS TEÓRICAS E CONCEITUAIS DAS
CIÊNCIAS SOCIAIS PARA O ENSINO RELIGIOSO**

**Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Ciências Sociais do
Centro de Desenvolvimento Sustentável
do Semiárido da Universidade Federal
de Campina Grande, como requisito
parcial para obtenção do título de
Licenciada em Ciências Sociais.**

BANCA EXAMINADORA:

**Professora Dra. Maria Helena Costa Carvalho de Araújo Lima.
Orientadora - UACiS/CDSA/UFCG**

**Professor Me. Antônio Lindonberto Batista da Silva
Examinador Externo - SEE-PB/SEDUC-SUMÉ**

**Professora Dra. Júnia Marússia Trigueiro de Lima
Examinadora Interna - UACiS/CDSA/UFCG**

Trabalho aprovado em: 30 de abril de 2025.

SUMÉ-PB

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a minha família, especialmente a minha querida mãe, Rosilene Josefa da Silva, meus sobrinhos José Victor Kauã Coelho Costa, Pedro Henry Coelho Costa e minha gatinha Bubu, que me apoiam e me fortalecem incondicionalmente. Vocês são meus alicerces.

Agradeço também a minha companheira de vida Edneide Elisbão, que esteve comigo apoiando minhas decisões e me incentivando em minha trajetória.

Aos meus amigos, agradeço a vocês em nome de todos os professores do curso, por se dedicarem. Vocês também foram peça fundamental nesse processo, não me deixando desistir nem desanimar, compartilhando momentos incríveis, risadas e choro, alegrias e tristezas. Agradeço imensamente pelo apoio.

Agradeço especialmente a minha orientadora e amiga, Lena Costa Carvalho, que foi ímpar em minha trajetória acadêmica, ajudando-me a evoluir compartilhando conhecimentos, mas também boas conversas e momentos.

Aos professores da escola em que a pesquisa foi realizada, em especial à professora de ER, que contribuiu significativamente nesse processo, acolhendo-me desde minha chegada com Pibid até a pesquisa de campo, proporcionando-me boas experiências para realização desse trabalho. Sem vocês essa pesquisa não aconteceria, por isso agradeço o apoio e a paciência.

E por fim agradeço à banca examinadora: Prof. Dra. Júnia Marúsia Trigueiro de Lima e Prof. Me. Antônio Lindonberto Batista da Silva, por todas as contribuições a este trabalho.

“Deus não precisa ser defendido por ninguém e não precisa que seu nome seja usado para aterrorizar as pessoas. Peço a todos que parem de instrumentalizar as religiões para incitar o ódio, à violência, ao extremismo e ao fanatismo cego.”

(Papa Francisco)

RESUMO

Esta pesquisa trata de indicar caminhos possíveis para um diálogo entre o Ensino Religioso e as Ciências Sociais, com bases em temas, conceitos, teorias e objetos comuns a essas áreas, a fim de colaborar com uma educação pública adequada a um estado laico. Busquei, assim, contribuir para uma educação que estimule o convívio com a diversidade, o respeito à alteridade e, portanto, um ensino religioso anti-etnocêntrico e anti-confessional. Partindo desses princípios, o objetivo deste trabalho foi identificar contribuições teóricas e conceituais das Ciências Sociais para auxiliarem nas aulas de ensino religioso, fornecendo subsídios concretos para a superação do viés doutrinário que vem marcando essa disciplina no Brasil. Para entender como ocorre hoje o ensino religioso no Brasil e, mais especificamente, em uma escola do Cariri paraibano, fiz pesquisa bibliográfica, análise de documentos curriculares, observações em sala de aula, duas entrevistas com professores responsáveis pela disciplina e análise de conteúdo dos materiais didáticos adotados por cada um deles. O ensino da disciplina tem sido realizado de forma improvisada por professores sem formação específica, sobrecarregados com grande quantidade de turmas e diferentes disciplinas e com materiais didáticos de caráter confessional, cristão. Para propor uma alternativa comecei por elaborar e testar uma sequência didática voltada para o 9º ano do ensino fundamental. Por fim, montei uma proposta que consiste em um conjunto de sugestões de como as ciências sociais podem contribuir então para o ER. O material aqui elaborado parte dos conteúdos definidos para o 8º e o 9º anos, na Base Nacional Comum Curricular e na Proposta Curricular da Paraíba. A partir dos dados previamente coletados, pude perceber que a falta de materiais didáticos para o componente é um dos principais problemas enfrentados pelos professores. Assim, as sugestões aqui apresentadas têm como foco o apontamento de diálogos com as ciências sociais a partir de conceitos, teorias, autores, exemplos e propostas de dinâmicas e/ou atividades.

Palavras chave: Ensino Religioso; Ciências Sociais; Educação.

ABSTRACT

This research aims to identify potential pathways for dialogue among Religious Education and Social Sciences, based on shared themes, content, and objects of study shared by these fields. The goal is to contribute to a public education that is appropriate for a secular state. In doing so, I seek to promote an education that encourages coexistence with diversity, respect for otherness, and, consequently, an anti-ethnocentric and non-confessional approach to religious studies. Building upon these principles, the primary objective of this work was to identify theoretical and conceptual contributions from the Social Sciences that could contribute to religious education classes, providing concrete support for overcoming the doctrinal bias that has historically characterized this discipline in Brazil. To understand the current state of religious education in Brazil—and more specifically, in a school located in the Cariri region of Paraíba - I conducted a literature review, analyzed curricular documents, observed classroom practices, carried out two interviews with teachers responsible for the discipline, and performed content analysis of the didactic materials used by each. The pedagogical practices of this discipline has been carried out in an improvised manner by teachers lacking specific training, often overwhelmed with multiple classes, different subjects, and using confessional, Christian-oriented didactic materials. To propose an alternative, I began by developing and testing a didactic sequence aimed at 9th-grade students in elementary school. Finally, I formulated a set of suggestions on how Social Sciences can contribute to Religious Education, based on concepts, theories, authors, and proposals for activities and dynamics. The material presented here is based on the content outlined for the 8th and 9th grades in the National Common Curricular Base (BNCC) and the Paraíba Curricular Proposal. From the data previously collected, I observed that the lack of didactic materials for this component is one of the main challenges faced by teachers. Therefore, the suggestions provided focus on establishing dialogues with Social Sciences through concepts, theories, authors, examples and proposals for activities and dynamics, aiming to enhance the quality and inclusiveness of religious education.

Keywords: Religious Education; Social Sciences; Education.

LISTA DE SIGLAS

BNCC- Base Nacional Comum Curricular

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

ER- Ensino Religioso

FONAPER - Fórum Permanente do Ensino Religioso

PIBID- Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

UFCG- Universidade Federal de Campina Grande

CDSA- Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido

MEC- Ministério da Educação

LDBEN- Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional

STF- Supremo Tribunal Federal

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

ECIT- Escola Cidadã Integral Técnica

PCNER - Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Religioso

PCPB- Proposta Curricular da Paraíba

PL- Projeto de Lei

PNLD - Programa Nacional do Livro e do Material Didático

NEM- Novo Ensino Médio

PGR- Procuradoria Geral da República

PCN- Parâmetros Curriculares Nacionais

OCEM- Orientações Curriculares para o Ensino Médio

CCLJ- Comissão de Constituição, Legislação e Justiça

FONAPER- Fórum Permanente do Ensino Religioso

ALEPE- Assembleia Legislativa de Pernambuco

1. INTRODUÇÃO	16
2. ENSINO RELIGIOSO NO BRASIL: TRAJETÓRIA, DEBATES E EXPERIÊNCIAS.....	25
2.1 DEBATES SOBRE O ENSINO RELIGIOSO NA EDUCAÇÃO	27
2.2. DIRETRIZES CURRICULARES PARA O ENSINO RELIGIOSO.....	30
2.2.1 Ensino Religioso na BNCC.....	33
2.2.2 Ensino Religioso no currículo da Paraíba.....	38
2.2.3 Outros documentos orientadores para o Ensino Religioso.....	42
3. PERCURSO METODOLÓGICO	44
3.1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	45
3.2 OBSERVAÇÕES EM SALA DE AULA.....	45
3.3 PESQUISA E ANÁLISE DOCUMENTAL.....	45
3.4 ENTREVISTA COM OS PROFESSORES DA ESCOLA-CAMPO... ..	46
4. O ENSINO RELIGIOSO NA ESCOLA CAMPO	48
4.1 PERFIL DOS PROFESSORES DE ER NA ESCOLA	48
4.2 OBSERVAÇÃO DE AULAS	51
4.2.1 Observação de aula 1 (8º ano. Tema: liberdade)	52
4.2.2 Observação de aula 2 (8º ano. Tema: consumismo).....	53
4.2.3 Observação de aula 3 (8º ano. Tema: diversidade religiosa no Brasil)	54
4.2.4 Observação de aula 4 (9º ano. Tema: convivência com o outro).....	55
4.3 MATERIAIS E MÉTODOS UTILIZADOS PELOS DOCENTES PARA AULAS DE ER.....	56
4.3.1 Uma disciplina improvisada: formação, estratégias de ensino e opiniões dos docentes	59
4.3.2 Religiosidade e paradigmas: a religião influencia de alguma maneira nas práticas pedagógicas?.....	62
4.4 ANÁLISE DE MATERIAIS DIDÁTICOS.....	65
4.4.1 Livro Caminhos para Deus (Prefeitura Municipal de Petrópolis)	67
4.4.2 Livro Descobrindo Novos Caminhos (ed. FTD).....	73
4.4.3 Impactos dos materiais didáticos sobre a prática de ensino.....	75
5. UMA EXPERIÊNCIA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA	80
5.1 IDEIAS PARA O ENSINO RELIGIOSO COM FERRAMENTAS DAS CIÊNCIAS SOCIAIS.....	81
5.2 FERRAMENTAS DAS CIÊNCIAS SOCIAIS PARA O ENSINO RELIGIOSO	82
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
7. REFERÊNCIAS	89
8. APÊNDICES	92

1. INTRODUÇÃO

Sou natural de Bezerros conhecida como a terra do Papangu, uma cidade de médio porte do estado de Pernambuco, atualmente com 70 mil habitantes. Marcada pela religiosidade cristã, a cidade foi construída em torno de uma capela em homenagem a São José e fala-se na cidade que seu nome deveria ter sido São José dos Bezerros, em referência à família que construiu a capela em homenagem ao santo.

Nas escolas públicas em que estudei o ensino fundamental e médio, fiquei marcada como “rebelde” e “do contra” por me recusar a participar de qualquer evento de cunho religioso nas instituições.

Quando ingressei no 6º ano do ensino fundamental, em minha primeira escola estadual, lembro-me de que participava da disciplina de Religião (nomenclatura da época), que era de matrícula facultativa e fora do horário de aula. A disciplina era lecionada aos sábados e recordo-me bem das aulas serem um catecismo escancarado, em que trabalhávamos apenas textos bíblicos, conteúdos sobre a religião cristã e suas vertentes.

Já no ensino médio, em outra instituição estadual de referência, mesmo a disciplina não existindo nessa etapa de ensino, houve alguns momentos em que ocorreram manifestações cristãs promovidas pela própria instituição. Certa vez, foram distribuídas bíblias para os alunos sem qualquer motivo aparente e, em outra, trouxeram em um carro aberto uma imagem de aproximadamente dois metros de Nossa Senhora, acompanhada em procissão de alguns membros da igreja. Na ocasião, solicitaram a presença de todos os alunos para um momento de “reza, meditação e reflexão” que aconteceria no auditório, e os que se negaram a participar, como eu, foram proibidos de ficar em sala de aula e coagidos a participar, mesmo contra a vontade.

A partir dessas experiências, iniciei minha licenciatura com forte posicionamento contra a presença da disciplina de ensino religioso nos currículos escolares, e acreditava que sua oferta deveria ser retirada, tendo em vista que, nas experiências em que tive a presença da religião na escola tinha sempre um caráter confessional¹ e proselitista.

Acabei por mudar de ideia no meio do percurso, a partir de experiências que vivi na graduação, através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) de ciências sociais. Quando tive a chance de conhecer nossa supervisora, que é uma professora da rede estadual da Paraíba formada em ciências sociais e que leciona várias disciplinas além de sociologia. Naquela ocasião, também tinha acabado de assumir a disciplina, por uma determinação da direção da escola para que o ER fosse ministrado de acordo com a resolução

¹ “O ensino confessional caracteriza-se por uma abordagem centrada em apenas uma única tradição religiosa, trabalhando e aprofundando conhecimentos dentro desta tradição específica”.

n. 147 de 2008 de 15 de julho de 2008, do Conselho Estadual de Educação da Paraíba. Em seu Art. 17, que determina:

Considera-se habilitado para o exercício do magistério da educação religiosa, nos anos finais do ensino fundamental, o portador de, no mínimo, diploma de licenciatura ou bacharelado em Ciências da Religião ou Educação Religiosa Escolar, História, Filosofia, Ciências Sociais, Pedagogia e Psicologia. Parágrafo único. A titulação referida no caput deste artigo deverá ser obtida por agências formadoras devidamente autorizadas e credenciadas. (CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DA PARAÍBA, 2008, p. 4)

Diante dos relatos da professora sobre sua inexperiência com a disciplina e os conteúdos nela propostos, tive o interesse de analisar como se daria esse processo de adaptação e das experiências vivenciadas por ela no que concerne ao trabalho que envolve desenvolver os conteúdos em sala de aula.

Considero agora que o ER pode ser sim uma disciplina proveitosa e construtiva se trabalhada contemplando a diversidade sociocultural e religiosa de cada indivíduo sem margens para caráter catequético. O cenário atual, porém, não favorece essa ideia, pois experiências como as que tive na escola se repetem em todo o país, como aponta Cunha:

Com ou sem a disciplina ER, é comum, nas escolas públicas brasileiras, a presença de práticas religiosas mais ou menos explícitas, predominantemente católicas. Ritos escolares, festas cívicas e materiais didáticos, estão freqüentemente permeados de componentes religiosos, assim como é comum a oração ao início dos trabalhos ou das refeições. Apesar disso, as políticas de oficialização do ER encontraram uma resistência passiva no interior das escolas, principalmente em grandes centros como Rio de Janeiro e São Paulo, onde há muito predomina, no setor público, uma cultura escolar laica difusa. No entanto, ocorre uma adesão ao ER por parte dos professores, ainda que de modo reticente e passivo, revelando que o laicismo já alcançado vem sendo minado. Tudo indica que isso se deve ao agravamento das dificuldades sentidas pelos professores em seu trabalho cotidiano. Os desafios a sua autoridade crescem com a heterogeneidade sócio-cultural dos alunos, que aumenta na medida mesma da migração campo-cidade e inter-regional (Cunha, 2006, p.145).

O problema tem se agravado a partir da criação de leis, projetos e emendas que ameaçam constantemente nossa liberdade religiosa. No dia 2 de abril de 2025, em São José do Rio Preto (SP), foi aprovado na Câmara Municipal, por 18 votos a favor e apenas 4 contrários, projeto de lei (PL) obrigando os estudantes das redes públicas e privadas de ensino a rezarem a oração do Pai nosso ao menos uma vez por semana durante o período letivo (Schroeder e Martins, 2025).

O projeto estabelece que os alunos têm o direito de não participarem, contanto que apresentem à direção uma declaração, com a assinatura dos responsáveis, desobrigando-os do ato. O texto é de autoria do presidente da Câmara Municipal, Luciano Julião (PL), e seguiu para análise do prefeito Coronel Fábio Cândido (PL) que poderá aprová-lo ou vetá-lo.

No mesmo mês, em 8 de abril de 2025, a Câmara Municipal de Belo Horizonte aprovou o Projeto de Lei 825/2024, que permite o uso da Bíblia como material complementar nas escolas públicas e privadas da capital. O projeto, que seguirá para avaliação do prefeito, é da vereadora Flávia Borja (DC), que ainda prevê a possibilidade de utilização de passagens bíblicas em disciplinas como ensino religioso, história, literatura, filosofia e artes, como também em atividades extracurriculares. É assegurado também que a participação do aluno será facultativa, para proteger a liberdade religiosa.

Outro Projeto de Lei, de redação quase idêntica ao de Belo Horizonte, foi proposto em Manaus pelo deputado Daniel Almeida (Avante) e já foi sancionado pelo prefeito. Entre os dois projetos, porém, duas diferenças merecem ser pontuadas. A primeira é o caráter facultativo da participação dos estudantes.

No PL (825/2024), de Belo Horizonte:

Art. 2º — Nenhum aluno poderá ser obrigado a participar das atividades relacionadas a esta Lei, sendo garantida a liberdade religiosa nos termos da Constituição Federal.

Na Lei nº 3.225/2023, de Manaus:

Art. 2º Será sempre garantida a liberdade de opção religiosa e filosófica, sendo vedada a obrigatoriedade de participação em qualquer atividade **que extrapole a função paradidática** do uso da Bíblia Sagrada.

Nota-se uma diferença sutil entre os dois artigos de leis, mas que afeta de maneira direta a liberdade do aluno em se retirar da participação. A primeira desobriga o discente de participar das atividades caso ele não queira. Já a segunda só desobriga a participação caso o aluno identifique que atividade que estiver sendo realizada “extrapole a função paradidática do uso da Bíblia Sagrada”. Caso não ocorra, o aluno não poderá sair, sendo assim coagido a permanecer em sala mesmo contra sua vontade.

Isso acaba levantando questões importantes, a primeira é: como esse estudante irá identificar e comprovar que o professor estaria “extrapolando” o uso da bíblia durante as aulas? Como ele poderá argumentar isso, e para quem? Por que ele só poderá se retirar nesse tipo de

situação, tendo em vista que ele tem sua liberdade de culto assegurada constitucionalmente? E de toda maneira, mesmo podendo se retirar de sala - não é simples garantir o direito de não-participação o aluno vai sair de sala no meio da aula? Vai perder conteúdo? Vai ser constrangido? Existe alguma atividade paralela sendo fornecida para os alunos que se opuseram, ou eles apenas sairão de sala e ficarão pela escola?

Muitos pontos ainda não foram desenvolvidos e discutidos, faz-se necessário esclarecer esses pontos para que possamos entender como realmente irão funcionar tais recomendações.

Outra diferença é a forma como cada um dos PL foi justificado quando apresentado. No caso de Belo Horizonte, podemos destacar:

A Bíblia é, além de um livro cristão, um livro histórico com descrições precisas de um tempo longínquo. Mais de meia dúzia dos livros contidos na Bíblia são denominados como históricos, servindo para contar, de maneira detalhada, a história do povo de Israel. De igual maneira, os quatro primeiros livros do Novo Testamento — Mateus, Marcos, Lucas e João — dedicam-se a contar a história da vida de Jesus Cristo, o ser humano mais importante que já caminhou por esta terra, bem como os ensinamentos que dera em seu tempo. É também da Bíblia que derivam vários dos ensinamentos comuns e caros à sociedade ocidental, como a necessidade da preservação da inocência das crianças (Mateus 19:14), o exercício do perdão (Marcos 11 25-26) e o amor ao próximo (Mateus 22 34:40) (PL 825/2024, p. 2)

Enquanto isso, no PL de Manaus, em um texto de três páginas, o autor argumenta que a ideia está de acordo com a CF e com a LDB, por ser de caráter facultativo. Tal argumento parece não levar em consideração que tais assuntos já são abordados com outros embasamentos teóricos, logo é um absurdo que ainda existam discursos como este que buscam alicerçar proselitismo e catecismo como justificativa para a diversificação.

Essa proposta visa a formação crítica e reflexiva dos alunos, respeitando a liberdade religiosa de cada indivíduo e assegurando um ambiente plural, como exige a Constituição Federal (...) A leitura de trechos bíblicos nas escolas pode oferecer um conteúdo rico para o estudo de várias disciplinas, como história, literatura, artes, filosofia e ensino religioso, áreas nas quais o texto bíblico exerce influência significativa. Ao incluir a Bíblia como recurso paradidático, buscamos ampliar o conhecimento dos alunos sobre as influências culturais e históricas dessa obra, promovendo a reflexão sobre questões universais como ética, moralidade, justiça, liberdade e direitos humanos.

(...)

A medida visa enriquecer a formação educacional dos alunos, promovendo o respeito à diversidade cultural e religiosa, além de assegurar um ambiente escolar inclusivo e plural. A aprovação deste Projeto de Lei permitirá uma educação mais ampla e crítica, contribuindo para a formação de cidadãos

conscientes e respeitosos com as diferentes manifestações religiosas e culturais presentes na sociedade (Lei nº 3.225/2023, pp. 1-4).

Já no Congresso Nacional, encontra-se em tramitação na Câmara de Deputados o PL 4242/2021, de autoria do deputado Milton Vieira (REPUBLIC/SP), que estabelece que todas as instituições públicas de educação básica e superior do país disponibilizem ao menos dois exemplares da Bíblia. Na justificativa do PL, o autor afirma que o livro sagrado do cristianismo:

Reúne um magnífico conjunto de ensinamentos que interessam a toda a humanidade, desvelando ao ser humano sua origem, natureza e direção. Pela sua importância cultural e, sobretudo, espiritual, justifica-se a presente iniciativa de garantir que, na biblioteca de cada instituição de ensino, os estudantes e todos os membros da comunidade escolar a ela tenham acesso (PL 4242/2021).

Um projeto de lei ordinário, semelhante também foi proposto na Assembleia Legislativa de Pernambuco (Alepe). No dia 16 de abril de 2025, foi apresentado pelo deputado Pastor Júnior Tércio (PP). O projeto em questão propõe que a Bíblia seja utilizada como material paradidático nas escolas públicas e particulares do estado. O deputado salienta que nenhum aluno será obrigado a participar da atividade referente à lei, assim “sendo garantida a liberdade religiosa em termos da constituição” (Fernandes, 2025). A proposta ainda sugere que o governo federal determine os critérios, diretrizes e métodos estratégicos para viabilizar a leitura bíblica nas escolas, sendo responsável pelos custos. Somente se passar pela aprovação da Comissão de Educação e pela Comissão de Constituição, Legislação e Justiça (CCLJ) é que o texto será analisado no plenário e somente em caso de aprovação poderá ser sancionado pela governadora do estado.

Tais propostas foram sugeridas apesar dos questionamentos de especialistas sobre a inconstitucionalidade dos projetos propostos, por ferir a laicidade do Estado, e por acabar ferindo direitos constitucionais dos estudantes sobre liberdade de culto. Tais medidas podem gerar situações de constrangimento diante da negativa com relação a participar da oração, ou da utilização do material bíblico, estigmatizando o aluno como “do contra”, “rebelde”, “herege”, etc. somando-se à falta de autonomia por parte do docente em poder escolher por si só se prefere ou não participar /utilizar-se dos elementos propostos, tendo em vista que faz-se necessária a aprovação primeira de seu responsável. .

Por outro lado, quando se trata de ter contato com religiões de matriz africana presentes no Brasil, como candomblé e umbanda, a postura é diferente. De acordo com reportagem publicada no Brasil de Fato, em outubro de 2024 ocorreu uma sessão ordinária na Câmara

Legislativa do Distrito Federal (CLDF) referente a uma denúncia sobre atos de racismo e intolerância religiosa cometidos pelo deputado distrital Pastor Daniel de Castro (PP-DF). Com a justificativa de estar defendendo a Constituição e o Estado Laico, o deputado expôs em suas redes sociais um vídeo da professora da disciplina eletiva “História e cultura afro-brasileira e indígena” na escola privada Centro Educacional do Lago (CEL), em Brasília, alegando que a profissional estaria “obrigando estudantes a realizar rituais e cultuar entidades de religiões de matriz africana” (Feifel, 2024, n.p).

De acordo com a reportagem de Feifel (ibidem), o pastor ainda afirma que os estariam sendo realizados ali “rituais em que os estudantes eram obrigados a “cantar hinos dessas culturas” e “dizer nomes dessas entidades”, e acusando a docente de estar ferindo a constituição, afirmando que teria feito uma denúncia formal contra a docente ao Ministério Público do DF (MPDFT), à Secretaria de Educação (SEEDF) e à Regional de Ensino, alegando “fiz o meu papel como cristão, pedagogo e advogado. Lá tem alunos evangélicos e eles não são obrigados a participar disso”.

Em resposta, o Centro Educacional do Lago (CEL), onde a aula aconteceu, denunciou o deputado à Comissão de Educação, Saúde e Cultura da Câmara. Além da defesa da escola, há, nas postagens do parlamentar, diversos comentários dos próprios estudantes desmentindo-o (Feifel, 2024, n.p). A disciplina em questão, de caráter optativo, está de acordo com o currículo da Secretaria de Educação e das Diretrizes Nacionais, conforme a lei 11.645/2008, que “estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” (BRASIL, 2008).

Apesar dos mais diversos questionamentos e críticas acerca dos fatos relatados e de muitos outros que acontecem no Brasil, é cada dia mais comum ver notícias como essas repercutindo nos jornais e redes sociais do país. As polêmicas sobre o lugar da religião nas escolas trazem à tona a importância de pensar o componente curricular de ensino religioso, como espaços também de disputas ideológicas que perpassam as mais diversas esferas, como também a política. Certamente, tais disputas estão sendo refletidas na forma como a disciplina de ER está ocorrendo nas escolas, com ondas de legislações e PLs que se mostram muito semelhantes entre si, contrariando a laicidade do Estado e transformando a escola pública em local de proselitismo religioso de cunho cristão. Ironicamente, nos estados e municípios em que isso tem ocorrido, as propostas partem dos mesmos grupos que apoiavam o PL do chamado Escola sem Partido² e a militarização das escolas.

² O movimento político “Escola sem Partido” (ESP), busca por limitar a liberdade de expressão e o debate em sala de aula, sob o argumento de que os professores estariam “doutrinando” os estudantes com suas ideologias políticas. Baseando-se assim na ideia que a escola deve ser um espaço de neutralidade sem discussões ideológicas e políticas, voltando-se apenas a conteúdos mais técnicos e objetivos.

Ao acompanhar a trajetória dessa disciplina no cenário nacional, Carvalho (2020) destaca os vieses sofridos por ela ao longo dos anos, desde seu surgimento, com a chegada dos colonizadores, até os dias de hoje, sendo eles: 1- o ensino confessional que se caracteriza como um ensino que professa sobre uma religião específica, e que cujo o objetivo é o arregimentar fiéis para aquela crença religiosa; 2- interconfessional, cuja finalidade é promover um grupo de religiões adotadas pela maioria de uma população como a religião cristã, por exemplo, vai depender do local; 3- o ensino não confessional, este que não tem o objetivo de promover uma religião ou grupo de religiões, mas o de mostrar aspectos culturais, históricos, éticos e filosóficos das religiões.

Durante o período colonial por meio da ação da Companhia de Jesus, os Jesuítas, a partir de 1539, desempenharam o papel inicial na associação entre a religião e a educação por intermédio da catequese dos indígenas. No período imperial, a prática do ensino religioso, ainda realizada pelos jesuítas, pouco mudou, tendo em vista que a religião do império era a católica romana e, como a igreja nessa época ainda desempenhava um importante papel sobre as questões culturais e econômicas, o ensino religioso, de certa forma, atuava como aparelho ideológico do império.

A partir da reforma pombalina (1750-1777)³ com a expulsão dos jesuítas do Brasil, as escolas passaram a adotar uma certa laicidade. E o período republicano acabou por reforçar essa separação entre igreja e Estado, com uma defesa do laicismo tanto na sociedade quanto no campo educacional.

A disciplina de ER passou por um longo processo de intermitência dentro do currículo escolar e assumiu diferentes características, a depender do momento histórico como o ensino confessional, interconfessional, e não confessional.

Mas é somente em 1997, com uma alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) que essa disciplina ganha algumas características que conhecemos atualmente. Esse retrospecto consegue evidenciar de certa forma como o ensino religioso sofreu modificações em diversos aspectos, e quase sempre seguindo as ideias daqueles que estão responsáveis por designá-la.

Apesar dessa longa trajetória no currículo e nas escolas, o ER quase sempre adotou características doutrinárias, visto que, durante os anos em que foi implementada, a disciplina tinha o viés confessional, dando abertura ao professor falar sobre dada religião, e o catolicismo quase sempre destacou-se dentro do modo como a disciplina se compunha.

³ A reforma pombalina surge após a chegada do Marquês de Pombal no Brasil, e uma de suas medidas foi expulsão dos Jesuítas visando o fim de conflitos entre colonos e padre jesuítas. Como também o interesse dos primeiros na comercialização de indígenas catequizados e a recusa dos segundos em “fornecê-los”. Como uma das consequências recaiu sob responsabilidade do império assumir o papel educativo que antes era de responsabilidade da companhia de Jesus.

Em 2017, com a homologação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) pelo Ministério da Educação (MEC), o Ensino Religioso surge como componente curricular de todos os sistemas educacionais brasileiros do ensino fundamental, com oferta obrigatória de matrícula facultativa nos currículos escolares de todo país, com as seguintes unidades temáticas: 1) Identidades e alteridades; 2) Manifestações religiosas; 3) Crenças religiosas e Filosofias de vida. Ainda segundo a BNCC, “cabe ao Ensino Religioso tratar os conhecimentos religiosos a partir de pressupostos éticos e científicos, sem privilégio de nenhuma crença ou convicção” (Brasil, 2018, p. 438).

Entretanto, no mesmo ano (2017), o Supremo Tribunal Federal (STF) abriu votação no plenário, declarando constitucional por seis votos a cinco o ensino religioso confessional na rede pública de ensino brasileira, dessa forma contradizendo justamente a Lei 9475/97, que fazia com que teoricamente o ensino religioso perdesse seu caráter confessional e que deveria segundo esta passar a ser “macro-ecumênico”, pluralista, inter-religioso e não proselitista. Uma decisão que passa a beneficiar diretamente a religião predominante no território brasileiro que contém majoritariamente a população de religião católica. A votação acarretou diversas discussões e questionamentos por parte de professores e pesquisadores de como a disciplina seria incorporada mais uma vez, quais dos vieses iriam ser adotados na prática escolar e como o professor iria trabalhá-la com a nova proposta, trazendo à luz assim as diversas perspectivas sobre a temática.

Cabe explicar aqui, que a organização deste trabalho e a cronologia metodológica consistem por seguir todo o percurso em que foram surgindo os fatos aqui citados durante a pesquisa e também nas minhas experiências na escola-campo. Logo a partir de minha imersão durante o Pibid e o Estágio, aproveitei da oportunidade para intercalar as atividades com as observações na disciplina de ER. Através das observações busquei compreender as perspectivas dos professores, para isso elaborei uma entrevista estruturada com cada docente. Analisando as entrevistas identificamos os materiais utilizados pelos professores para as aulas de ER, e posteriormente feita uma análise desses materiais. Somente a partir desse processo é que surge a proposta deste trabalho.

Na ocasião, a professora que tem como formação inicial Ciências Sociais acabara de assumir também a disciplina de ER, após indicação da direção. A docente compartilhou também em algumas reuniões suas experiências e desafios enfrentados lecionando a disciplina de ER, tendo em vista que ela não tinha nenhuma formação na área, e nenhuma experiência com a disciplina.

Por essa disciplina deter um caráter diferenciado das outras, e se referenciar tanto na cultura quanto nas instituições religiosas e mais especificamente no catolicismo e levando em consideração que cada professor tem um viés conceitual e metodológico, surge o questionamento de como essa disciplina pode ser trabalhada pelo professor de Sociologia para jovens do Ensino Fundamental anos finais dentro das diretrizes estabelecidas anteriormente.

A partir daí, foram feitas leituras acerca do tema e a respeito das experiências vivenciadas pelos professores, documentos oficiais, trajetória da disciplina no território nacional, entre outros, a fim de identificar e trazer contribuições conceituais e teóricas das Ciências Sociais para o componente curricular Ensino Religioso (ER). Buscando por novos meios de constituir esse campo do conhecimento, como a pluralidade nos conteúdos propostos, complementando ou trazendo novas abordagens e/ou materiais a fim de desconstruir vieses doutrinários e enriquecer de certa maneira esse processo de ensino-aprendizagem acerca da disciplina. A fim de proporcionar um ensino plural para toda a comunidade escolar e superar alguns dos desafios que permeiam a disciplina apresentados neste trabalho. Desse modo, buscou-se aqui responder algumas questões acerca de como esse ensino de fato está sendo adotado nas redes públicas de ensino, nesse caso pelo professor de sociologia. Como, qual viés acerca dessa disciplina está sendo adotado? E principalmente de como está sendo trabalhada a disciplina em sala de aula? Pouco se fala também sobre os materiais didáticos utilizados pelos professores. Quais materiais estão dispostos para isso? Essas e outras questões ainda perme

O objetivo geral deste trabalho foi identificar contribuições teóricas e conceituais das Ciências Sociais para auxiliarem nas aulas de ensino religioso, fornecendo subsídios concretos para a superação do viés doutrinário que vem marcando essa disciplina no Brasil.

Para tanto foram traçados os seguintes objetivos específicos: 1) Identificar os desafios enfrentados pelos professores e alunos na disciplina de ensino religioso em uma escola pública do Cariri Ocidental Paraibano; 2) Empregar as ferramentas das Ciências Sociais para enriquecer o ensino religioso nas escolas; 3) Propor um caminho para o ensino religioso a partir do uso de teorias e conceitos das Ciências Sociais;

O TCC foi dividido em cinco partes, no primeiro capítulo **2. ENSINO RELIGIOSO NO BRASIL: TRAJETÓRIA, DEBATES E EXPERIÊNCIAS**, busquei sobre a trajetória do ER no Brasil, bem como as características e vieses adotados pelas diretrizes e documentos curriculares para a disciplina a nível nacional e estadual no tópico e subtópicos. Em seguida, no capítulo **3. PERCURSO METODOLÓGICO**, foram realizadas revisão bibliográfica, observações em sala de aula, pesquisa e análise documental, entrevista com os professores e elaboração da proposta através dos dados coletados. Para o ponto **4.O ENSINO RELIGIOSO NA ESCOLA CAMPO**, que foi dividido em dois momentos, no primeiro foi traçado o perfil dos professores de ensino religioso na escola campo, bem como a descrição detalhada das quatro aulas observadas, sendo três delas no 8º e uma no 9º ano do ensino fundamental. Já na segunda parte, analiso o relato dos docentes sobre suas experiências, visões e opiniões lecionando sobre a disciplina de uma maneira geral, e por fim, uma análise dos dois materiais utilizados pelos docentes para ministrarem as aulas e seus impactos. Por fim, no capítulo **5. IDEIAS PARA O ENSINO RELIGIOSO COM FERRAMENTAS DAS CIÊNCIAS SOCIAIS**, trago minhas experiências na aplicação de uma Sequência Didática que serviu como teste para o que viria ser a proposta. E em seguida a apresentação de um quadro,

contendo ideias de diálogos das ciências sociais com ensino religioso para serem trabalhados em sala de aula.

2. ENSINO RELIGIOSO NO BRASIL: TRAJETÓRIA E DEBATES

Acompanhando a trajetória do Ensino Religioso no Brasil, Cardoso (2017) analisa esse processo, evidenciando os espaços em que a disciplina ocupou e ocupa dentro do currículo.

De acordo com Cardoso (2017), durante todo o período colonial, o ensino religioso era obrigatório até 1891, até a chegada do período republicano dando fim ao período monárquico e consequentemente a separação entre o Estado e a igreja. Desse modo, a legislação de 1891 legitima essa separação e instituiu o ensino leigo nas escolas públicas, o que ocasionou a criação de colégios pelas Congregações Religiosas até 1930.

A partir disso, o autor desenvolve uma breve trajetória da disciplina no decorrer das décadas. Em 1934, o ensino religioso volta ao cenário nacional, mas dessa vez com caráter facultativo e multiconfessional. Com o golpe de estado em 1937 proferido por Vargas e a implementação do Estado Novo, há reestruturação na educação que estabelece através do Art. 133 O ensino religioso é contemplado como matéria do curso ordinário das escolas primárias, normais e secundárias.

De 1937 a 1942 foram criados os decretos denominados de Leis orgânicas das quais em sua versão final passou a considerar os posicionamentos das lideranças católicas, e desse modo passou-se a constituir que os programas de religião, bem como seus regimes didáticos seriam determinados pela autoridade eclesiástica.

Em 1942, a partir do decreto 4.244, que era a versão final da chamada Lei Orgânica do Ensino Secundário, considerou o posicionamento das lideranças católicas, constituindo assim que os programas de religião e seus regimes didáticos fossem determinados pelas autoridades eclesiásticas (Cardoso, 2017, p. 230). Em 1946, o Brasil ganhou nova constituição, mas esta manteve a obrigatoriedade do ensino religioso nas escolas públicas. Devido ao estado não estar disponibilizando remuneração dos professores, foram surgindo diversos problemas administrativos-pedagógicos. Em 1967 foi outorgado o projeto de nova constituição, estabelecendo pelo Ato institucional n. 5 que o ensino religioso se tornasse de matrícula facultativa devendo ser ministrado em horários normais das escolas públicas, nos níveis médio e primário (Caetano; Oliveira, 2010, p. 6).

A partir de 1967 o ensino religioso mantém a oferta de obrigatoriedade, mas com matrícula facultativa, podendo ser ministrado nos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental e médio.

Com a redemocratização, o debate sobre a presença do ER nas escolas foi retomado e resultou no artigo 210 da Constituição Federal de 1988:

Ao início do processo que levou à promulgação da Constituição, parecia que se restabeleceria uma aliança entre liberais, socialistas e religiosos evangélicos, em defesa da laicidade, só que, agora, com um componente novo: a presença de instituições culturais e científicas, capitaneadas pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, o que elevou o patamar dos debates (...) Uma comparação mostra o efeito da atuação vitoriosa dos defensores do ER contra os defensores da educação laica nas escolas públicas. A emenda popular que continha o apoio à laicidade recebeu 280 mil assinaturas, enquanto que o apoio à manutenção do ER nas escolas públicas foi subscrito por 800 mil pessoas (Cunha, 2006, p. 142).

Apesar do apoio popular manifesto quanto à manutenção do ER nas escolas, a LDB, editada em 1996, previa no artigo 33 que o componente deveria ser ofertado sem ônus aos cofres públicos (sem contratação de professores, portanto), sendo ministrada “por professores ou orientadores religiosos preparados e credenciados pelas respectivas igrejas ou entidades religiosas”, em caráter confessional ou interconfessional (Brasil, 1996). Três meses depois de sua publicação, um projeto de lei alterou o artigo em questão, estabelecendo o Estado como responsável pela oferta de ensino religioso e vedando o proselitismo. A medida que tramitou com forte atuação do deputado Padre Roque (PT), foi sancionada já em 1997, pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso (Cunha, 2006; Garutti, 2006).

A responsabilidade por sua oferta a cada Estado passa a caber aos sistemas de ensino determinar quais conteúdos curriculares devem ser aplicados, como devem ser ensinados, bem como os critérios para contratar os professores responsáveis por ministrar essa disciplina (Cardoso, 2017). Além disso, foi com a Lei nº 9.475 (Brasil, 1997) que se estabeleceram os princípios e os fundamentos que devem alicerçar epistemologias e pedagogias do Ensino Religioso, com respeito às diversidades religiosas e culturais sem o chamado proselitismo.

Desse modo, podemos retomar nesta discussão a contribuição de Carvalho (2020) que traz um pouco da perspectiva docente sobre o ER na formação integral do aluno. Assim como a de Cunha (2006), que evidencia a existência, por parte dos professores, de um diagnóstico de perda de valores como morais e referências de vida por parte dos alunos, diante da qual a disciplina de ER seria uma oportunidade de combater esse problema.

2.1 DEBATES SOBRE O ENSINO RELIGIOSO NA EDUCAÇÃO

Ao aprofundar um pouco mais o debate, Carvalho (2020) buscou apresentar a perspectiva dos professores que são responsáveis por ministrar essa disciplina em uma Região Metropolitana da Paraíba, nos anos finais do Ensino Fundamental. O autor investiga um pouco da sua trajetória, bem qual o papel desempenhado pela disciplina na formação dos estudantes e a compressão dos professores que a ministram.

Ainda nessa perspectiva, Cunha indica, a partir de Cavaliere, que o ER acaba ocupando na escola o espaço que:

Os professores, os dirigentes educacionais e os políticos, de um modo geral, estão de acordo sobre o que acreditam ser uma ameaça de descontrole social existente nos bairros populares, ameaça essa que estaria, também, dentro das escolas públicas, na forma de comportamentos indesejados, de agressividade e de resistência dos alunos à escola. A religião seria a “solução” encontrada pelo Estado e pelo magistério. O Estado abdica de sua função socializadora e cede às instituições religiosas parte de suas responsabilidades. O magistério, por sua vez, sobrecarregado de trabalho, não consegue dar conta das atividades correntes da escola nem promover atividades artísticas, culturais, esportivas, comunitárias ou de lazer que sejam capazes de enriquecer o ambiente escolar e as vidas das crianças que o frequentam e as de suas famílias. As bibliotecas e salas de leitura, quando existem, têm acesso restrito. Tampouco há atividades de apoio aos estudantes, que contem com a intervenção de psicólogos, assistentes sociais ou profissionais da saúde. Ou seja, há um vazio curricular e extracurricular na escola, que é preenchido pela religião. Mesmo existindo um sentimento de que a escola deva ser laica, o professorado capitula e acaba aceitando a oferta que vem de fora. Na prática, as aulas de religião são justificadas pelos professores como uma ferramenta a mais na luta pelo fortalecimento do controle dos alunos e pela consequente preservação de sua autoridade (Cunha, 2013, p. 937).

Há, assim, uma dificuldade do sistema escolar em proporcionar uma ação de afetividade em torno do processo de socialização, cabendo a disciplina de ER estimular uma formação moral no aluno (Cunha, 2013).

Carvalho (2020) analisa também a narrativa dos professores, procurando identificar se a laicidade do Estado e a diversidade sociocultural do país são respeitadas, ou seja, se eles procuram promover de alguma forma a tolerância religiosa e cultural. Através dessa análise, Carvalho (2020) argumenta que o Ensino Religioso como componente curricular, deve refletir uma demanda social, que se preocupa em uma formação integral e humanista do aluno, sendo este um ensino laico, que respeite as diversidades religiosas do nosso país, e que este promove a tolerância religiosa e cultural entre os alunos. Segundo o autor, o ensino religioso no Brasil está

interligado com sua própria história, tendo seu início ainda durante o processo de colonização até a contemporaneidade, desse modo o ER surgiu articulado entre catequese e alfabetização, ministrada pelos jesuítas, sob o controle da corte portuguesa.

Assim, reforçando essa perspectiva, para Cunha (2013) a escola transmite sempre aspectos de cultura, e um desses elementos é a religião, que sempre esteve presente na sociedade e acompanhou os indivíduos durante a história, permeando assim ao longo do tempo suportando as críticas e as mudanças. Assim “A religião faz parte da construção da existência humana, inspira condutas e valores, faz reconhecer uma forma de ser e estar no mundo, é um sistema de representação, de símbolos, estando, portanto, intimamente ligada à cultura” (Forquin, 1993, p. 16, apud, Carvalho 2020, p. 36).

Ainda nessa perspectiva, o autor ressalta que “há um vazio curricular e extracurricular na escola, que é preenchido pela religião” (Cunha 2013, p. 937, apud, Carvalho 2020, p. 35), notabilizando uma certa dificuldade do sistema escolar em proporcionar assim uma ação de afetividade em torno do processo de socialização, cabendo à disciplina de ER estimular uma formação moral no aluno, zelando tanto pelo conhecimento intelectual/científico mas também “pela formação ética, que desperte no aluno princípios importantes como, solidariedade, mansidão, igualdade, justiça, respeito, responsabilidade e honestidade” (Carvalho, 2020, p.35).

Percebe-se assim, que o ensino religioso no Brasil nunca saiu de fato de uma característica confessionalista. E por esse e outros motivos, foram surgindo ao longo dos anos diversos questionamentos acerca desse componente curricular no campo educacional, como a de “que não é papel do estado incentivar o avanço de uma determinada crença, mas sim garantir o desenvolvimento das diversas visões de mundo” (Cardoso, 2017, p.223).

Para visualizarmos melhor tal controvérsia faz-se necessário antes, entendermos um pouco como a Constituição Federal de 1988 (artigo 210), LDB/96 e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) desenvolveram os conteúdos a serem trabalhados pelos professores que lecionam a disciplina no Ensino Fundamental II.

Anos antes da homologação da BNCC, “a Constituição Federal de 1988 (artigo 210) e a LDB nº 9.394/1996 (artigo 33, alterado pela Lei nº 9.475/1997) estabeleceram os princípios e os fundamentos que devem alicerçar epistemologias e pedagogias do Ensino Religioso” (Carvalho, 2020, p.66). Sendo estas responsáveis dentro da esfera educacional, por garantir o respeito às diversidades religiosas e culturais sem o chamado “proselitismo”. Um tempo depois, de acordo com a BNCC através da “resolução CNE/CEB nº 04/2010 e a Resolução

CNE/CEB nº 07/2010 é reconhecido o Ensino Religioso como uma das cinco áreas de conhecimento do Ensino Fundamental de 09 (nove) anos” (BNCC, 2018, p. 437).

A partir disso, anos mais tarde ocorre a homologação da BNCC, em 2017, pelo Ministério da Educação (MEC), na qual o Ensino Religioso surge como componente curricular de todos os sistemas educacionais brasileiros do ensino fundamental, com oferta obrigatória de matrícula facultativa nos currículos escolares de todo país, com princípios pluralistas.

Entretanto o STF abriu votação no plenário no mesmo ano (2017) declarando constitucional por seis votos a cinco o ensino religiosos confessional na rede pública de ensino brasileira, dessa forma contradizendo a Lei 9475/97 que fazia com que teoricamente o ensino religioso perdesse seu caráter confessional e que deveria segundo esta passar a ser “macro ecumênico”, pluralista, inter-religioso e não proselitista. Uma decisão que passa a beneficiar a religião católica, predominante no território brasileiro e mais organizada em termos institucionais, por meio da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

O debate ocorreu a partir das diversas indagações que vinham sendo feitas pela Procuradoria Geral da República (PGR), acerca da vinculação da disciplina de ensino religioso a uma crença específica, a qual defendia também a laicidade do Estado e a necessidade dessa abordagem juntamente com as perspectivas históricas das diferentes doutrinas e religiões. Ficando então a cargo da presidente ministra Cármen Lúcia o voto divergente que favoreceu o ensino confessional, a qual alegou que, “ao prever a facultatividade da matrícula na disciplina, a Constituição Federal resguardou a laicidade do Estado e a liberdade de crença da população” (Teixeira, 2017). Sendo visto assim pela maioria, sem sentido a alterar a constituição vigente para a aplicação de um ensino não confessional nas escolas públicas brasileiras.

Tal decisão acaba sendo conivente com determinadas ideologias e certa maneira influenciando práticas doutrinárias nas escolas da rede pública, em um país com uma ampla diversidade cultural e religiosa que abarca em seu cotidiano práticas de intolerância e racismo religioso

Através dessas implementações e controvérsias surge a proposta curricular da Paraíba (PCPB), para sua elaboração, foi organizado um comitê de governança com representantes de algumas entidades, “como a coordenação estadual do currículo da SEECT-PB, um representante da coordenação estadual do currículo da UNDIME-PB, um analista da comissão do MEC e educadores dos sistemas de ensino e professores voluntários” (Holmes 2016, p.525).

Ainda no estado da Paraíba segundo a Secretaria de Estado da Educação e Cultura Conselho Estadual de Educação, no capítulo 3 da resolução nº 147/2008, no Art. 17 é considerado habilitado para lecionar na Educação Religiosa, nos anos finais do Ensino

Fundamental, “o portador de, no mínimo, diploma de licenciatura ou bacharelado em Ciências da Religião ou Educação Religiosa Escolar, História, Filosofia, Ciências Sociais, Pedagogia e Psicologia” (Governo da Paraíba, 2008, p.3). Com isso, a instituição escolar é responsável por designar um professor (a) dessas áreas, o qual ficará responsável pela disciplina. No caso da Escola Estadual Integral Técnica (ECIT) de uma cidade do Cariri Ocidental Paraibano, a professora responsável pela Educação Religiosa é formada em Ciências Sociais.

2.2 DIRETRIZES CURRICULARES PARA O ENSINO RELIGIOSO

Desde a redemocratização foram lançados três grandes documentos curriculares a nível nacional: Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 1998, Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM) de 2006 e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017.

Partindo de uma breve análise desses documentos buscando indicações para o ER, constatei que os PCN que são voltados para o ensino fundamental e médio não abarcam a disciplina nem indicações, as OCN's contemplam apenas o ensino médio, logo também não continham nada sobre o ER. Somente em 2017 com a aprovação da BNCC, o ER volta a aparecer nos documentos curriculares juntamente com todas as indicações que constituem o componente.

Também não foi encontrado um documento citado por vários autores na revisão bibliográfica realizada para a pesquisa, intitulado Parâmetros Curriculares Nacionais Para o Ensino Religioso (PCNER). Tal documento foi produzido pelo Fórum Permanente do Ensino Religioso – FONAPER, entidade civil organizada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Segundo Cunha (2006) as atividades referentes a essa entidade cabem a sistematização de congressos, cursos, publicações de livros e revistas, e perfil nas mídias digitais. O FONAPER atua em todo o território nacional ambigualmente em duas vertentes: “dentro do campo religioso” redigindo as posições da igreja sob as demais vertentes religiosas e fora do campo religioso atua sob bases “políticas e educacionais”.

Em nossas buscas, não encontramos o documento, inclusive no site do FONAPER, mas localizamos um texto identificado na capa como “Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso”, do Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso, mas assinado por Lizete Carmem Viesser no formato de artigo para o congresso acadêmico para 20o INTERCOM. Nele não há menções e/ou citações a órgãos oficiais, leis ou outros documentos nos quais a autora possa ter se baseado, o texto é apenas discorrido sem que sejam apresentadas indicações do que é seu caráter. O texto não assume nem formato de artigo acadêmico nem de documento curricular,

reúne apenas um conjunto de afirmações e indicações para direcionar o ER, mas apesar da falta de referências bibliográficas e da legislação pertinente, o material traz ideias interessantes.

O material traz um debate sobre o papel da escola, e sobre elementos que possam ser implementados e trabalhados na disciplina de E.R, trazendo eixos temáticos que servem como estrutura para o desenvolvimento da disciplina. Segundo a autora, a estrutura proposta reflete os elementos comuns a todas as religiões: “Culturas e Religiões, Escrituras Sagradas, Teologias, Ritos, Ethos” (Viesser, 1997, p. 4). Tal informação não procede pois ignora a característica das religiões baseadas em tradição oral, como candomblé, umbanda, jurema sagrada, etc.

Para cada um dos cinco eixos, a autora apresenta uma descrição do que seria o tema acompanhadas por sugestões de diálogos transversalizados com outras áreas do conhecimento, quais sejam: História, Sociologia, Filosofia, Psicologia, além de conceitos a serem estudados.

Organizei aqui em um quadro os eixos sugeridos pela autora, e os conteúdos estabelecidos com outras ciências:

Quadro 1: Eixos organizadores para os blocos de conteúdo e Conteúdos estabelecidos

Eixos organizadores para os blocos de conteúdo	Conteúdos estabelecidos a partir de:
Culturas e Religiões	-Filosofia da tradição religiosa: a idéia do Transcendente na visão tradicional e atual; -História e tradição religiosa: a evolução da estrutura religiosa nas organizações humanas no decorrer dos tempos; -Sociologia e tradição religiosa: a função política das ideologias religiosas; -Psicologia e tradição religiosa: as determinações da tradição religiosa na construção mental do inconsciente pessoal e coletivo.
Escrituras Sagradas e/ou Tradições Orais	-Revelação: autoridade do discurso religioso fundamentada na experiência mística do emissor que a transmite como verdade do Transcendente para o povo; -História das narrativas sagradas: o conhecimento dos acontecimentos religiosos que originaram os mitos e segredos sagrados

	e a formação dos textos; -Contexto Cultural: a descrição do contexto sócio-político-religioso determinante na redação final dos textos sagrados; -Exegese: a análise e a hermenêutica atualizadas dos textos sagrados.
Teologias	-Divindades: a descrição das representações do Transcendente nas tradições religiosas; -Verdades de fé: o conjunto de mitos, crenças e doutrinas que orientam a vida do fiel em cada tradição religiosa; -Vida além morte: as possíveis respostas norteadoras do sentido da vida: a ressurreição, a reencarnação, a ancestralidade e o nada.
Ritos	-Rituais: a descrição de práticas religiosas significantes, elaboradas pelos diferentes grupos religiosos; -Símbolos: a identificação dos símbolos mais importantes de cada tradição religiosa comparando seu(s) significado(s); -Espiritualidades: o estudo dos métodos utilizados pelas diferentes tradições religiosas no relacionamento com o Transcendente, consigo mesmo, com os outros e o mundo.
Ethos	-Alteridade: as orientações para o relacionamento com o outro, permeado por valores; -Valores: o conhecimento do conjunto de normas de cada tradição religiosa apresentado para os fiéis no contexto da respectiva cultura; -Limites: a fundamentação dos limites éticos propostos pelas várias tradições religiosas.

Fonte: Autor do trabalho

Chama atenção aqui o fato de alguns eixos organizadores coincidirem com alguns dos objetos de conhecimentos da BNCC, e a autora consegue de certo modo implementar também alguns elementos de outras áreas, e desse modo estabelecer diálogos possíveis entre eles, de uma maneira semelhante a proposta deste trabalho.

Embora tenha sido incluído na BNCC como área de conhecimento, a disciplina ainda permanece sem um material didático oficial, ainda não foi contemplada pelos editais do PNLD, logo não há um material baseado nos documentos oficiais disponibilizados para ela.

2.2.1 O Ensino Religioso na BNCC

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento base voltado tanto para o Ensino Fundamental como para o Ensino Médio, a fim de orientar e definir a organização dos currículos escolares através de suas competências (gerais e específicas), as habilidades e as aprendizagens necessárias para que os alunos desenvolvam durante cada uma das etapas da educação básica.

No caso do Ensino Fundamental, a BNCC estabelece cinco áreas do conhecimento (Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Ensino Religioso).

A BNCC caracteriza o ensino religioso baseado também em outras áreas de conhecimento como “Ciências Humanas e Sociais, notadamente da(s) Ciência(s) da(s) Religião(ões).” (Brasil, 2018, p. 436). Trazendo elementos que passam a compor desse modo a disciplina, como as diversidades socioculturais no âmbito religioso e as mais distintas cosmovisões sobre a vida e a morte, divindades, ritos/rituais, fenômenos, etc; e todos os aspectos que tangem esses conhecimentos e que passam também a estruturar esse componente, buscando demonstrar a multiplicidade das manifestações religiosas existentes na esfera das mais diversas culturas.

Ainda segundo a BNCC, “cabe ao Ensino Religioso tratar os conhecimentos religiosos a partir de pressupostos éticos e científicos, sem privilégio de nenhuma crença ou convicção” (Brasil, 2018, p. 438).

Considerando os marcos normativos e, em conformidade com as competências gerais estabelecidas no âmbito da BNCC, o Ensino Religioso deve atender os seguintes objetivos:

- a) Proporcionar a aprendizagem dos conhecimentos religiosos, culturais e estéticos, a partir das manifestações religiosas percebidas na realidade dos educandos;
 - b) Propiciar conhecimentos sobre o direito à liberdade de consciência e de crença, no constante propósito de promoção dos direitos humanos;
 - c) Desenvolver competências e habilidades que contribuam para o diálogo entre perspectivas religiosas e seculares de vida, exercitando o respeito à liberdade de concepções e o pluralismo de ideias, de acordo com a Constituição Federal;
 - d) Contribuir para que os educandos construam seus sentidos pessoais de vida a partir de valores, princípios éticos e da cidadania.
- (Brasil, 2018, p. 436).

Os objetivos propostos pela BNCC buscam de certo modo diversificar os conteúdos para o ER, à medida que trazem aspectos sobre pluralidade, respeito, diversidade, etc. No que aborda questões acerca do âmbito religioso, é importante notar também que não há indicações ao confessionalismo e práticas proselitistas no que constitui os objetivos, logo quaisquer práticas que vão de encontro ao que está sendo indicado não se sustentam nesse documento.

Assim, com esses princípios estabelecidos, a BNCC indica que o trabalho com o componente curricular deve desenvolver, ao longo de todo o Ensino Fundamental, as seguintes competências:

1. Conhecer os aspectos estruturantes das diferentes tradições/movimentos religiosos e filosofias de vida, a partir de pressupostos científicos, filosóficos, estéticos e éticos.
 2. Compreender, valorizar e respeitar as manifestações religiosas e filosofias de vida, suas experiências e saberes, em diferentes tempos, espaços e territórios.
 3. Reconhecer e cuidar de si, do outro, da coletividade e da natureza, enquanto expressão de valor da vida.
 4. Conviver com a diversidade de crenças, pensamentos, convicções, modos de ser e viver.
 5. Analisar as relações entre as tradições religiosas e os campos da cultura, da política, da economia, da saúde, da ciência, da tecnologia e do meio ambiente.
 6. Debater, problematizar e posicionar-se frente aos discursos e práticas de intolerância, discriminação e violência de cunho religioso, de modo a assegurar os direitos humanos no constante exercício da cidadania e da cultura de paz.
- (Brasil, 2018, p. 437).

É possível notar um caráter anti-etnocêntrico partindo dos objetivos à medida em que busca-se por filosofias que quebram com esses paradigmas e estimulam práticas que rompem com confessionalidade, como problematizações sobre práticas preconceituosas de cunho religioso. Trazendo elementos como respeito, o reconhecimento das diversidades, o combate às diversas práticas de violência religiosa, autoconhecimento/autocuidado, entre outros elementos que elucidam uma socioculturalidade curricular.

Para que tais competências sejam desenvolvidas, o ER é organizado nas seguintes unidades temáticas: 1) Identidades e alteridades; 2) Manifestações religiosas; 3) Crenças religiosas e Filosofias de vida.

Após estabelecer as competências e unidades temáticas para toda a etapa do Ensino Fundamental, o documento indica as unidades temáticas e objetos do conhecimento correspondentes, a serem abordadas do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental, e aponta as

habilidades a serem desenvolvidas pelos estudantes em cada uma dessas séries. Para facilitar uma visão geral da área do conhecimento, optamos por organizar as indicações em dois quadros, dividindo os anos iniciais e os anos finais do Ensino Fundamental:

Quadro 2: Unidades Temáticas e objetos do conhecimento para o Ensino Religioso nos anos iniciais do Ensino Fundamental, segundo a BNCC

Série	Unidade temática	Objeto do conhecimento
1º ano	Identidades e alteridades	O eu, o outro e o nós Imanência e transcendência
	Manifestações religiosas	Sentimentos, lembranças, memórias e saberes
2º ano	Identidades e alteridades	O eu, a família e o ambiente de convivência Memórias e símbolos Símbolos religiosos
	Manifestações religiosas	Alimentos sagrados
3º ano	Identidades e alteridades	Espaços e territórios religiosos
	Manifestações religiosas	Práticas celebrativas Indumentárias religiosas
4º ano	Manifestações religiosas	Ritos religiosos Representações religiosas na arte
	Crenças religiosas e filosofias de vida	Ideia(s) de divindade(s)
5º ano	Crenças religiosas e filosofias de vida	Narrativas religiosas Mitos nas tradições religiosas Ancestralidade e tradição oral

Fonte: (BNCC, 2017, p. 444)

Para os anos iniciais é possível perceber um foco no que concerne conhecer as diversidades, trazendo assim elementos que contribuam para que esse processo ocorra nas presentes temáticas e conteúdos propostos, como, ritos, representações, mitos, tradições, símbolos, etc; nas mais diversas esferas religiosas. Desse modo, podemos notar aqui um caráter

de certa forma introdutório no que diz respeito às cosmovisões do mundo a partir da religiosidade para os anos iniciais.

As habilidades a serem desenvolvidas são de identificar, reconhecer, exemplificar e respeitar símbolos, indumentárias, práticas, ritos e outros aspectos de diferentes manifestações religiosas.

Quadro 3: Unidades Temáticas e objetos do conhecimento para o Ensino Religioso nos anos finais do Ensino Fundamental, segundo a BNCC

Série	Unidade temática	Objeto do conhecimento
6º ano	Crenças religiosas e filosofias de vida	Tradição escrita: registro dos ensinamentos sagrados Ensinamentos da tradição escrita Símbolos, ritos e mitos religiosos
7º ano	Manifestações religiosas	Místicas e espiritualidades Lideranças religiosas
	Crenças religiosas e filosofias de vida	Princípios éticos e valores religiosos Liderança e direitos humanos
8º ano	Crenças religiosas e filosofias de vida	Crenças, convicções e atitudes Doutrinas religiosas Crenças, filosofias de vida e esfera pública Tradições religiosas, mídias e tecnologias
9º ano	Crenças religiosas e filosofias de vida	Imanência e transcendência Vida e morte Princípios e valores éticos

Fonte: (BNCC, 2017, 454)

Quanto aos anos finais dessa etapa do ensino, a BNCC estabelece a necessidade de, identificar, analisar, e reconhecer a importância dos mitos, estabelecer relações, princípios éticos e doutrinas nas mais diferentes culturas e esferas religiosas, são algumas das habilidades a serem desenvolvidas.

Nessa etapa, as habilidades são de reflexão sobre o lugar da religião na organização das sociedades, na condução da vida, o papel das lideranças religiosas, bem como questões éticas e metafísicas, como crenças, convicções e atitudes, imanência e transcendência, princípios e valores éticos entre outros.

Desse modo, ficam claros os diálogos possíveis com as ciências sociais, tendo em vista que alguns dos temas e conteúdos indicados tem um amplo debate. É nesse sentido que podem ser trazidas teorias, conceitos, autores, etc das ciências sociais que contribuam nesse processo, em especial aqui da antropologia tendo vertentes como símbolos, ritos, mitos religiosos, tradições, crenças dentre outro elementos que estão no cerne do que consiste a ciência, fazendo-a uma das direções que podem ser seguidas pelo professor ao desenvolver os pontos propostos.

2.2.2 Ensino Religioso no currículo da Paraíba

Quadro 4: Matriz curricular para o EF, no caso das escolas em tempo integral:

ESCOLA CIDADÃ INTEGRAL Aulas de 50 minutos			CARGA DE AULAS SEMANAL				CARGA HORÁRIA ANUAL			
	COMPONENTES CURRICULARES		6 Ano	7 Ano	8 Ano	9 Ano	6 Ano	7 Ano	8 Ano	9 Ano
Formação Geral	Linguagens	Língua Portuguesa	6	6	6	6	200	200	200	200
		Educação Física	3	3	3	3	100	100	100	100
		Artes	3	3	3	3	100	100	100	100
		Língua Inglesa	2	2	2	2	67	67	67	67
		Língua Espanhola	2	2	2	2	67	67	67	67
	Ciências Humanas e das Religiões	História	4	4	4	4	133	133	133	133
		Geografia	4	4	4	4	133	133	133	133
		Ensino Religioso	1	1	1	1	33	33	33	33
	Matemática e Ciências da Natureza	Ciências	3	3	3	3	100	100	100	100
		Matemática	6	6	6	6	200	200	200	200
	Total Formação Geral		34	34	34	34	1133	1133	1133	1133

Fonte: (Diretrizes Curriculares para EF, 2023, p, 2)

Vemos aqui que a disciplina de ER dispõe de uma aula por semana somando trinta e três aulas ao ano, sendo a disciplina com menos hora/ aula por semana.

A proposta Curricular da Paraíba para o Ensino Fundamental é organizada em áreas de conhecimento da mesma forma que a BNCC, mas, em cada uma, são definidas as disciplinas, com objetivos de aprendizagens e sugestões metodológicas. No documento, a área de Ensino Religioso é assim justificada:

A temática do Ensino Religioso Não Confessional nas redes públicas de ensino como direito do educando e como obrigatoriedade de oferta por parte do Estado está intrinsecamente ligada aos princípios democráticos e da paz, aos direitos

civis e políticos de cada cidadão, bem como dos Direitos Humanos (Paraíba, 2018, p.366).

O documento da Paraíba reforça os mesmos princípios da BNCC, citando vários trechos da base para destacar princípios como interculturalidade, ética da alteridade, direitos humanos e cultura de paz. Em seguida, para contemplar objetivos, conteúdos e habilidades da BNCC, a PCPB organiza objetivos de aprendizagem para cada uma das séries do Ensino Fundamental e propõe um detalhamento dos objetos da BNCC em tópicos de conteúdos. A título de exemplo, trazemos essa organização para o 8º e 9º ano, da maneira como aparece no documento:

Figura 1: Objetos e objetivos da disciplina no 8º ano, segundo a PCPB para o EF

ENSINO RELIGIOSO - 8º ANO		
UNIDADE TEMÁTICA: CRENÇAS RELIGIOSAS E FILOSOFIAS DE VIDA		
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDOS	HABILIDADES
1- Refletir sobre as influências de representantes de crenças religiosas que procuram induzir as pessoas a se converterem ao seu credo religioso, interferindo assim nas mudanças da filosofia de vida do ser humano. - Enfatizar como a mídia e/ou meios de comunicação podem exaltar ou desconstruir uma crença de acordo com seu posicionamento.	1- Crenças, convicções e atitudes: - Escolhas e diferenças culturais; - Os princípios éticos das tradições religiosas; - As exigências e qualidades éticas do procedimento humano na perspectiva da tradição religiosa.	(EF08ER01) Discutir como as crenças e convicções podem influenciar escolhas e atitudes pessoais e coletivas. (EF08ER02) Analisar filosofias de vida, manifestações e tradições religiosas destacando seus princípios éticos.
2-Desenvolver habilidades específicas sobre as diferentes culturas religiosas e doutrinas a respeito de suas concepções de mundo, da vida e morte.	2- Doutrinas religiosas: - Orientações éticas de vida, nas normas e crenças das tradições religiosas.	(EF08ER03) Analisar doutrinas das diferentes tradições religiosas e suas concepções de mundo, vida e morte.
3-Analisar os valores e limites éticos do poderio de algumas tradições religiosas que influenciam a mídia fazendo comparações com os líderes religiosos do passado, avaliando suas políticas que interferem na esfera pública.	3- Crenças, filosofias de vida e esfera pública: - História de vida de pessoas que viveram em função de sua fé, pelas causas humanitárias e sociais modificando a sociedade (Abraão, Moisés, Sidarta Gautama, Zaratustra, Confúcio, Jesus, Maomé, Lao-tsé, Gandhi, Martin Luter King, Madre Teresa de Calcutá, Sathya Sai Baba, Nelson Mandela, etc.).	(EF08ER04) Discutir como filosofias de vida, tradições e instituições religiosas podem influenciar diferentes campos da esfera pública (política, saúde, educação, economia). (EF08ER05) Debater sobre as possibilidades e os limites da interferência das tradições religiosas na esfera pública. (EF08ER06) Analisar práticas, projetos e políticas públicas que contribuem para a promoção da liberdade de pensamento, crenças e convicções.
Analisar o comportamento das tradições religiosas que utilizam como ferramenta de trabalho as novas tecnologias para doutrinar as pessoas, visando o processo de conversão com outros interesses para o lado socioeconômico.	4- Tradições religiosas, mídias e tecnologias: - As tradições religiosas e a mídia; - A utilização da tecnologia nas tradições religiosas, como uso na política partidária e sócio econômica.	(EF08ER07) Analisar as formas de uso das mídias e tecnologias pelas diferentes denominações religiosas.

Fonte: Paraíba (2023, p.375).

Figura 2: Objetos e objetivos da disciplina no 9º ano, segundo a PCPB para o EF

ENSINO RELIGIOSO - 9º ANO		
UNIDADE TEMÁTICA: CRENÇAS RELIGIOSAS E FILOSOFIAS DE VIDA		
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDOS	HABILIDADES
1- Debater e descobrir as dimensões e os sentidos transcendentais de algumas atitudes e valores do ser humano, refletindo à luz dos valores transcendentais, a respeito das dificuldades e dos perigos expostos na mídia, que podem impedir a vida saudável e o seu crescimento como pessoa.	1- Imanência e transcendência: - Diferenciar Imanência da Transcendência nas diversas culturas religiosas; - O sentido da vida; - A valorização da vida.	(EF09ER01) Analisar princípios e orientações para o cuidado da vida e nas diversas tradições religiosas e filosofias de vida. (EF09ER02) Discutir as diferentes expressões de valorização e de desrespeito à vida, por meio da análise de matérias nas diferentes mídias.
2- Problematicar e posicionar-se frente ao significado das afirmações e verdades de fé das tradições religiosas, reconhecendo o sentido que dão à vida e à morte, através de seus mitos e ritos fúnebres em suas mais diversas filosofias e concepções de vida.	2- Vida e morte: - Perguntas existenciais sobre o sentido da vida: Quem eu sou? De onde vim? Para onde vou? - A concepção de vida e morte na filosofia de vida da diversidade religiosa através dos ritos fúnebres; - As respostas existenciais norteadoras do sentido da vida: ressurreição; reencarnação; ancestralidade e o nada.	(EF09ER03) Identificar sentidos do viver e do morrer em diferentes tradições religiosas, através do estudo de mitos fundantes. (EF09ER04) Identificar concepções de vida e morte em diferentes tradições religiosas e filosofias de vida, por meio da análise de diferentes ritos fúnebres. (EF09ER05) Analisar as diferentes ideias de imortalidade elaboradas pelas tradições religiosas (ancestralidade, reencarnação, transmigração e ressurreição).
3- Desenvolver habilidades para a construção de um projeto de vida, fundamentado nos princípios e valores éticos, compreender que o consumismo, o individualismo e a competição apresentada pela sociedade são valores capazes de impedir a vivência de uma ação solidária.	3- Princípios e valores éticos: - A dignidade humana nas atitudes éticas em favor da vida; - Os princípios que norteam uma vida familiar, cultural e religiosa; - A fundamentação dos limites éticos, normas e valores pelas Tradições Religiosas no seio familiar para um projeto de vida.	(EF09ER06) Reconhecer a coexistência como uma atitude ética de respeito à vida e à dignidade humana. (EF09ER07) Identificar princípios éticos (familiares, religiosos e culturais) que possam alicerçar a construção de projetos de vida. (EF09ER08) Construir projetos de vida assentados em princípios e valores éticos.

Fonte: Paraíba (2023, p.376).

Quanto às possibilidades metodológicas, a PCPB organiza indicações breves para todas as séries dos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, contendo direcionamentos de como o docente pode trabalhar cada unidade temática em cada série, sendo de uma e duas unidades temáticas a serem trabalhadas em cada uma, são elas:

1º ano: Identidades e Alteridades. Tema: A alteridade: O eu e o outro e Tema: Sentimentos, lembranças, memórias e saberes;

2º ano, Unidade Temática: Identidades e Alteridades. Tema: Alteridade. A família e a convivência com o outro e Unidade Temática: Manifestações Religiosas. Tema: O valor dos alimentos sagrados pelas diferentes culturas religiosas.;

3º Ano: Unidade Temática: Identidades e Alteridades. Tema: Alteridade. Espaços e territórios religiosos. Unidade Temática: Manifestações Religiosas. Tema: Práticas celebrativas. A força do símbolo em reunir;

4º Ano: Unidade Temática: Manifestações Religiosas. Tema: Ritos Religiosos e Rituais. Unidade Temática: Crenças Religiosas e Filosofias de Vida. Tema: Ideias de Divindades;

5º Ano: Unidade Temática: Crenças Religiosas e Filosofias de Vida. Tema: História das narrativas sagradas orais e escritas;

6º Ano: Unidade Temática: Crenças Religiosas e Filosofias de Vida. Tema: As tradições escritas: registros dos ensinamentos.

7º Ano: Unidade Temática: Manifestações Religiosas. Tema: Místicas e espiritualidades. Unidade Temática: Crenças Religiosas e Filosofias de Vida. Tema: Princípios éticos e valores religiosos

8º Ano: Unidade Temática: Crenças Religiosas e Filosofias de Vida. Tema: Crenças, convicções e atitudes.

9º Ano: Unidade Temática: Crenças Religiosas e Filosofias de Vida. Tema: Imanência e Transcendência.

Abaixo de cada um dos elementos já apresentados há indicações com os mais diversos métodos e recursos a serem utilizados na abordagem dos temas em sala de aula, como , trabalhar questões sobre a identidade do educando, como conhecer a origem do seu nome ou retratar sua história através de desenhos, trazer fotografias e imagens de festas, acontecimentos que represente e tenha marcado de algumas forma a vida do educando, para que o docente faça a partir disso, um paralelo com o conteúdo.

É indicado também que o docente busque estabelecer uma conexão com as temáticas já abordadas sobre o assunto, bem como apresentar e desenvolver o conceito de família e suas multiplicidades, e para isso podendo realizados diálogos ou escrita sobre o tema. E assim sucessivamente, como trabalho com valores, trabalho, respeito, diversidade, princípios, dentre outros, acompanhados de mais algumas sugestões sobre recursos didáticos a serem utilizados como “elaborar cartazes com o conhecimento construído”, (...) construção de pequenos textos, cartazes, murais, exibição de vídeos etc.(...) coleta de informações em pesquisas e entrevistas, bem como exibição de vídeos, dentre outros recursos audiovisuais.”. (Paraíba, 2018, p. 377 a 379).

Para o 8º e 9º ano que é foram as séries selecionadas para análise, trouxemos as indicações mais detalhadamente a fim de um aprofundamento maior nas propostas sugeridas no documento respectivamente, sendo elas:

8º Ano: Unidade Temática: Crenças Religiosas e Filosofias de Vida.

Tema: Crenças, convicções e atitudes.

Escolhas e diferenças culturais. Os princípios éticos das tradições religiosas. Discutir com os(as) estudantes como as crenças e suas convicções podem influenciar nas escolhas e atitudes pessoais e coletivas e a linguagem simbólica. Isso pode ser feito por meio de textos ou filmes, abrindo-se espaço para o debate ou apresentação de seminários internos e/ou interclasses. (Paraíba, 2018, p.379)

9º Ano: Unidade Temática: Crenças Religiosas e Filosofias de Vida. Tema: Imanência e Transcendência. Diferenciar Imanência da Transcendência nas diversas culturas religiosas. Observar, juntamente com os alunos, os princípios e orientações para o cuidado com a vida nas diversas tradições religiosas e seus estilos de vida. É possível ainda destacar as diferentes expressões de valorização e de desrespeito à vida, por meio da coleta de informações em pesquisas e entrevistas, bem como exibição de vídeos, dentre outros recursos audiovisuais. Por fim, gostaríamos de destacar a sala de aula como um espaço onde o professor cria estratégias didático-pedagógicas que coloquem em diálogo, confronto e debate o conhecimento teórico-prático em um determinado contexto, ocupado ou constituído por agentes em contínua formação. Nesse sentido, o conjunto de sugestões aqui apresentadas não têm a intenção de determinar o trabalho do professor, mas, antes, de orientar as possibilidades para desenvolvê-lo, resguardando sua autonomia profissional. (Paraíba, 2018, p.379)

Nota-se aqui, que os temas e as possibilidades metodológicas têm uma coerência no que tange às propostas estabelecidas, mostrando-se que apesar de breve consegue trazer um norte para os docentes que estão trabalhando a disciplina.

2.2.3 Outros documentos orientadores para o Ensino Religioso

A falta de um material base para o E.R levanta as mais diversas possibilidades de recursos e meios para a disciplina, inclusive os documentos curriculares oficiais, que apesar dos recursos não se mostram suficientes.

Isso nos levanta a seguinte questão, se não há uma distribuição de um material padrão que fora aprovado no edital, e não está ocorrendo a compra por parte do poder público para uma distribuição, logo os livros que passam a ser utilizados são os confessionais ao serem adotados nas escolas privadas, e por consequência nas escolas públicas, estas que são a grande maioria no nosso país, e que acabam reféns da escassez de materiais voltados para disciplina pois não há materiais disponíveis para isso.

Não há livros didáticos oficiais para a disciplina de ER, pois ela acabou não sendo contemplada pelos editais do PNLD. Apesar disso, de certo modo existem materiais de redes estaduais e municipais de educação, que foram mapeadas pelo portal do MEC no gov.br¹ intitulado “Materiais Didáticos para o componente curricular Ensino Religioso visando a implementação do artigo 33 da Lei 9394/96 revisto na lei 9475/97”, produzido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura/UNESCO junto ao Conselho Nacional de Educação (CNE).

O documento possui 103 páginas e elenca cada material produzido e disponibilizado por região (Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste, e em cada quadro com as regiões, os Estados que contém esses materiais, por motivos de recorte focamos apenas na região Nordeste, mais especificamente no estado da Paraíba.

Quadro 5: Produção de Recursos da Região Nordeste

Região	Estado	Documento	Ano	Autor
Nordeste	Maranhão	Caderno do 1º Ciclo – Ensino Fundamental	2009	Secretaria Municipal de Educação de São Luís
	Rio Grande do Norte	Caderno Pedagógico Ensino Religioso - 10	2002	Secretaria de Estado de Educação do Rio Grande do Norte
		Referencial Curricular Ensino Fundamental	2008	Secretaria Municipal de Educação de Natal
		Caderno Pedagógico Ensino Religioso - 01	2009	Secretaria de Estado de Educação do Rio Grande do Norte

Região	Estado	Documento	Ano	Autor
		Caderno Pedagógico Ensino Religioso - 02	2009	Secretaria de Estado de Educação do Rio Grande do Norte
	Alagoas	Referencial Curricular da Educação Básica da Rede Estadual de Ensino do Estado de Alagoas – Ensino Religioso	2014	Secretaria do Estado de Educação de Alagoas
	Sergipe	Não há registro		
	Pernambuco	Parâmetros Curriculares do Ensino Religioso para o Ensino Fundamental	2015	Secretaria do Estado de Educação de Pernambuco
	Paraíba	Ensino Religioso Hoje (Princípios, objeto e objetivos do Ensino Religioso	2004	Secretaria do Estado de Educação da Paraíba
		Referenciais Curriculares do Ensino Fundamental 'Educar em e para.... Vol 03	2010	Secretaria do Estado de Educação da Paraíba
	Ceará	Diretrizes curriculares para o ensino fundamental do sistema público municipal de ensino de Fortaleza – Vol 02	2011	Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza
	Piauí	Orientações Curriculares para o Ensino Religioso das escolas da rede estadual de ensino	2011	Secretaria do Estado de Educação do Piauí
	Bahia	Proposta curricular para o Ensino Fundamental	2005	Secretaria Municipal de Educação Barreira

Fonte: (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2016, p, 42)

¹ <http://portal.mec.gov.br/docman/junho-2016-pdf/44061-produto-1-materiais-didaticos-para-componente-curricular-ensino-religioso-pdf/file>

No estado da Paraíba, há duas indicações de documentos sob autoria da Secretaria do Estado de Educação da Paraíba, porém esses documentos não foram encontrados na internet.

3. METODOLOGIA

Partimos da proposta de identificar os desafios enfrentados pelos professores e alunos na disciplina de ensino religioso nas escolas públicas, a fim de empregar as ferramentas das Ciências Sociais, trazendo suas contribuições teóricas e conceituais para enriquecer o ensino religioso nas escolas, e assim propor um caminho para o ensino religioso na educação, para isso, foram realizadas algumas etapas descritas a seguir.

3.1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A primeira parte da pesquisa consistiu em levantamento bibliográfico em busca de trabalhos que pudessem servir como ponto de partida para a construção do projeto. Esses resultados foram posteriormente refinados a partir de novas buscas no Google Acadêmico com combinação das seguintes palavras-chave: Ensino Religioso + Intolerância + Educação; Educação religiosa + Experiências + Educação básica; Marcos Regulatórios + Ensino Religioso; Ciências Sociais + Religião + Educação; etc.

Sobre a história do ensino religioso no Brasil, destaca-se Carvalho (2020) com “Ensino religioso no currículo escolar: entre a legislação e a perspectiva de professores de escola pública” e Cardoso (2017) “A Breve trajetória do Ensino Religioso no Brasil”. Em relação às normativas e debates jurídicos, Holmes e Barcellos “O Ensino Religioso na Proposta Curricular do estado da Paraíba (PCPB): resistência e perspectivas”, e em relação aos documentos curriculares, Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e a Proposta Curricular da Paraíba, especificamente a parte voltada para o componente curricular, Ensino Religioso (PCPB) e Diretrizes Operacionais.

3.2 OBSERVAÇÕES EM SALA DE AULA

No total, foram realizadas quatro observações na disciplina de Ensino Religioso que ocorreram em duas ocasiões em duas séries dos anos finais do ensino fundamental, três no 8º ano e uma no 9º ano. O campo foi uma Escola Cidadã Integral Técnica (ECIT), localizada na zona urbana de uma cidade do Cariri Ocidental Paraibano, e que é voltada para o ensino fundamental, médio e EJA. A entrada na escola campo ocorreu inicialmente a partir de minha participação no Pibid de Ciências Sociais e posteriormente no Estágio Curricular Supervisionado II.

3.3 PESQUISA E ANÁLISE DOCUMENTAL

A pesquisa e análise de documentos começou pelos documentos curriculares oficiais como a Base Nacional Comum Curricular, a Proposta Curricular da Paraíba, especificamente a parte voltada para o componente curricular e Ensino Religioso, notícias de jornal, entre outros. Os documentos foram fichados e utilizados neste trabalho.

Foi feita a leitura dos itens do ensino fundamental anos finais da BNCC, mais especificamente sobre o componente do ensino religioso no 8º e 9º ano, analisando a proposta para a disciplina, unidades temáticas, competências e habilidades e objetos de conhecimento.

O Conselho Estadual de Educação, institui no capítulo 3 da resolução nº 147/2008, no Art. 17, que “é considerado habilitado para lecionar na Educação Religiosa, nos anos finais do Ensino Fundamental, o portador de, no mínimo, diploma de licenciatura ou bacharelado em Ciências da Religião ou Educação Religiosa Escolar, História, Filosofia, Ciências Sociais, Pedagogia e Psicologia” (Conselho Estadual de Educação-PB, 2008, p.3). Com isso, a instituição escolar é responsável por designar um/uma professor(a) dessas áreas, o qual ficará responsável pela disciplina. Este é o caso da Escola Estadual Integral Técnica (ECIT), campo deste trabalho, onde a professora, que é formada em Ciências Sociais e leciona as disciplinas de sociologia, filosofia e projeto de vida, também assumiu o ER.

Em notícias de jornal encontrei, um processo de votação no plenário do Supremo Tribunal Federal (STF), no qual foi declarado constitucional por seis votos a cinco o ensino religiosos confessional na rede pública de ensino brasileira, contradizendo a Lei 9475/97 criada anteriormente e que garantia um ensino pluralista, inter-religioso e não proselitista.

Busquei nesses documentos informações e embasamento teórico para endossar a discussão sobre o tema, bem como fundamentar os argumentos e responder às questões como qual viés acerca dessa disciplina está sendo adotado? Como está sendo trabalhada a disciplina em sala de aula? Quais materiais estão dispostos para isso? Questões como essas que ainda permeiam o tema.

Também foram analisados dois materiais escolhidos por serem aqueles que os professores entrevistados estarem utilizando. A primeira foi cartilha Caminho para Deus 9º ano da Prefeitura de Petrópolis- RJ, documento que possui 90 páginas e é voltado somente para a última série dos anos finais do ensino fundamental. Nessa cartilha analisei apenas os conteúdos voltados ao primeiro e segundo bimestre, o primeiro intitulado 1. Cidadania e convivência aborda os seguintes temas, 1.1 Convivência consigo mesmo; 1.2 Convivência com o outro; 1.3 Convivência com Deus; e 1.4 Cidadania. E o segundo intitulado 2. Ciência e religião que aborda 2.1 Fé e razão; 2.2 Cultura e ciência; 2.3 Fé e ciência: crença e

conhecimento.

O segundo material foi o livro didático “Descobrimos novos caminhos”, que contém 149 páginas, produzido pela editora FTD do ano de 2006 e de autoria de Terezinha M. L. da Cruz. O material faz parte de uma coleção com mesmo nome, com volumes que contemplam desde o 1º ao 9º ano do ensino fundamental. Por meio do recorte da pesquisa foi analisado apenas o

material referente ao 9º ano. O volume se divide em quatro unidades temáticas com quatro tópicos cada um, da seguinte maneira: Unidade 1 Planejando a construção: 1-Projeto de vida; 2- Educar-se para poder construir; 3- Política a serviço da vida; 4- Reconciliados para viver melhor; Unidade 2 Homens e mulheres constroem; 5- Uma parceria criativa; 6- E a família, como vai?; 7- O amor é lindo...e poderoso!; 8- Mulheres que fazem história; Unidade 3: Condições para construir: 9- Confiar e construir; 10- Ser ou parecer; 11- Instruções para viver melhor; 12- Fé: alimento e força; Unidade 4 Destino de construção: 13-Encontrar Deus...Onde?; 14- Viver...Morrer...E depois?; 15-Luta esperança até o fim; 16- Vencendo os desafios da vida.

A escola campo oferta do 7º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio. Por questões de tempo para análise do material, escolhi os conteúdos referentes apenas ao 9º ano, que posteriormente viria a ser a série teste para a aplicação da intervenção pedagógica.

3.4 ENTREVISTA COM OS PROFESSORES DA ESCOLA CAMPO

Na segunda parte do trabalho, realizei uma pesquisa de cunho qualitativa, utilizando o formato de entrevista com a professora que ministra a disciplina de ER na escola campo deste trabalho, e também com o professor de espanhol, que era responsável anteriormente pela disciplina. Antes da realização das entrevistas, foram impressos dois termos de consentimento direcionados aos entrevistados, os quais foram devidamente assinados por ambos (Apêndice A).

As entrevistas foram realizadas separadamente com cada professor em uma sala de aula da escola. Para as entrevistas, foram utilizados uma folha A4 com dezessete questões no total, sendo nove questões direcionadas para a professora de ER, e oito questões para o professor de espanhol. Também foi utilizado o gravador do meu celular para poder ter acesso aos áudios posteriormente, as questões foram lidas por mim, e os entrevistados não tiveram acesso às questões, sendo a entrevista realizada de maneira estruturada para ambos.

Cada entrevista durou em média vinte e seis minutos, e o primeiro a ser entrevistado foi o professor de espanhol. As perguntas foram feitas em três blocos: perfil e experiências dos professores, material e estratégias de ensino e opinião dos docentes acerca da pertinência da disciplina no currículo e da formação do docente responsável (Apêndice B) e (Apêndice C).

4. O ENSINO RELIGIOSO NA ESCOLA CAMPO

Os entrevistados fazem parte do corpo docente de uma escola ECIT localizada em um município do Cariri Ocidental paraibano. A docente responsável pelo componente de ER tem 34 anos, possui graduação e mestrado em Ciências Sociais, está responsável pela disciplina desde o ano de 2022 e retratou nunca tê-la lecionado anteriormente, vendo esse processo como uma nova experiência assim como um grande desafio. Além dela, entrevistei o docente responsável pela disciplina entre 2021 e 2022. Ele tem 35 anos e possui graduação em Letras com habilitação em espanhol.

4.1 O PERFIL DOS PROFESSORES DE ENSINO RELIGIOSO

O processo para que os professores sejam designados a determinada disciplina varia de escola para escola, e de estado para estado, sendo determinado seja pela secretaria de educação, direção, a depender da distribuição de carga horária, experiência, etc. Na escola campo, esta disciplina cumpre o papel de complementação de carga horária para docentes cujas disciplinas têm menor quantidade de aulas. E isso acontece em quase todo o Brasil.

De acordo com o Censo Escolar 2023, “para os anos finais, o indicador de adequação da formação docente demonstra que o pior resultado ocorre para a disciplina de Língua Estrangeira, em que apenas 45,3% das turmas são atendidas por docentes com formação adequada (grupo 1 do indicador)”. (INEP, 2023, p.60).

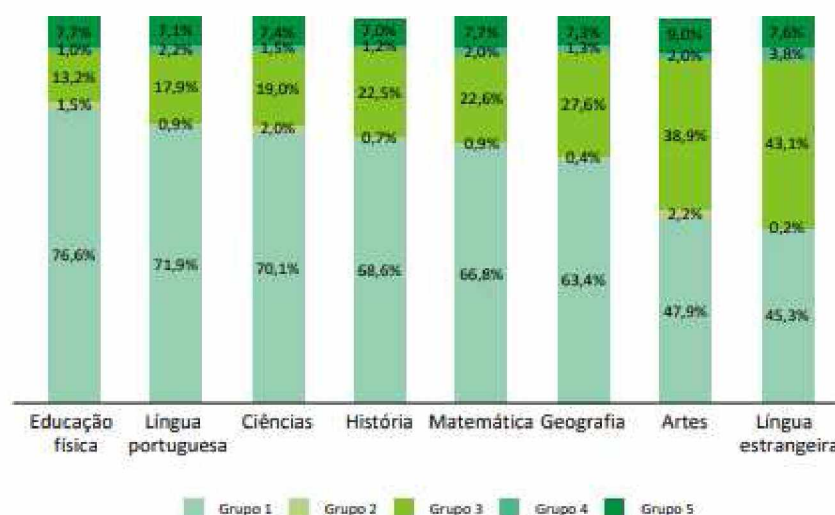


GRÁFICO 47
INDICADOR DE ADEQUAÇÃO DA FORMAÇÃO DOCENTE PARA OS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL, SEGUNDO A DISCIPLINA – BRASIL – 2023

Fonte: Elaborado pela Deed/Inep com base nos dados do Censo Escolar da Educação Básica.

Não é coincidência, portanto, que a disciplina de ER tenha sido direcionada ao professor de espanhol, que, na época em que chegou à escola, tinha carga horária insuficiente, sendo então incumbido da disciplina de ER nas turmas de 7º, 8º e 9º ano. Antes disso, ER tinha passado por dois professores de educação física. Embora essa seja a disciplina com menor distorção entre formação e atuação no EF, trata-se de uma escola de pequeno porte, com dois profissionais da área, daí a busca por complementação de carga horária que, na Paraíba, era de 28h por semana em sala de aula, para professores em regime de 40h semanais.

Já no ensino médio, “o pior resultado é observado para a disciplina de Sociologia, em que apenas 36,9% das turmas são atendidas por professores com formação adequada (grupo 1 do indicador)” (INEP, 2023, p.64).

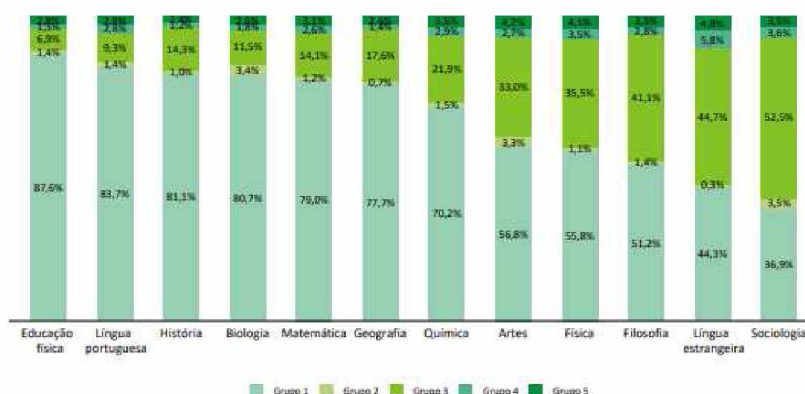


GRÁFICO 50
INDICADOR DE ADEQUAÇÃO DA FORMAÇÃO DOCENTE PARA O ENSINO MÉDIO, SEGUNDO A DISCIPLINA – BRASIL – 2023

No caso da professora atual, que chegou à escola em 2018, a responsabilização pela disciplina deu-se também devido à resolução nº 147/2008 do Conselho Estadual de Educação da Paraíba, cujo Art. 17² estabelece que os professores das áreas das ciências da religião ou educação religiosa, história, filosofia, pedagogia, psicologia ou ciências sociais, que era o seu caso. Assim, desde o início de 2023, para cumprir a resolução, a direção nomeou a professora formada em Ciências Sociais para o componente curricular.

Para a docente, essa escolha dos professores das ciências humanas e sociais aplicadas se deu pelo fato dos conteúdos que são trabalhados aos menos por ela nas disciplinas de sociologia e filosofia terem alguma relação: “como norma para a escola veio o ano passado, aí

² A resolução pode ser encontrada em: http://ole.uff.br/wp-content/uploads/sites/600/2019/06/pb_resolucao_147_2008.pdf

eu fiquei responsável pela disciplina desde então (...) que tem um pouco a ver com meio que uma sequência de coisas que a gente vê um pouco né, de filosofia, sociologia (...).”

A falta de uma formação dos professores para disciplina de ER e essa rotatividade que ocorre na disciplina mostra as dificuldades de consolidar determinados conteúdos, metodologias, etc; para desenvolvimento da disciplina. Sendo essa rotatividade resultado da extensa carga horárias dos professores no Novo Ensino Médio (NEM) que acabam por ter que complementa-la com outras disciplinas como o ER e séries de ensino fundamental. Por consequência o ER acaba se caracterizando como uma disciplina “tapa buraco” para os docentes, que acabam por ter que assumir a disciplina sem um “norte” conceitual/teórico já consolidado, que acabe por trabalhar e desenvolver de forma coerente as diversas questões que esse componente se propõe a trazer.

Em relação às experiências dos entrevistados lecionando a disciplina de ER, o professor de espanhol relatou que ficou responsável pela disciplina durante um ano e meio de 2021 até meados de 2022. Na perspectiva dele, foi uma experiência positiva. “Apesar do nome Ensino Religioso, a gente não trabalha a questão religiosa em si, né, mas a questão de princípios, e era muito bom”, afirmou.

Isso remete à perspectiva de Cunha (2006), citado brevemente na introdução deste trabalho, onde ele retrata sobre como a disciplina de ER tornou-se propícia para os professores abordarem questões como estas colocadas pelo docente em sala, tendo em vista “a perda de valores sociais e morais percebidos nos estudantes e professores dos centros urbanos”, sendo este um espaço no qual pode-se tocar nessas questões de maneira sensível mas também de modo a tentar estimular o resgate desses conceito nesses indivíduos de diversas formas e métodos.

Para a professora que está atualmente responsável pela disciplina, a experiência também tem sido boa apesar dela nunca ter lecionado a disciplina de ER, tendo em vista a pouca carga horária já ela havia tido experiências semelhantes com outras disciplinas como, geografia, história e atualmente lecionando também a disciplina de filosofia. A docente está há quase dois anos responsável pela disciplina (de 2023 a 2024), e encara essa experiência como uma novidade para ela diante do tempo que tem lecionado.

Antes de realizar entrevistas com os docentes, conforme mencionado na metodologia, tive a oportunidade de assistir a quatro aulas de ensino religioso, ministradas pela professora formada em ciências sociais, ainda no ano de 2023. O primeiro em que ela estava à frente do componente. Trarei a seguir o resultado dessas observações porque foi a partir delas que elaborei este projeto, pois a professora já havia mencionado que estava sentindo dificuldades e, acompanhando o seu trabalho em sala, pude ter uma visão mais clara sobre isso.

4.2 OBSERVAÇÃO DE AULAS

No ano de 2023, foram observadas três aulas no 8º ano e uma no 9º ano, com temas diferentes. Antes disso, tive acesso aos Guias de aprendizagem da Secretaria de Estado da Educação do Governo da Paraíba. Analisando esses documentos, é possível perceber que a professora finalizou no 3º bimestre os conteúdos previstos na PCPB para o ER, por isso, no bimestre final, a professora trouxe outras temáticas como complemento para a unidade.

Quadro 6: Conteúdos trabalhados pela professora de ER na escola campo. Paraíba, 2023

Série/Bimestre	3º bimestre conteúdos trabalhados	4º bimestre conteúdos trabalhados
8º ano	-Princípios éticos; -Valores religiosos e Direitos Humanos; -Brasil de todas as crenças; -Liberdade religiosa; -A vida e a morte.	-OS VÍCIOS: O alcoolismo, Drogas lícitas e ilícitas;
9º ano	-Limites e Possibilidades da Interferência das Tradições Religiosas na Esfera Pública; -A vida após a morte: Uma reflexão da sociedade atual; -Os ritos de vida e morte nas diversas tradições religiosas.	JUVENTUDE: O valor da vocação; -A adolescência; -Amor e Paixão.

Fonte: Autor do trabalho

Assim, as aulas a que assisti não correspondem ao que estava previsto na PCPB, e, por isso, é perceptível que tinham um caráter mais experimental tendo em vista de que era o primeiro contato da professora com a disciplina. É possível perceber também a iniciativa da docente em não limitar-se apenas à proposta que o estado exige, buscando temáticas relevantes para os adolescentes a serem trabalhadas em sala.

Nessa construção, a professora usou como recurso o livro Caminhos para Deus (9º ano) adotado para o ER pela Prefeitura de Petrópolis.

4.2.1 Observação de aula 1 (8º ano. Tema: liberdade)

Na primeira observação realizada, um horário antes do intervalo da tarde, o tema da aula era “Liberdade” e a professora utilizava em suas aulas os mesmos recursos que eu já havia observado nas aulas de sociologia: TV, slides e quadro branco, repetindo o uso em todas as aulas observadas e relatadas aqui. É comum que a docente utilize tais materiais e alguns métodos em sua prática em sala de aula, como iniciar a aula com revisões dos conteúdos vistos até o momento, correções de atividades/provas em conjunto com a turma, perguntas problematizadoras, entre outras metodologias aqui descritas.

Nesta aula, os alunos e a professora estavam estudando o texto intitulado “A parábola do bem e do mal- uma história para gente grande” de Rudolf Steiner, que falava sobre a história da árvore e o machado, na qual em um diálogo entre eles, o machado fala para a árvore “que poderia cortá-la se quisesse e ela não poderia lhe fazer nenhum mal”. A árvore então o retruca dizendo que mais cedo um lenhador teria feito um cabo para um machado semelhante a ele com sua própria madeira e que também podia feri-la, mas não o fez. Ao final do texto, o material trazia a pergunta para reflexão: “como o mal pode vir do bem?”.

Após ouvir os alunos falarem sobre o assunto por um tempo, a professora exibiu um vídeo intitulado “Fazer o bem”, com 3:06 minutos³. O vídeo, popular na internet, retrata a rotina de um rapaz fazendo gestos de gentileza todos os dias para com os demais sem ser retribuído por eles. Dá comida a um cachorro; doa dinheiro a uma mãe que, junto à filha, pede colaboração para que a criança possa estudar; rega uma planta da rua; ajuda a empurrar uma carroça, etc.

Todas as cenas são mostradas com cores frias, remetendo à melancolia e uma música instrumental no mesmo tom. Após uma transição que indica que as cenas se repetem todos os dias, o rapaz se depara com a menina que ele ajudava indo para a escola, as plantas crescidas, pessoas que ele ajudou sorrindo e ele acaba adotando o cachorro.

Quando o vídeo se encerrou, a professora perguntou para a turma: “que lição podemos tirar desse vídeo?” “Faz diferença para quem a atitude dele?”

Aluno 1: “para as outras pessoas”

Professora: “e o que a gente ganha com isso?”

Aluno 1: “felicidade”.

A discussão prossegue e a professora continua a fazer perguntas relacionadas aos temas, “quem criou o mal?”

³ <https://youtu.be/CV9bPdnHBkk?si=SbNhwD0Brs0BujDC>

Aluno 2: “A gente”

Aluno 3: “Se Deus criou o mundo, quem foi que criou Deus?”

Professora: “bom, isso é um mistério”.

Para encerrar a aula, realizou uma atividade, pedindo que os alunos conversassem entre si para responderem às perguntas da aula: “explique segundo a história como o mal pode vir do bem?” e “que lições podemos tirar do vídeo?”. As questões deveriam ser respondidas no caderno para vistos futuros.

Notei que além da turma ser participativa, os conteúdos trabalhados conseguiram aguçar um pouco da curiosidade dos alunos, desde a leitura coletiva da parábola, o vídeo exibido o qual conseguiu chamar bastante atenção, e as perguntas na lousa ao final da aula. Tais metodologias conseguiram seguir uma linha que não só contemplava o tema da aula “felicidade”, mas também abarcava outros elementos, como solidariedade, gentileza, bondade e maldade, entre tantos outros elementos, e os objetivos que aparentemente alcançavam.

Senti falta de um pouco mais de problematizações e diversificação e transversalidade dos conteúdos, ganchos que poderiam ter sido aproveitados para aprofundar ainda mais a discussão, como a origem dos deuses, vinda da pergunta feita pelo aluno, e como isso se explica em algumas crenças/religiões, por exemplo.

4.2.2 Observação de aula 2 (8º ano. Tema: consumismo)

A segunda aula ocorreu no 8º ano B, um horário antes do almoço, nesta aula a professora recapitulou os conteúdos da aula anterior sobre “felicidade”, e sem seguida ocorreu então uma breve discussão sobre o texto “Consumir: um caminho para a felicidade”. A ideia do texto é abordar questões como, os direitos dos consumidores parecem estar sendo mais assistido do que o direito dos próprios cidadãos, como: consequência do reflexo da sociedade atual, e a projeção de garantir “quem somos” através do que temos alimentado assim o individualismos e como isso acaba nos afetando quanto indivíduo.

A professora então questiona “Será que consumir é um caminho para a felicidade?”

Aluno 1: “Sim e não”

Professora: “Porquê?”

Aluno 1: “Porque a pessoa fica feliz quando compra e fica triste quando vai pagar” .

Após isso os alunos foram convidados pela professora a fazerem a leitura coletiva do texto. Após a leitura houve uma breve reflexão, e em seguida, foi passada uma atividade na qual a turma foi dividida em quatro grupos: um grupo de cinco e quatro grupos de seis, para responderem às seguintes questões: 1) Você concorda que os direitos do consumidor são mais garantidos do que os direitos básicos dos cidadãos? Por que?; 2) Comente a frase: “Ainda prevalece a ideia de que todos podem usufruir os benefícios da modernidade e da tecnologia?”; 3) Faça uma campanha publicitária para convencer as pessoas a se preocupar menos com o ter e mais com o ser.

Novamente aqui, tanto o tema quanto os conteúdos poderiam ter sido trabalhados mais a fundo, fazendo ponte também com as Ciências Sociais, como quando se fala da sociedade do consumo, consumismo, etc. podendo ser trazidas problematizações, de como o sistema capitalista está ligada a essa lógica de consumo, como isso acontece em nossa sociedade, alguns autores para embasar a teoria, etc.

Mas que apesar disso, a docente conseguiu na medida do que dispunha realizar o que foi proposto para a aula.

4.2.3 Observação de aula 3 (9º ano. Tema: convivência com o outro)

A primeira aula ocorreu na turma do 9º ano, horário antes do intervalo do lanche da tarde. O tema da aula naquele dia foi “Convivência com o outro”. Essa turma se mostrou participativa e aparentava gostar de atividades que envolviam vídeo, momentos lúdicos como brincadeiras, etc.

Para iniciar a aula, a professora expôs na TV um texto intitulado “Ajudar a aliviar a dor do outro”, o qual abordava questões como: como podemos ajudar na dor dos outros em momentos frágeis e difíceis da vida, como a enfermidade, confortando com gestos de fraternidade, carinho e calor humano, em seguida, a professora deu continuidade à aula fazendo perguntas: “O que é ter compaixão?” “compaixão é o mesmo que pena?”

Aluno 1: “sim”

Professora: “Porquê”

Aluno 1: “porque as duas coisas você faz quando quer ajudar alguém”

Em seguida iniciou-se um breve debate acerca da pergunta e do texto trabalhado, a professora abordou em alguns momentos temáticas como, direitos e deveres dos cidadãos, artigos da lei da Constituição Federal, entre outros.

Ao final da foi transmitido um pequeno vídeo intitulado “Cordas/Cuerdas” com 10:54 minutos, no qual uma minininha ajudava seu colega com deficiência a se enturmar na escola, até o dia em que ele partiu, o vídeo dá um salto temporal e mostra essa menina já na fase adulta como professora anos mais tarde. Ao final os alunos refletiram junto com a professora e discutiram a mensagem do vídeo. Por fim, a professora fez uma correção coletiva de uma avaliação anterior da disciplina com alguns alunos, a avaliação consistia em cinco questões sobre um texto que falava sobre os direitos e deveres dos cidadãos. (Observação: nesta turma tem um aluno cego, ele não participou ativamente da aula e não tem material inclusivo para ele na escola, é comum que ele participe apenas ouvindo e fazendo alguns comentários).

Nesta aula, a professora buscou trabalhar questões mais socioemocionais, trazendo recursos como o vídeo, conseguindo de certo modo que os alunos fizessem uma breve reflexão sobre o tema e os conteúdos propostos.

4.2.4 Observação de aula 4 (8º ano. Tema: diversidade religiosa no Brasil)

A segunda aula ocorreu na turma do 8º ano A, horário antes da saída, o tema da aula era “O Brasil de todas as crenças”, nesta aula a professora marcou uma atividade em grupo dando uma sugestão de produzirem uma “feira das religiões”, ela então dividiu seis grupos para apresentar curiosidades sobre dada religião dividido em etapas: pesquisa, organização e apresentação. As seguintes religiões foram escritas no quadro pela professora para que cada grupo escolhesse uma: Catolicismo, Evangélica (protestante), Espiritismo, Matrizes Africanas, Judaísmo, “Religião Indígena”. (Observação, nesta turma tem uma aluno autista sem acompanhamento).

Cada grupo ficaria responsável por apresentar elementos/curiosidades diversas sobre a religião em questão, apresentando para a escola no dia da exposição.

Diante das observações realizadas foram identificadas algumas lacunas mediante a abordagens dos conteúdos, as quais pontuo após cada uma das observações das aulas. Vê-se ainda a necessidade de aprofundamento um pouco maior nos conteúdos, que buscasse trazer problemáticas e discussões mais acentuadas e diversificadas sobre os temas trabalhados.

Apesar das limitações relacionadas ao tempo de dedicação para a disciplina disposta pela professora que na época das observações estava responsável por quatro disciplinas (sociologia, filosofia, projeto de vida e ensino religioso), ela conseguiu não só trabalhar em cima dos conteúdos dispostos pela PCPB, nos conteúdos referentes às crenças e convicções religiosas e doutrinas religiosas como, “A vida e a morte; A vida após a morte: Uma reflexão

da sociedade atual; Os ritos de vida e morte nas diversas tradições religiosas”, como também conseguiu trazer temas e conteúdos além disso, baseada no material da Secretaria de Educação da Prefeitura de Petrópolis-RJ, como, “A adolescência”, “Amor e paixão”, “Os vícios”, buscando contemplar ainda mais essa disciplina.

Visto que há sempre grandes diferenças entre o currículo oficial e o currículo real, realizar tais observações mostrou-se de grande importância para que eu pudesse entender melhor como são ministradas aulas da disciplina de fato, e o quanto isso se mostrou desafiador, para a professora de sociologia.

4.3 MATERIAIS E MÉTODOS UTILIZADOS PELOS DOCENTES PARA MINISTRAREM AS AULAS DE ER

As dificuldades de acesso aos materiais didáticos tendo em vista que a disciplina não foi contemplada pelo PNLD dão uma certa “liberdade” ao professor de selecionar quais materiais servirão como base para as aulas de acordo com seus próprios critérios. Seja pelas propostas curriculares, BNCC, internet, ementa de cursos da área ou até materiais didáticos de instituições escolares particulares confessionais, como ocorre na escola em que os entrevistados lecionam.

Segundo o professor de espanhol, a escola dispõe de um material didático que foi doado por alguns docentes da própria escola. O material advém de uma instituição particular católica de nome Lourdinás. segundo ele: “a gente pegava esse livro didático de ensino religioso dessas escolas particulares e também puxávamos na internet a ementa do curso de ensino religioso, no caso a ementa da disciplina para saber os conteúdos a serem lecionados para que a gente fosse adaptando”. (docente, espanhol).

Podemos perceber que a ausência de material próprio e adequado para a disciplina também contribui de certa forma para uma descontinuação de conteúdos relacionados ao componente. Cada professor escolhe o caminho que vai percorrer na disciplina, e acabam utilizando materiais que advêm de mais diversas vertentes e características abrindo ainda mais margem assim para uma prática proselitista na disciplina, mesmo sem a intenção do docente.

Desta forma a ausência de uma “ciência referência” que traga um arcabouço teórico/conceitual para a disciplina, bem como o déficit de docentes a frente da mesma sem formação na área, e as poucas opções de materiais didáticos não só dificultam o trabalho do professor, mas abrem um abismo entre o que se é proposto pela BNCC em que “cabe ao Ensino Religioso tratar os conhecimentos religiosos a partir de pressupostos éticos e científicos, sem

privilégio de nenhuma crença ou convicção” (Brasil, 2018, p. 438), e o que realmente acontece no “chão da escola”, contribuindo para caminhos que fogem da lógica proposta.

Para a professora que leciona a disciplina atualmente as experiências com os materiais dispostos não foi muito diferente. A mesma optou por trabalhar com um material em formato de pdf denominado “Caminhos para Deus” da prefeitura de Petrópolis-RJ, citado anteriormente neste trabalho, e preferiu nesse caso não utilizar o material disponibilizado pela escola. Segundo ela era mais fácil de ser trabalhado, e sua preferência mesmo era de trabalhar com temas não relacionados especificamente a questões apenas religiosas.

Com a promulgação da proposta curricular da Paraíba, posteriormente foi enviada para as escolas uma cartilha direcionada ao componente curricular de ER para serem utilizadas nas aulas pelos professores. Essa cartilha contempla todas as séries dos anos finais do ensino fundamental, mas na opinião da entrevistada a cartilha também não se caracteriza como material didático. Segundo ela as temáticas são expostas para os professores trabalhá-las por bimestres, sugerindo por alto formas de se trabalhar a disciplina, mas que não se propõe a sugerir atividades, textos, etc.; para serem desenvolvidos pelo professor, e o que tem não se mostra suficiente, como exemplifica a docente: “a tá falando lá: “diante do exemplo para fazer uma (...) meditação, um relaxamento, e eu não sei fazer meditação, eu não estudei para fazer meditação, não sei fazer um relaxamento, eu não vou fazer uma coisa que eu não sei fazer”. (Professora, C.S).

Desse modo, ela retrata um exemplo de como se propõe a trabalhar tais temáticas da disciplina tendo em vista essas limitações:

Agora no 9º a gente tava falando sobre essa questão né, de como as diferentes religiões trabalham a vida e a morte, os ritos, aí eu pego o tema lá, aí vou pesquisar sobre e aí eu desenvolvo sobre isso com eles, lá no 8º ano tem uma parte lá que tá falando (...) sobre a questão de até que ponto as religiões né ou a questão cultural religiosa pode interferir nos ambientes públicos, tipo como essas questão de você ter um crucifixo é, das repartições públicas, dos feriados que são religiosos, essas questões assim. Acho Interessante a forma que trás, aí eu pesquiso sobre e vou desenvolver com eles na sala (Professora de ER).

Assim, buscando por meio de outras alternativas complementar seus conteúdos de modo que consiga desenvolver as propostas sem distanciar-se de suas práticas e campos da sua área de conhecimento.

Viu-se que os professores utilizam as mais diversas metodologias de ensino para lecionarem as disciplinas os quais são responsáveis, no ER não é diferente. Diante de tantos

desafios que permeiam a prática pedagógica, os docentes que lecionam a disciplina ainda tem fatores que, como a falta de formação acabam por intensificar as limitações enfrentadas.

O professor de espanhol retrata em dado momento que costumava trabalhar a disciplina fazendo a utilização de slides e algumas dinâmicas, e dessa forma trabalhar a partir disso reflexões, como as chamadas “moral da história”. Buscava trazer para aulas curtas metragens e filmes como “O menino do pijama listrado”, “Corrente do bem”, “Madre Teresa” e “A onda” para tratar de temáticas como, amizade, empatia, tolerância religiosa e bullying. Estratégias utilizadas pelo docente para diversificar o ensino e facilitar as rodas de discussão, buscando mesclar também com metodologias tradicionais, como exercícios sobre os assuntos.

Já nas experiências relatadas pela docente formada em Ciências Sociais, ela sente em sua prática metodológica dificuldade com duas coisas: a primeira é sobre a questão do material e a segunda pelas turmas serem de ensino fundamental e serem mais “barulhentas” que as turmas com as quais ela está habituada a trabalhar que são as de ensino médio. Então, para ela acaba sendo uma experiência diferente, já que segundo a mesma, nas turmas de ensino médio ela costuma puxar um pouco mais, cobrar mais, e com o ensino fundamental foi diferente, ela teve que se reinventar, trabalhar mais dinâmicas, aulas mais interativas e atividades em grupo, e que diante da falta de material ela buscava observar mais as turmas e propor atividades que se adequem melhor ao seus perfis.

Foi a partir dessas observações que a professora se propôs a realizar algumas atividades com suas turmas de ER:

(...) eu tô tentando produzir umas apresentações tipo uma feira das religiões, e aí eu tô desenvolvendo o trabalho com eles, e aí é tipo um trabalho de formiguinha mesmo por que a cada semana a gente vai tentando, mas é pouco tempo pra gente ir desenvolvendo, eles também precisam de uma supervisão maior do que tipo um trabalho quando eu faço para o ensino médio, assim, questão de pesquisa de realmente, conseguir fontes, de realmente saber se aquele material está atualizado né, porque quando a gente tem um material didático que a gente utiliza é mais fácil, e quando a gente não tem aí você vai fazer pesquisas pela internet mesmo, e vamo tentando fazer a construção”.

(Professora de ER)

Além do trabalho que estava realizando com a turma do 8º ano, na construção da feira das religiões, paralelamente a docente também estava desenvolvendo com a turma do 9º ano uma pesquisa, trabalhando a questão dos conteúdos sobre os ritos da vida e da morte, visando segundo ela “construir isso com as duas turmas tipo um feirão falando sobre as religiões”. Segundo ela, está sempre tentando trabalhar a questão de aulas expositivas,

dialogadas, trabalhar questões como também partes mais dinâmicas como as citadas para tentar estimular mais a participação dos alunos, visto que ela sente mais dificuldades em lidar com as turmas mais jovens.

Outra estratégia citada por ela é sobre tentar dialogar com os estudantes a questão da escuta, tendo em vista que nesta turma tem um aluno com deficiência visual e para facilitar e contribuir com a participação dele nas aulas faz-se necessário que os demais estudantes se esforcem para não produzir tanto barulho, visto que a escola não dispõe de material próprio de apoio para a professora produzir material para esse aluno em braile, então a professora tenta fazer esse intermédio com eles, segundo ela:

A gente sempre faz assim uma atividade para incluí-lo, tipo hoje mesmo eu tava fazendo aqui uma brincadeira e aí a gente sempre procura essa questão de trabalhar a questão mesmo da fala, para ele ir sempre entendendo, quando eu trabalho um filme eu sempre trago uma resenha por que ele tem um aplicativo no celular que tipo se ele for trabalhar um texto, ele tem o aplicativo de leitura no celular para fazer a leitura para ele, ele sempre diz “pode trazer a leitura que eu faço” e aí tem o rapaz que é acompanhante dele né, e aí ele gosta de fazer atividades de pintura, de pintar tudo ele faz assim sabe porque ele já teve essa interação (...) mas ele já tinha assim de idéia das coisas ao redor, assim ele não é deficiente visual de nascença (Professora de ER).

Podemos perceber que além dos desafios e estratégias buscadas pelos docentes para um bom desenvolvimento da disciplina, existem fatores externos, como o fato a desse estudante que necessita de uma atenção especial, mas que não dispõe de todo suporte necessário.

4.3.1 Uma disciplina improvisada: formação, estratégias de ensino e opiniões dos docentes

Diante das diversas discussões acerca da disciplina de ER dentro do currículo escolar, se faz importante ouvir as perspectivas dos agentes mais importantes desse diálogo, que são os professores, estes que assumem a responsabilidade de lidar com este componente muitas vezes mesmo sem os aparatos necessários para isso, e com o desafio ainda maior de não se propuserem a utilizar acima disso a disciplina como reprodutora das suas próprias ideologias.

Diante dessa discussão, é certo que cada professor tem consigo suas próprias concepções sobre a disciplina e seu lugar no currículo escolar. Como talvez para muitos a disciplina possa parecer obsoleta no currículo e que precisaria ser substituída por algo que tivesse uma maior função para o ENEM, mas diferentemente dessa perspectiva o professor de espanhol pensa que, diante das realidades vivenciadas pelos estudantes que por vezes se

encontram sem uma rede de apoio familiar, com famílias desestruturadas a disciplina seria vista como uma alternativa, pois:

(...) são conceitos de família hoje que tá trazendo o aluno para a sala de aula com muitas sequelas com muitos traumas e a disciplina de ensino religioso, ela pode ser um meio de fazer com que aquele aluno, eu não vou dizer uma terapia, mas uma espécie de aula de autoajuda, para tentar compreender o contexto social em que ele tá inserido e a partir disso busca de uma forma mais clara, objetiva um suporte dentro da escola que muitas vezes falta em casa (...) (Professor de espanhol).

Isso evidencia de certa modo o que Carvalho (2020) chama de “vazio curricular e extracurricular”, que acaba sendo preenchido pela religião, à medida em que nota-se uma certa dificuldade no sistema escolar de promover uma efetividade com relação ao processo de socialização dos indivíduos, de certo modo o ER tem essa característica própria, no que consegue abordar também aspectos socioemocionais, logo recai sob a responsabilidade da disciplina estimular uma formação moral no estudante ao passo que trate também dos conhecimentos intelectuais/científicos e também da “formação ética, que desperte no aluno princípios importantes como, solidariedade, “mansidão”, igualdade, justiça, respeito, responsabilidade e honestidade” (Carvalho, 2020, p.35).

Em contraponto tem-se também a perspectiva da docente de ER, que procura também abordagens pedagógicas um pouco mais cognitivistas, buscando alternativas como o contato com informações sobre os temas abordados, trabalhos como pesquisas e conteúdos que envolvam aspectos plurais e culturais no que tange à religião. Para a docente a disciplina poderia ocupar espaço na parte diversificada, tendo em vista que tem uma matrícula facultativa e que não é uma disciplina que reprova o aluno, sendo assim, não faz mais sentido existir dentro da base comum.

Outro ponto para ela é que apesar das diretrizes, ainda existem muitos professores que “trabalham daquela forma antiga”, mas que é uma disciplina que pode ter sim um aproveitamento se trabalhadas questões como “respeito às religiões de uma forma geral, o conhecimento das religiões ou essas outras temáticas eu acho que é uma disciplina que pode sim ter um aproveitamento bom, pode trazer essa questão, do respeito, do conhecimento é uma oportunidade”, mas como ela acredita que nem sempre seja trabalhado dessa forma deveria então ser acrescido no currículo de outras maneiras como por exemplo os alunos verem tais temáticas no ensino médio dentro da parte de ciências humanas de uma forma geral.

No decorrer das entrevistas foram feitas algumas perguntas distintas para cada entrevistado visando compreender a opinião dos docentes com relação a três pontos: o primeiro foi sobre a perspectiva do professor de espanhol sobre a formação da professora de Sociologia que consistia na seguinte pergunta: “Você acha que a formação da professora contribui de alguma forma para com o E.R?”, tendo em vista que, através da Proposta Curricular da Paraíba (PCPB) foram incumbidos professores com a formação como a da docente formada que é formada em Ciências Sociais.

Para o entrevistado o fato da docente ser formada nessa área e entender de certo modo a sociedade e suas complexidades, conseguindo identificar e mapear os problemas citados por ele anteriormente ela pode através desse processo busca trabalhar temáticas com os alunos que os ajudem a perceber aspectos que contribuam na sua formação:

“(...) então assim a partir do olhar pesquisador de socióloga eu acredito que ela consegue fazer um mapeamento e assim traçar uma meta, traçar um roteiro para utilizar essas aulas de ensino religioso na construção de uma disciplina que de fato traga uma eficácia positiva na questão da moralidade, da ética, do desenvolvimento pessoal e profissional daquele estudante”. (Professor de espanhol)

Já o segundo e o terceiro ponto foram tratados com a professora de Ciências Sociais, para a qual foram feitas duas perguntas: “5.Você consegue aproveitar alguma coisa das Ciências Sociais para as aulas de E.R?; 6.Qual sua opinião sobre o diálogo das Ciências Sociais com o E.R?,” com o objetivo de conhecer esse possível diálogos entres as disciplinas e como isso acontece na sala de aula através das vivências da docente.

Sobre a primeira pergunta, ela retrata que na sua perspectivas suas aulas de sociologia, filosofia e ensino religioso no fim das contas acabam sendo todas de certa forma de sociologia, que isso se dá pelo fato dos conteúdos que são trabalhados nas disciplinas estarem meio que “interligados”, mas que procura trabalhar de modo a buscar o entendimento dos aluno com linguagens mais acessíveis pela idade, e que umas das partes legais de trabalhar com os estudantes de ensino fundamental é que “eles são mais curiosos e perguntam muito”, trazendo dinâmica para as aulas como:

(...) quando eu trouxe essa questão dos ritos, como é que eles lidam com a vida e com a morte, tem menino que foi falando muito mais coisa do que eu já sabia assim “ô (Professora) em tal religião é assim, em tal religião eles não veem dessa forma”, (...) e aí eles pesquisam e trazem, eles gostam de ver, de saber (...) e aí eu acho que fica assim essa mistura de sociologia, filosofia, história com tudo com o ensino religioso (Professora de ER).

Ao ser questionada sobre a sua opinião a respeito do diálogo entre as Ciências Sociais e o ER a docente a frente da disciplina retrata essa interdisciplinaridade dialogando inicialmente sobre a visão das pessoas sobre a disciplina, que ainda tendem a achar que essa é uma disciplina na qual acontece um “catecismo”, que foi algo que ocorreu por décadas, e que inclusive ainda persiste nos dias atuais, abordagens proselitistas praticadas pelos professores amparadas por brechas constitucionais como as ocorridas do STF, que acaba sustentar o ensino confessional mesmo diante de um estado laico, alimentando práticas como as citadas pela docente: “(...) se você for em uma escola tradicional, e alguns professores mesmo (...) tem uns locais que ainda dão aula mesmo né, ensina o menino a rezar, fazer o sinal da cruz, enfim”.

Como retratado na pergunta anterior, a docente afirma que a disciplina não cabe mais no currículo, pelo menos não com essa nomenclatura, mas que para ela a disciplina serve como uma base para os alunos para “entrarem na sociologia”. Como ela já havia citado, ela acha que os assuntos estão interligados e que gosta mais de trabalhar com temas que estão relacionados às questões sociais, dentro das ciências sociais e da sociologia. E que desse modo se sente mais confortável e confiante para trabalhar a disciplina de ER, seguindo assim outro viés como ela retrata: “e não para trabalhar religião como eles falam, até mesmo porque eu não sei, eu não domino essa questão (...), então eu trabalho mais essas temáticas e eu acho que tem uma ligação sim com a sociologia”.

4.3.2 Religiosidade e paradigmas: a religião influencia de alguma forma nas práticas pedagógicas?

Ao serem questionados sobre seguir alguma religião, ambos os professores alegaram ser católicos, professor de espanhol: “Eu sou católico apostólico romano de criação e de formação, apesar de que dentro na escola, da minha sala de aula eu procuro ser o mais neutro possível”. O docente formado em letras alega também que sempre que tinha a oportunidade de falar algum provérbio chinês, ditado popular ou pensamento, os alunos se impressionavam com sua atitude, pois ele por ser católico trazia coisas segundo ele sobre Buda, Confúcio, e ele alegava para os alunos que “a gente tem que olhar para as religiões de um modo geral, não apenas como o mundo olha (...) a religião as vezes é vista como algo que engaiola a liberdade humana e eu disse “a gente tem que olhar também os pontos positivos das crenças religiosas”, pontos esses que para ele seriam as filosofias de vida, as mensagens de positividade que essas filosofias transmitem.

Ainda na perspectiva do docente, podemos perceber que para toda religião seja ela qual for, o pensamento dela sempre é pelo bem comum, o bem social, coletivo e pessoal e que dentro de toda religião você pode encontrar um princípio, um fundamento, um pensamento de algum pensador ou teólogo que case com a realidade e situação que estejam discutindo em sala de aula. Na qual o docente consiga ver e possa utilizar exemplos como: “como dizia Buda, (...), Mahatma Gandhi, você tem que ser a mudança que você quer ver construída no mundo, Gandhi era hindu mas esse pensamento dele é um pensamento que ultrapassa os limites da sua crença religiosa”.

Sobre a opinião dele a respeito de sua religião influenciar de alguma forma na sua prática pedagógica, ele afirma que “de forma nenhuma” tendo em vista segundo ele o calendário letivo, no qual vão-se encontrar várias datas comemorativas que fazem alusão a religião cristã. A exemplo do carnaval qual foi paganizada mas advém de origem cristã, Páscoa, São João e Natal fazem parte das datas comemorativas as quais detém esse cunho religioso e que apesar disso ele buscava sempre “neutralizar” esse lado religioso, para que ele não ferisse os princípios de liberdade religiosa que ele via em seus alunos.

O entrevistado ainda relata que não há uma imposição direta da escola para que ele leccione de forma proselitista, e que convive com alunos em sala com crenças diversas como, católicos, evangélicos e até mesmo ateístas. O docente enfatiza também a importância de respeitar essas diferenças que, segundo ele, por vezes não são respeitadas pelos professores: “existem situações aonde muitas vezes os professores demonizam, se não for da mesma crença religiosa que eu, se não for cristão é algo do mal, e a gente não pode ver dessa forma”.

Ele complementa ainda em sua resposta que evita esse tipo de prática justamente por ter tido experiências negativas quando ainda estava na universidade em um de seus estágios, e que segundo ele o incomodava esse tipo de prática, devido a esses acontecimentos e que nesse sentido “pender a minha religião pessoal para dentro do meu trabalho seria antiético na minha opinião, então mesmo tendo todos os argumentos positivos para isso (...) não se pode aproveitar disso (...) o princípio do profissionalismo tá acima disso.”

O docente chega a retratar um caso de racismo religioso enquanto lecionava a disciplina de espanhol na qual estavam trabalhando a cultura espanhola, e um de seus alunos se declarou ateu. Isso acabou provocando entre os alunos uma discussão acerca do tema, gerando comentários segundo ele do tipo: “ah, você vai para o inferno, como que você não acredita em Deus, etc”. Tendo ele que intervir, e estimular os alunos a respeitarem o colega, que estava exercendo o seu direito de expressar sua opinião, e que a forma que eles estavam defendendo sua fé com agressividade, mostrava de uma certa maneira a imaturidade por parte deles com

relação a sua própria fé, esta questão também está presente na sociedade. Acontecimentos como este reforçam práticas não só proselitistas e catequéticas nas salas de aula, mas reforçam também práticas como a de racismo religioso dentro das escolas, muitas vezes disseminadas até pelos próprios docentes.

A docente formada em ciências sociais também apresenta a mesma perspectiva a respeito de sua religião não influenciar sua prática pedagógica, para ela isso não acontece. E que sempre teve curiosidade acerca das religiões devido às diversas perspectivas e visões preconceituosas que ainda existem no que ela chama de “bolha de convivência”, e que mesmo sendo criada em uma família religiosa e participar dos ritos e cerimônias da igreja católica, sempre teve em mente a separação entre a sua religião e o trabalho. E que sempre buscou em suas aulas de ER, quando estão abordando temas como política, tenta sempre fazer essa diferenciação, trabalhando a questão da imparcialidade em diversas situações, “dentro da sala de aula existe uma diversidade, e a gente precisa aprender como profissional a respeitar e não colocar as nossas crenças, as nossas preferências acima disso, acredito que na minha visão nunca deixei interferir não”.

Cabe ressaltar que embora os professores não queiram ou tenham a intenção de doutrinar, utilizam-se de materiais que o fazem. A partir disso busquei analisar os materiais citados pelos entrevistados.

4.4 ANÁLISE DE MATERIAIS DIDÁTICOS

Posteriormente analisamos dois dos três materiais citados pelos entrevistados: o primeiro foi o material utilizado pela professora de ER, denominado “Caminhos para Deus” da prefeitura de Petrópolis-RJ o material utilizado pelo professor de espanhol em suas aulas, da coleção “Descobrimos novos caminhos” de volumes com o mesmo nome. Já a cartilha disponibilizada pela Secretaria de Estado da Educação da Paraíba denominada “Ensino Religioso” passou apenas por uma análise breve, tendo em vista que não fora utilizada por nenhum dos docentes.

Antes de partirmos para uma análise mais densa dos materiais cabe-nos ressaltar, no entanto, que o material disponibilizado pela Secretaria de Estado da Educação da Paraíba, denominado “Ensino Religioso”, configura-se mais especificamente como um “guia pedagógico” como um conjunto de indicações. Ele contém noventa páginas e contempla todas as séries dos anos finais do ensino fundamental (6º ano ao 9º ano). O material segue as indicações da BNCC e PCPB, mas também traz elementos complementares para cada um. O

material faz uma breve apresentação dos seus objetivos e em seguida traz as ementas e material de apoio para cada série e cada bimestre dos anos finais do ensino fundamental. As ementas se configuram por bimestre e tema, unidade temática, objetos de conhecimento e habilidades, todos seguindo as indicações da BNCC. Já os materiais de apoio trazem uma introdução à temática e sugestões de atividades práticas. Por motivos de recorte, busquei trazer aqui os exemplos de indicações referentes às séries foco deste trabalho, 8º e 9º ano.

Na introdução à temática para o 8º ano a exemplo do 1º bimestre: “Influência das crenças e convicções nas escolhas individuais e coletivas”, são trazidas crenças convicções e filosofias em algumas religiões, no texto são citados, como hinduísmo, budismo, cristianismo e religiões de matrizes africanas como candomblé, umbanda e jurema. O conteúdo é abordado de maneira breve e introdutória, mas diversificada. Na sugestão de atividades práticas, são trazidas algumas indicações como:

- Experiência de Meditação: Introduza os/as estudantes à prática da meditação, destacando suas origens em diversas tradições religiosas, como o budismo. Os/As estudantes podem compartilhar suas experiências e discutir como a meditação pode ser uma prática benéfica para a saúde mental.
- Estudo de Caso Ético: Apresente estudos de caso éticos baseados em dilemas reais enfrentados por diferentes comunidades religiosas. Os/As estudantes podem analisar e discutir as abordagens éticas propostas por essas tradições.

Já para o 9º ano também para o 1º bimestre: “Princípios e orientações para o cuidado na vida nas tradições religiosas e filosofias de vida”, aqui são explorados conceitos, figuras e temas que constituem as tradições religiosas, a fim de compreender as relações religiosas do “cuidado com a vida”. Para isso o material busca tais concepções em algumas crenças e suas práticas como, xamanismo, taoísmo, cristianismo, islamismo, xintoísmo, entre outros. Para a Sugestão de atividades podemos encontrar:

- Montagem de Exposição: Divida a turma em grupos e atribua a cada grupo uma tradição religiosa específica. Eles/as podem criar uma exposição visual que destaque símbolos, práticas, e ensinamentos relacionados à imanência, transcendência e ética dentro da tradição atribuída.

- Projeto de Serviço Voluntário: Promova um projeto de serviço voluntário, inspirado pelos princípios éticos das tradições estudadas. Os/As estudantes podem se envolver em atividades que promovam o cuidado da vida, como trabalhar em abrigos, participar de projetos ambientais ou colaborar com organizações de caridade, como hospitais, orfanatos, creches, entre outros.

Em suma, a cartilha segue uma lógica de guia pedagógico, contendo textos explicando o tema para o professor, ajudando-o a entender o que é o debate sobre o tema e as sugestões de atividade de maneira diversificada, o que é bastante positivo. A questão é que para o professor muitas vezes o mais prático a se fazer é pegar um livro ou material didático que são mais completos, pois se o docente não disponibilizar de tempo, é só se basear no livro e dar sua aula. Não é ideal que ele o siga como um manual, mas facilita muito o processo de preparação das aulas nessas ocasiões.

A questão é que com a sobrecarga do trabalho docente hoje, isso acaba estimulando-o a optar por alternativas mais “completas”, e abrindo mão de materiais como esse. Pois o estado acaba por colocar uma carga horária muito extensa, as nossas escolas pequenas fazem com que o professor acabe tendo uma necessidade de assumir várias disciplinas diferentes, e assim não tendo tempo para preparar aula para tudo. Desse modo, o docente acaba tendo que apelar para esse tipo de expediente, usando o livro como se fosse um manual. Como foi o caso da docente entrevistada, a qual relatou em uma conversa informal que diante da carga horária com quatro disciplinas, preferiu recorrer a outras alternativas como o material “Caminhos para Deus”.

4.4.1 Livro Caminhos para Deus (Prefeitura Municipal de Petrópolis)

O material intitulado “Caminhos para Deus”, parte de uma seleção feita pela professora, faz parte de uma coleção com o mesmo nome da Secretaria de Educação da Prefeitura de Petrópolis-RJ do ano de 2007. O material contempla quatro apostilas uma para cada série dos anos finais do ensino fundamental do, 6 ° ao 9°, que conta na sua construção com treze colaboradores sendo destes dois homens e onze mulheres e tem como coordenadora a Professora Bianca Della Nina, que é graduada em Letras Português e Inglês e mestra em tecnologia educacional-educação à distância.

A apostila utilizada pela docente para as aulas de ensino religioso do 9° ano contempla de uma maneira geral as seguintes temáticas por bimestre: 1. Cidadania e convivência; 2.

Ciência e religião; 3. Trabalho; 4. Transformações. O material inclui também Exemplos de Vida, Atividades Interdisciplinares, Textos Complementares e Sugestões de Filmes.

A quarta unidade “Transformações” foi a escolhida devido ser a temática trabalhada pela professora naquele período que traz os seguintes conteúdos: 4.1 A adolescência; 4.2 Educação sexual; 4.3 Amor e Paixão dos três temas a docente fez uma pequena seleção utilizando apenas dois dos três pontos dispostos, sendo eles: 4.1 A adolescência e 4.3 Amor e paixão, estes também foram os pontos que nos propusemos a analisar no material.

No tópico referente ao ponto 4.1 A adolescência, analisamos dois textos e uma atividade referente à temática, o texto 1: A adolescência positiva, de autoria de Marta Bellini doutora em Psicologia Social pela USP. No primeiro momento o texto discorre sobre questões como adolescência, pertencimento (sentimento de pertença). O texto usa uma analogia sobre a “memórias dos voos”, referindo-se a como os adolescentes à medida em que crescem compartilham experiências com os grupos com os quais se sentem pertencentes. E como essa fase os marcam não só individualmente, mas coletivamente e socialmente, sendo os adolescentes “a mudança que o mundo vai ter” , exemplificando os movimentos de contracultura, hippies, e etc.

À medida que avançamos na análise do material, percebemos que os textos tendem a uma abordagem mais conservadora, tendenciosa e com aspectos dogmáticos, a exemplo do texto 2: “Como vale a pena viver?” do Mons. Paulo Daher (1931-2019), ex -professor da Universidade Católica de Petrópolis durante trinta anos. Tais questões ficam mais evidente a medida em que o texto passa por temáticas como: calúnia, prisão, uso de drogas e suicídio, de uma maneira pouco atrativa e melodramática.

O texto discorre sobre a vida de três jovens adolescentes de quatorze e quinze anos, “uma jovem desportista” (Celita), que pratica bullying e calúnia contra os colegas, que “não gosta de estudar”, quase acabou presa e apanhou por ter mexido com “um filho de militar”. O outro é um rapaz (Davi) que dava festas particulares com muita droga bebida e sexo, até que em uma delas teve uma overdose quase morreu e apenas uma amiga o ajudou em sua recuperação; e a terceira e última “era a melhor aluna do colégio” (...) (Laura). Todos gostavam dela (...) e seus pais eram pessoas boníssimas, cristãos participantes, encontreiros” (Daher, 2007). Até conhecer “um rapaz de fora, JUSTO figurão, falador inteligente, contestador e que derruba qualquer argumento a favor da igreja”, ele conquista a amizade dela “com jeitinho” e em um dado passeio tanto a assediou que” conseguiu tudo dela”, contou para todos e o texto se encerra com a seguinte frase: “Laura, desesperada, suicidou-se”.

O texto acompanha ainda uma atividade com 9 questões dispostas da seguinte maneira:

1) Porque Laura se suicidou? O que lhe faltou?

- 2) Existem tipos de colegas como Celita, Davi, Justo. O que se deveria fazer para ter sua própria identidade e opinião e não se deixar levar por eles?
- 3) Uma boa educação basta para que tudo dê certo na vida? Qual a responsabilidade de cada uma?
- 4) Saúde, dinheiro, simpatia, convencimento, inteligência, família, Deus. O que vale mais na vida das pessoas? Por quê?
- 5) Escreva um pouco sobre você.
 - a) Eu sou assim:
 - b) Gosto de:
 - c) Detesto:
 - d) Admiro:
 - e) Não admiro:
 - f) Meus ideais são:
 - g) O que me angustia é:
- 6) Você acha importante conhecer a si mesmo? Por quê?
- 7) O que você diria hoje a Deus?
- 8) Se pudesse modificar algo no mundo ou em você, o que mudaria?
- 9) Quais são seus grandes questionamentos ou dúvidas em relação ao mundo em que está vivendo?

Podemos perceber que tanto o texto quanto a atividade abordam temáticas sensíveis, de modo tendencioso e, aparentemente, sem embasamento teórico. Construindo narrativas sensacionalistas e estereotipadas que, no final não passam uma mensagem objetiva ou nítida sobre o que afinal o texto busca passar. A atividade também não acompanha esse processo e acaba por trazer questões desconexas até ínfimas ao assunto, a exemplo das alternativas, quatro, cinco e sete. Em todo caso, o texto acaba trazendo uma abordagem melodramática sobre o tema, e tende a uma certa culpabilização da vítima por “se deixar levar” em dada situação.

Se o tema por um acaso viesse a ser debatido em sala, buscando essa possibilidade de diálogo com as ciências sociais, poderíamos buscar trabalhar dentro dos estudos de Émile Durkheim sobre o suicídio. E a partir disso compreender como essa culpa e essa vergonha fazem parte de construções sociais, e como a construção da nossa imagem se dá nessas interações. Para entendermos em que medida precisamos pensar nossos princípios/ valores de uma forma não tão dependente da que está sendo colocado no texto como “pressão”, e como é importante manter um senso de coletividade em uma situação como essa, partindo de uma análise sociológica.

Segundo a pesquisa realizada pelo Centro de Integração de Dados e Conhecimentos para Saúde (Cidacs/Fiocruz Bahia), em parceria com pesquisadores de Harvard “A taxa de suicídio entre jovens cresceu 6% ao ano no Brasil entre os anos de 2011 e 2022. Já as taxas de notificações por autolesões na faixa etária de 10 a 24 anos aumentaram 29% a cada ano nesse mesmo período.” (Sebastião, 2024). Tais dados só ressaltam a importância e a urgência do trabalho em torno do tema, mas que este seja abordado de uma maneira adequada e com a sensibilidade e o cuidado de que se precisa. A escola campo já não se trabalha mais o setembro amarelo, pelo receio da instituição estar causando gatilhos nos alunos, uma vez comprovado que os índices de suicídio tendem a aumentar em setembro.

No capítulo seguinte 4.3 “Amor e paixão”, foram analisados dois textos e uma atividade para análise, sendo um dos textos do tópico anterior 4.2 por ter chamado bastante atenção enquanto analisava, este será abordado primeiro. O texto em questão é do capítulo 2 do tópico

4.2 “Educação Sexual”, denominado “Liberdade Sexual” de Cristian Góes, escritor e Dr. em Comunicação e Sociabilidade pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O texto se propõe a trabalhar assuntos como: homossexualidade, AIDS, relações sexuais, IST's, etc; abordados ainda em suas nomenclaturas antigas e não mais usuais (homossexualismo e DST's).

De início é possível perceber no texto que o autor responsabiliza o que ele chama de “escola avançada”, “adultos irresponsáveis”, “propagandas (não disse quais) e “grupo de iguais” de pressionarem os jovens a entrarem na vida sexual mais cedo, sem trazer sequer algum embasamento teórico para essas afirmações.

Discorrendo ainda sobre temas como “A evolução sexual dos últimos 30 anos” que segundo ele “partiu da necessidade que as pessoas sentiram em soltar as rédeas da moral e da tradição”, e que partindo desse pensamento surge o Woodstock. Desenvolve ainda sobre o aumento dos índices de IST 's nas jovens de 13 a 19 anos que, segundo ele, se dá “devido ao início precoce da atividade sexual com homens de maior experiência sexual e mais expostos aos riscos de contaminação por “DST” e pela AIDS” (Goés, ano, p. 62).

E termina ainda fazendo uma analogia sobre o sexo casual, relacionando-o ainda como uma das consequências dos que chama de “abortos de quintal, corações partidos, drogas para impedir a dor (...)”. E continua: “Comida de lanchonete é rápida, está na mão e tem aparência melhor que o sabor”, e finaliza o texto impondo ainda uma postura moral sobre no que diz respeito à prática sexual, “pode parecer retrógrado, mas a mensagem cristã-católica, de propor sexo somente após o casamento, é a opção mais responsável para uma adolescência e juventude saudável e madura. Pensem nisso!” (Goés ano, p. 62).

O texto ainda é acompanhado por uma atividade com 6 questões elaboradas sobre as questões antes debatidas:

1. Você já encontrou adultos que falaram com você sobre sexo? Que afinidade você tem com essa pessoa?
2. Concorde com a maneira de falar de sexo dos meios de comunicação? Quais os aspectos positivos e negativos do modo como esta informação está sendo veiculada?
3. “Ou não sabeis que vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos”? Coríntios 6:19. De que forma se está desvalorizando o corpo ao deixar-se levar por uma prática sexual irresponsável?
4. Como podemos glorificar a Deus através do nosso corpo?
5. A seu ver, há alguma relação entre amor e sexo, ou são coisas completamente diferentes?
6. Comente a seguinte afirmação: “Nenhum de nós pode crescer se não tiver reunido, espírito, coração e corpo.” (Goés, 2007, p. 62)

O texto e a atividade de Cristian Góes foram escritos exclusivamente para o material da prefeitura de Petrópolis, e propõem-se a trabalhar a temática sobre educação sexual, apesar de ser um tema delicado e que normalmente tende a uma imposição da perspectiva daquele que está falando ou fazendo.

A ideia é válida e há sim de fato uma grande necessidade de se abordar e debater esse tema em sala de aula, mas existe um cuidado que se precisa ter ao fazer isso, tendo em vista que à medida em que lidamos com um público plural como uma sala de aula, existe a possibilidade real de um desses jovens já ter sofrido algum tipo de abuso. Desse modo não se pode simplesmente tratar do tema de forma invasiva e indelicada, é preciso que se dê um tempo e uma forma desses sujeitos pensarem e falarem quando ou se sentirem à vontade.

Portanto, quando se está falando de sexualidade e vida sexual propriamente dita fazem-se necessário dinâmicas que permitam o anonimato do discente e que eles possam colocar perguntas e relatos sem se exporem e devidamente filtrados pelo professor(a). Pois em alguns momentos haverá questões que simplesmente não poderão ser expostas da maneira que foram escritas para serem lidas na turma, estas devem ser abordadas e mediados pelo docente de forma adequada, este poderá identificar através disso situações se necessário de solicitação de um psicólogo escolar ou até mesmo o conselho tutelar, tudo isso deve ser conduzido por quem está lidando com assunto de maneira responsável, consciente e coesa.

Percebeu-se que tais questões não foram identificadas na elaboração do texto nem da atividade proposta pela prefeitura de Petrópolis, na qual pode-se notar um certo anacronismo

de ideias com relação ao tema, bem como apesar de discreta uma certa imposição de juízo de valor por parte do autor com requintes de proselitismo, que se evidenciam ainda mais nas questões três, quatro e seis.

Uma discussão como essa deve ser feita e embasada com dados atualizados, que podem ser encontrados por exemplo no Ministério da Saúde, para abordar temas como as epidemias de IST 's que vêm emergindo nesses últimos anos, como a sífilis. A abstinência sexual é uma das formas de prevenção sim, mas diante do fato de que a escolha é dos jovens, o capítulo do livro acaba negando ao adolescente o direito a informação, a possibilidade de se proteger se ele não optar por se abster do sexo, tendo em vista que não há menções sobre os métodos preventivos, como camisinha, pílula do dia seguinte, contraceptivos, etc. Indicando aos jovens por exemplo onde há distribuição desses materiais, garantindo o acesso a essas informações.

Trazendo essa análise à luz das ciências sociais, podem ser feitas discussões de como e a quem compete garantir o direito a essas informações, e por que isso é importante para o Estado independentemente se eu acredito que é melhor que os jovens se abstenham e que os casais sejam monogâmicos. Pois assim, é mais vantajoso para o Estado, trabalhar na perspectiva da redução de danos e da prevenção, e da garantia dessas informações, visto os gastos anuais com a saúde pública com tratamentos, por exemplo, trazendo dados como, quanto se gasta anualmente com tratamentos para HIV, entre outras informações pertinentes que enriqueçam este debate.

Há também uma citação ao fato de algumas meninas terem uma iniciação sexual precoce com homens mais velhos. E novamente aqui caberia um diálogo com as ciências sociais. Como e de que maneira as temáticas de gênero podem ser mobilizadas aqui, para ajudar as meninas a problematizarem a situação inerentemente de submissão que elas são colocadas, quando tem essas iniciações sexuais com pessoas mais velhas. Como, por elas estarem em uma posição de fragilidade e de vulnerabilidade em vários sentidos, tanto pela questão de gênero, como a questão da idade, insegurança, e todas as coisas que vêm junto com a adolescência. Questões como, auto afirmação, de não parecer infantil, entre outras, e que vão fazer com que seja muito difícil, por exemplo, elas exigirem aos parceiros o uso da camisinha ou de contraceptivos, por exemplo.

Retornando ao tópico 4.3 “Amor e Paixão”, este que estava sendo trabalhado pela professora selecionamos o texto 3: “ Eros e Psiquê: intriga no mundo dos deuses”, que retrata a história dos deuses que dão título ao texto, no qual a deusa Vênus (deusa do amor), com inveja da beleza de Psiquê encarrega o próprio filho (Eros) de envenená-la com uma flechada e como castigo, se apaixonaria pela primeira aberração que visse. Eros, encantado com a beleza de Psiquê

se atrapalha, flecha a si mesmo e se apaixona perdidamente por ela. O texto para por aí e recomenda o resto da história nos “textos complementares”.

Após o texto, há uma sugestão: “Para Refletir: Para sempre? Um amor pode ser eterno? Durar para sempre?”, seguido de uma atividade contendo apenas uma questão: “1. A história da humanidade registra um número sem-fim de grandes casos de amor: Romeu e Julieta, Abelardo e Heloísa, Tristão e Isolda, Olga Benário e Luiz Carlos Prestes, Lampião e Maria Bonita. Escolha uma dessas histórias, pesquise e apresente para a turma.”

Há também sugestão para aprofundamento do tema como “texto complementar”: “Eros e Psiquê”, “Amor I love you” (música da artista Marisa Monte) e o filme “Um amor para recordar” indicados no material nas respectivas páginas 89, 92 e 94, mas ao analisar ao analisá-lo constatei que as indicações encontram-se equivocadas e que as páginas referentes às indicações são 83, 85 e 87 respectivamente.

A ideia de trazer no material um pouco da mitologia greco-romana para abordar o tema, evidencia o que venho descrevendo anteriormente sobre a possibilidade de diversificação dos conteúdos a serem trabalhados na disciplina com outras áreas e objetos do conhecimento, com uma proposta diferente e fora dos paradigmas dogmáticos.

Isso nos faz refletir sobre as condições reais dos materiais dispostos para serem trabalhados pelos docentes na disciplina, e como isso pode impactar consideravelmente na formação do juízo de valor, crítico e de desconstrução dos paradigmas. Como também se estes materiais conseguem remeter de fato ao que se é proposto pelos documentos curriculares, seja a nível nacional, regional ou estadual.

4.4.2 Livro Descobrindo novos caminhos (ed. FTD)

O material “Descobrindo Novos Caminhos”, faz parte de uma coleção com o mesmo nome da FTD S.A. do estado de São Paulo do ano de 2006 para o Ensino Religioso, contendo um livro didático para cada um dos anos iniciais e finais do ensino fundamental (1º ao 9º). Devido ao recorte de série e dos conteúdos trabalhados pela professora (Amor e paixão), foi lecionado o material referente ao 9º ano, que contém 149 páginas no total dispostas em quatro unidades com quatro temáticas cada. Escrito por Therezinha Motta Lima da Cruz, catequista e ex-assessora nacional de catequese, foi também o material disponibilizado pelos docentes cujos filhos frequentavam uma escola de ensino confessional de uma cidade do Cariri Ocidental Paraibano, disponibilizando-os para a escola para uso dos professores responsáveis pela disciplina.

O conteúdo escolhido para a análise foi referente à 2ª unidade, capítulo 7: “O amor é lindo...e poderoso!” Na página 69 do material. Neste capítulo a autora inicia a discussão sobre a temática discorrendo sobre como o amor é retratado através de filmes, a exemplo de Shrek, a Noiva Cadáver e Homem Aranha. Destacando nas histórias o real protagonista (o amor), trazendo um destaque a história de Romeu e Julieta, e como eles retratam isso simbolicamente apesar de suas mortes precoces. Partindo dessa análise, a autora traz uma reflexão sobre como a história desses personagens não passou por um marcador importante: “a convivência e o tempo”, trazendo após isso algumas reflexões, como: “Pense como é bonito ver: Casais já bastante idosos se querendo bem como namorados”, “Os dois se apoiando ao longo da vida, um consolando o outro nas dificuldades. “(...) avós que se amam e olham os netos como continuação da história de amor de sua juventude” (Da Cruz, p. 66, 2006)

Mais adiante a autora aborda mais alguns pontos relacionados ao conteúdo, como quando o amor mal direcionado pode ser também algo que pode nos fazer mal, mencionando, por exemplo, “A sabedoria popular quando diz quem brinca com fogo acaba se queimando” sendo algo que segundo ela, exige sabedoria e maturidade, trazendo questões que problematizam essa ideia como: “o que é e o que não é amor. Por exemplo: ciúme faz parte do amor? Até que ponto? Amor exige que cada um ceda um pouco a favor do outro? Onde fica o limite dessa condescendência mútua?”

Ainda na problemática a autora ressalta sobre os perigos que uma sociedade que transforma tudo, inclusive o ser humano em objeto de consumo, que pode por consequência tirar o amor de rumo, demonstrando em alguns exemplos, citarei apenas um aqui, como: “O ambiente, cercado de apelos sexuais por todos os lados, pode levar gente muito jovem a queimar etapas, perdendo fases bonitas e importantes do namoro e criando outros problemas.”

A partir de toda essa discussão, entra em pauta a questão da religiosidade, mais especificamente o viés catolicista, no qual a autora irá voltar-se à Bíblia citando os casos de amor que nela são narrados como por exemplo o casamento de Isaac e Rebeca citando o livro de Gênesis 24, 67 “Desposou-a e ela tornou-se sua mulher muito amada. E desse modo Isaac consolou-se da morte de sua mãe”. Não fica claro ao certo como essa passagem se concatena com o que estava sendo discutido anteriormente, dando abertura a interpretações defasadas por parte daqueles que a leem. Após a indicação da passagem bíblica ela indica outro livro, o Cântico dos Cânticos (Ct 8,6-7).

Posteriormente, o capítulo perpassa também sobre questões matrimoniais e suas cerimônias ainda sobre a vertente católica, desenvolvendo também o debate acerca de como o amor matrimonial serve como pilar para manter a “família unida”, finalizando com a seguinte

questão reflexiva: “não seria bom se mais casais conseguissem envelhecer juntos, um complementando o outro e dando a todos uma esperança maior na força construtiva do amor?” (Da Cruz, p. 69, 2006).

Ao final de toda a discussão e reflexão é proposta uma atividade contendo cinco questões abertas sobre o conteúdo trabalhado. destas cinco exemplificarei aqui duas delas, a questão 2 e a questão 4. A segunda questão é voltada a uma fala do ex-jogador de futebol Zico, o qual retrata suas experiências como pai e marido. É importante ressaltar que cada uma das questões propostas contém indicações para auxiliar o professor na resolução das perguntas como esta. Logo após a questão há a seguinte indicação: “Ouça as opiniões da turma sobre as declarações de Zico. Como deve ser um relacionamento para que as coisas aconteçam desse jeito? Para que um sustente o outro em todos os níveis, necessitam de relações de parceria, e não de dependência ou competição para ver quem leva mais vantagem. Veja se a turma conhece outros casais que vivam esse tipo de reciprocidade.” (Da Cruz, p. 70 e 71, 2006).

A fala em questão foi retirada de “Zico conta sua história, São Paulo, FTD, 1996, p. 37 e 39”. A questão prossegue e termina da seguinte forma: “Leia Gn 2,24. Sublinhe, no texto anterior, as frases que mais se aproximam da ideia de serem os dois “uma só carne”, com a seguinte indicação para o professor do que o aluno deveria fazer: “Sublinhar as frases: Hoje, eu, no mundo, sou também ela, o Júnior, o Bruno e o Thiago. Quer dizer, uma coisa só.”

Já a quarta questão distancia-se um pouco das pautas religiosas e concentra-se em outros exemplos, como filmes e literatura da seguinte maneira: “Muitos são os filmes e livros com histórias que tratam do amor do casal. Lembrem-se alguns dos seus preferidos:”, acompanhado da seguinte sugestão para o professor: “As respostas são pessoais. Alguns alunos podem ser convidados a contar à turma por que preferem esses filmes. Algum grupo pode querer fazer sessões domésticas para assistir a filmes recomendados pelos colegas.”

Podemos perceber que apesar do caráter confessional, o material pode ser sujeito a recortes pelo professor, desde que ele se distancie dessa perspectiva, dando-o a oportunidade de trazer outros complementos, que não seja o da abordagem catequética. Visto que uma boa parte da discussão pode ser trazida sem tanto proselitismo, a medida que o material busca retratar o amor em seus mais diversos âmbitos e características em filmes, animações, livros, etc. antes de fato entrar na esfera religiosa e sugerir um textos e cânticos bíblicos.

Nessa seção material mostra-se um pouco distinto do anterior, da estruturação aos conteúdos trabalhados, mas ainda assim constitui-se sob bases confessionais, sendo elaborado para escolas com o mesmo caráter. Em comparação ao material elaborado e fornecido pelo governo municipal do (RJ), há de fato um problema sobre como essas questões acabam sendo

trabalhadas nele, pois há um Estado laico acima de tudo a ser respeitado, e ambos os materiais fogem a essa lógica.

Faz-se importante lembrar que estamos nos referindo ao Ensino Religioso, assim, falando de questões como autoconhecimento, relações humanas e de certa forma até de educação emocional e moral. Nesse sentido, em seu livro “ A Educação Moral” Durkheim (1925, p. 24), traz a perspectiva de que quando educamos tentando impor uma regra, não conseguimos nada com isso. Logo, a educação que funciona para o sujeito, é ser socializado de acordo com o necessário para uma sociedade se manter coesa, é a socialização a partir da qual essa moralidade é incorporada na construção do sujeito. Desse modo o sujeito tem de ter autonomia para tomar suas decisões, ele passa a cumprir a regra porque ele acredita nela e não porque está sendo constrangido ou ameaçado. Nesse sentido, os materiais acabam se mostrando falhos para o próprio propósito a que eles se propõem a cumprir, ao passo que seguem um caminho oposto ao que há proposto nos documentos oficiais e até na constituição.

4.4.3 Impactos dos materiais didáticos sobre a prática de ensino

Fica ainda mais evidente o viés de cada material quando destrinchados a partir de uma análise um pouco mais minuciosa. É possível perceber assim, que em ambos os materiais há um caráter cristão, o que vai de encontro com o que se é proposto de fato para a disciplina, contradizendo os objetivos de uma abordagem diversificada proposta, por exemplo, nos documentos curriculares.

Quadro 6: Análise do material didático:

Categorias de análise//Livros	Caminhos para Deus Secretaria de Educação Prefeitura de Petrópolis	Descobrimos novos caminhos Ed. FTD
Unidade analisada	4º unidade: Transformações	2º unidade : homens e mulheres constroem
Tópicos em que o tema se divide nos capítulos	Cap. 4.2 Educação Sexual Texto 1: Sexo, afeto... Amor Texto 2: Liberdade sexual Texto 3: O homossexualismo (sic) Cap. 4.3 Amor e Paixão Texto 1: Um Caso de Amor	Tópico 5: Uma parceria criativa “Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus Ele o criou, homem e mulher Ele os criou.” Gn 1, 27

	Texto 2: Perguntas Texto 3: Eros e Psiquê	Tópico 6: E a família, como vai? “O laço que une a sua família verdadeira não é de sangue, mas de respeito e alegria pela vida um do outro.” Richard Bach Tópico 7: O amor é lindo... e poderoso! “Tão bom morrer de amor! e continuar vivendo...” Mário Quintana Tópico 8: Mulheres que fazem história “Todas as gerações me chamarão bem-aventurada”
Conceitos, teorias, termos e/ou autores abordados	Conceitos/Termos: Homossexualismo (sic) Homossexualidade/Homossexual Doenças sexualmente transmissíveis (DST's) (sic) Libertinagem Revolução sexual Campo sexual Igualdade Liberdade sexual Moral Tradição Desvios de comportamento (sic) Escola avançada Cultura Lesbianismo Discriminações Gênero HIV/Aids Machismo Autores citados : Friedrich Schiller- Filósofo Platão- A república Sócrates- O banquete Luís de Camões- poeta Carlos Queiroz Telles- Escritor, poeta e dramaturgo	Conceitos/Termos: Amor Convivência Vida Sabedoria popular Maturidade Ciúme Condescendência Objeto de consumo Prazer Relação sexual Doenças sexualmente transmissíveis (DST's) (sic) Intimidade Gravidez Sexo Deus Bíblia Religiões Culturas Sacramento Família Ciúme Autores citados: Não há.

Perspectivas religiosas abordadas sobre o tema	Cristianismo (princípios cristãos, sexo pós o casamento, moral e tradição cristãs nas relações amorosas, o corpo como um templo) Mitologia grega (a história de Eros e Psiquê) Budismo, hinduísmo, islamismo, islamismo, cristianismo (como religiões que não consideram “normal” (sic) alguém se assumir como homossexual) Anatomicamente (o homossexualismo (sic) não se revelaria natural, porque o homem e a mulher são complementares do ponto de vista físico). Judaico-cristã (condena com veemência a prática homossexual, vendo nela um pecado pois fere as leis naturais e divinas (sic))	Cristianismo (princípios cristãos, sexo após o casamento, a história Isaac e Rebeca, manter a família unida para o bem dos filhos o corpo como algo sagrado, o casamento como o sacramento do matrimônio) Evangélico: (nas igrejas evangélicas não se considera sacramento a união matrimonial)
Juízos de valor/prescrições morais	Condenação ao sexo fora do casamento Condenação ao uso de drogas Condenação à homossexualidade Responsabilização do suicídio ao indivíduo que o pratica Imposição de moralidade	Condenação ao sexo casual Associação do amor romântico ao amor materno como algo almejado
Argumentos e/ou dados elencados para defender a postura moral prescrita	A “libertinagem” sexual leva à gravidez precoce e às “DSTs” Se você se deixar levar por certos tipos de colegas isso pode te levar ao suicídio “Porque Laura se suicidou?O que lhe faltou?” Associação de certos grupos a iniciação cedo na vida sexual por parte dos jovens “nossos adolescentes (...) estão cada vez	Associação do amor como pilar responsável para manter uma família unida “o amor do casal é importante também para manter a família unida e dar segurança aos filhos.”

	mais pressionados a entrar na vida sexual pelo grupo de iguais, pela escola “avançada”, por “adultos irresponsáveis”, pelas propagandas, etc.” Imposição de juízo de valor com relação aos comportamentos sexuais “(...) propor o sexo somente após o casamento, é a opção mais responsável para a adolescência e juventude saudável e madura. Pensem nisso!” Relacionar o corpo a algo divino e sua desvalorização a práticas sexuais irresponsáveis “Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos?” Ct 6:19 Utilizar da anatomia para justificar homofobia “anatomicamente, o homossexualismo (sic) não se revela natural, porque homem e mulher são complementares do ponto de vista físico”	
Correspondências com a BNCC	Correspondência com a competência 3 para o ER - Reconhecer e cuidar de si, do outro, da coletividade e da natureza, enquanto expressão de valor da vida Incompatibilidade com princípios das competências 1,2,4,5 e 6	Correspondência com a competência 3 para o ER - Reconhecer e cuidar de si, do outro, da coletividade e da natureza, enquanto expressão de valor da vida Correspondências com a competência 5 para o ER -Identificar e acolher sentimentos, lembranças, memórias e saberes de cada um. Incompatibilidade com os princípios das competências 1,2,4 e 6
Correspondências com os documentos	correspondência com as Habilidades -(EF04ER01) Identificar ritos	correspondência com as Habilidades

curriculares da Paraíba	presentes no cotidiano pessoal, familiar, escolar e comunitário	-(EF04ER01) Identificar ritos presentes no cotidiano pessoal, familiar, escolar e comunitário -(EF06ER03) Reconhecer, em textos escritos, ensinamentos relacionados a modos de ser e viver
-------------------------	---	---

Fonte: Autor do trabalho

Destaca-se de maneira preocupante, o fato de um material disponibilizado por um órgão municipal ser tão moralista e proselitista quanto o próprio material produzido para as escolas confessionais. O material da Prefeitura de Petrópolis, chega de certo modo a ser ofensivo e discriminatório, principalmente contra a comunidade LGBTQIAPN+, em dados momentos. Ao abordar sobre amor e relações amorosas a comunidade é posta em um lugar de “promiscuidade”, até mesmo associada a doenças como o HIV. No material Descobrindo Novos Caminhos, a comunidade sequer é abordada na temática. Além disso, ambos os materiais trazem grande juízo de valor, e em certos momentos discretos ou não, tentam impor isso aos leitores.

Dentre outras tantas questões, os materiais mostram-se a seguir um caminho contrário ao que tange a laicidade do estado, o respeito à diversidade e alteridade como indicados nas propostas da BNCC e PCPB. O que nos traz a reflexão dos perigos de um ensino que ao invés de desconstruir preconceitos e tratar da diversidade, faz o movimento reverso, e como isso impacta diretamente no desenvolvimento intelectual dos discentes. Levando em consideração que cada professor tem um viés ideológico, e que nem todos buscam fugir dos vieses apresentados, tais materiais também podem servir de aparato ideológico para reprodução desses preconceitos.

O ER vive suas dicotomias, podendo assumir diferentes facetas a depender de quais pilares está sendo baseado, pode ser um grande reprodutor de preconceitos e proselitismos, como também desconstrutor dessas mesmas ideias. Vai depender de quais ferramentas estão sendo utilizadas na realização das aulas, e muito de quem as está usando.

5. Uma experiência de intervenção pedagógica

Para avaliar a viabilidade da proposta, comecei testando elaborar e aplicar uma sequência didática (Apêndice D), que dialogasse com a temática e os conteúdos que a professora estava trabalhando naquele bimestre. Os temas que estavam sendo trabalhados naquele bimestre eram “A adolescência” e “Amor e paixão”, para cada um tracei os seguintes diálogos, para trabalhar as temáticas: 1-“A adolescência”: Ritos de passagem da adolescência para a fase adulta em diferentes culturas; Exemplos de ritos de passagem; 2-“Amor e paixão”: Durkheim: solidariedade social e pertencimento social (amizade, casamento e religião); Exemplos de solidariedade e pertencimento social na vida cotidiana e 3-“Amor e paixão”: Bauman: Amor líquido; Relações conjugais (casamento) em diferentes religiões.

Devido a mudanças no calendário da escola só consegui dar duas das três aulas propostas a 1º e a 2º, já a 3º aula ficou como sugestão para a professora trabalhar em aulas futuras.

Em ambas as aulas ministradas, os alunos foram participativos, fazendo perguntas e trazendo contribuições sobre os conteúdos apresentados. Quando apresentei o rito de passagem do povo Harmar na Etiópia⁴ no qual homens de diferentes idades saltam por cima da maior quantidade de vacas que conseguirem sem cair, estando completamente nus. E se conseguirem realizar o feito, passarão para a fase adulta (independentemente da sua idade), desse modo estando aptos a se casarem. Após a explicação, a turma instigou-se a fazer diversas perguntas. O mesmo ocorreu durante a apresentação dos demais ritos exemplificados. O objetivo aqui era dialogar com as perspectivas teóricas da antropologia e da religião sobre o mesmo objeto, os ritos de passagem, trazendo contribuições de ambas as vertentes, para apresentar a diversidade cultural e religiosa dos diferentes povos.

Já na segunda aula, sobre Durkheim: solidariedade social e pertencimento social (amizade, casamento e religião), também trouxe exemplos, dessa vez de como a solidariedade e pertencimento social se manifestam na vida cotidiana. Dando ênfase assim a como isso ocorre em algumas religiões/crenças, e como esses elementos compõem os modos de pertencermos aos grupos sociais. No exemplo sobre os casamentos e relações amorosas, um aluno da turma que tem deficiência visual fez um breve relato de como essas relações aconteciam em sua vida, contribuindo assim para a desconstrução do capacitismo e estigma que envolve as pessoas com deficiências de namorarem, casarem, terem filhos, etc.

5.2 Ferramentas das ciências sociais para o ensino religioso

⁴ SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ. Ritos de Passagem. Disponível em: <http://www.ensinoreligioso.seed.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=278>.

Partindo de um olhar minucioso através do quadro de análise foi possível identificar tendências proselitistas em ambos os materiais, pouca compatibilidade com os documentos oficiais, pouco arcabouço teórico para fomentar a discussão, e assuntos sendo tratados de forma pouco adequada.

Diante disso faz-se necessário que tais discussões dispunha de materiais que busquem distanciar-se de proselitismo, preconceitos e diante até da sensibilidade de alguns conteúdos. Assim a proposta das Ciências Sociais surge como base para tais discussões, podendo ainda contribuir com autores/pensadores que dialoguem sobre o que está sendo proposto para a disciplina e fornecendo a desestigmatização de conceitos, quebra de tabus e apresentação de outras perspectivas sobre assuntos como questões de diversidade cultural, religiosa e sexual. Tendo em vista que muitos assuntos atravessam ambas as disciplinas, busquei aqui fundir as duas percepções em busca de indicar um caminho para a prática docente com relação aos temas e conteúdos trabalhados no componente currículo de ER.

Assim, partindo de uma análise sobre a prática docente, dos materiais utilizados e dos conteúdos trabalhados na disciplina de ER, no 8º e 9º ano, busquei aqui trazer contribuições teóricas e conceituais das Ciências Sociais para o componente currículo do ensino religioso.

5.3 IDEIAS PARA O ENSINO RELIGIOSO COM FERRAMENTAS DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Quadro 7: Contribuições das Ciências Sociais para o Ensino Religioso

Objetos BNCC/ Conteúdos da Proposta Curricular do Estado da Paraíba (PCPB) para o ER	Habilidades BNCC 8º ano Ensino Religioso	Temas, conceitos e teorias das Ciências Sociais	Exemplos possíveis para ilustrar ideias e argumentos	Dinâmicas e/ou atividades
Crenças, convicções e atitudes - Escolhas e diferenças culturais; - Os princípios éticos das tradições religiosas; - As exigências e qualidades éticas do procedimento humano na perspectiva da tradição	(EF08ER01) Discutir como as crenças e convicções podem influenciar escolhas e atitudes pessoais e coletivas. (EF08ER02) Analisar filosofias de vida, manifestações e tradições religiosas destacando seus	-Fato social -As formas elementares da vida religiosa (Durkheim) -Socialização: O indivíduo como ser social (Durkheim) -Imaginação Sociológica	Explicação entre as crenças e as ações cotidianas. De como nossas escolhas/ações por mais simples que sejam, fazem parte de uma construção social, e do nosso processo de socialização inclusive as de caráter religioso, e que nos faz	Separar a turma em pequenos grupos e sugerir que eles dramatizem algumas dessas situações; Exibir vídeos e/ou imagens referentes; Trazer algumas perguntas problematizadoras para diálogos em

religiosa.	princípios éticos.	(Wright Mills)	sentirmos assim pertencentes a uma cultura, crença, povo, etc; como: Pedir a benção Ave Maria- Luís Gonzaga nas rádios às 18:00 Benzer-se ao passar em frente de uma igreja Pular sete ondinhas no ano novo	sala, como: -“Como a religião cria um senso de pertencimento?” -“Como a religião participa da formação de nossa identidade?” -“Como a religião direciona a condução de nossas vidas/condução ética?”
Doutrinas religiosas - Orientações éticas de vida, nas normas e crenças das tradições religiosas.	(EF08ER03) Analisar doutrinas das diferentes tradições religiosas e suas concepções de mundo, vida e morte.	-O que é Etnocentrismo? (Evandro Rocha) -Diversidade cultural e religiosa; -Religião e suas distintas perspectivas sobre a vida/comportamentos -Exemplos: Cristianismo Hinduismo Umbanda/Candomblé Espiritismo Budismo -Ação Social Racional (Max Weber)	Apresentar brevemente o significado de cultura e suas diversidades, com ênfase nas religiões; Demonstrar como nossas ações e comportamentos condicionados por nossas crenças fazem parte de “ações sociais racionais”, e quem fala sobre isso;	Trazer exemplos de como isso se manifesta como, clubes de futebol estão se adaptando ao ramadã, restrição de consumo de alguns alimentos na semana santa, preceitos, etc. Partindo da frase “Minha religião não permite que...” criar uma situação problema em que uma ou mais pessoas são pressionadas a fazer o que vai de encontro com seus princípios/crenças religiosas, e questionar aos alunos o que fazer em dada situação.
Crenças, filosofias de vida e esfera pública: - História de vida de pessoas que viveram em função de sua fé, pelas	(EF08ER04) Discutir como filosofias de vida, tradições e instituições religiosas podem influenciar	-Religião como uma ferramenta de transformação social; -Exemplos de Homens e	Apresentar as diferentes perspectivas sobre como as religiões estão de alguma forma envolvidas também nas lutas	Elaboração de panfletos convidando os agentes sociais para participarem de uma manifestação política com algum

causas humanitárias e sociais modificando a sociedade (Abraão, Moisés, Sidarta Gautama, Zaratustra, Confúcio, Jesus, Maomé, Lao-tsé, Gandhi, Martin Luter King, Madre Teresa de Calcutá, Sathya Sai Baba, Nelson Mandela, etc.)	diferentes campos da esfera pública (política, saúde, educação, economia). (EF08ER05) Debater sobre as possibilidades e os limites da interferência das tradições religiosas na esfera pública. (EF08ER06) Analisar práticas, projetos e políticas públicas que contribuem para a promoção da liberdade de pensamento, crenças e convicções.	Mulheres “messiânicos” e suas lutas e causas. (Antônio Conselheiro, Madre Tereza de Calcutá, Pe. Júlio Lancelotti, etc -Movimentos Sociais que tem algumas ligação com as vertentes religiosas Ex: PJR, MCP, MST, MMC, etc.	sociais.	dos ícones políticos/religiosos trabalhados por alguma causa.
4- Tradições religiosas, mídias e tecnologias: - As tradições religiosas e a mídia; - A utilização da tecnologia nas tradições religiosas, como uso na política partidária e sócio econômica.	(EF08ER07) Analisar as formas de uso das mídias e tecnologias pelas diferentes denominações religiosas	-Indústria cultural e meios de comunicação de massa (Adorno) -Como os meios de comunicação de massa são utilizados pelas instituições religiosas para promoverem suas crenças e ideologias; (TV, rádio, internet, etc.) -Religião e política: como os discursos de teores religiosos são utilizados por partidos políticos para se auto promoverem e elegerem seus candidatos através das mídias. (slogans, discursos, postagens, etc.) -As mídias no combate à intolerâncias/racismo religioso	-Trazer a discussão sobre o que é indústria cultural e meios de comunicação de massa, como eles atuam em nossa sociedade e como elas passaram também a serem utilizadas pelas mais diversas vertentes religiosas como ferramenta de propagação de suas crenças. E em contrapartida de como esses discursos também passaram a ser incorporados também na esfera política para reprodução de ideologias.	Oficina de produção de posts, vídeos, fotos que promovam o combate à intolerância religiosa.

Objetos BNCC/ Conteúdos da Proposta Curricular do Estado da Paraíba (PCPB) para o ER	Habilidades BNCC 9º ano Ensino Religioso	Temas, conceitos e teorias das Ciências Sociais	Exemplos possíveis para ilustrar ideias e argumentos	Dinâmicas e/ou atividades
1-Imanência e transcendência: 1- Imanência e transcendência: - Diferenciar Imanência da Transcendência nas diversas culturas religiosas;	(EF09ER01) Analisar princípios e orientações para o cuidado da vida e nas diversas tradições religiosas e filosofias de vida. (EF09ER02) Discutir as diferentes expressões de valorização e de desrespeito à vida, por meio da análise de matérias nas diferentes mídias.	-As formas elementares da vida religiosa (Durkheim) -Exemplos de como as mídias auxiliam no processo de interlocução das diversas expressões religiosas	Trazer perguntas como: “como a fé preenche a lacuna que a razão não pode preencher?”	atividade de Exposição: O professor dividiria a turma em grupos e designar a cada um grupo uma tradição religiosa específica. os alunos podem criar uma exposição visual com imagens, fotos, desenhos, etc. que destaque símbolos, práticas, e ensinamentos relacionados à imanência, transcendência e ética dentro da tradição solicitada.
2-Vida e morte: O sentido da vida; - A valorização da vida. 2- Vida e morte: - Perguntas existenciais sobre o sentido da vida: Quem eu sou? De onde vim? Para onde vou?; - A concepção de vida e morte na filosofia de vida da diversidade religiosa através dos ritos fúnebres; - As respostas existenciais norteadoras do sentido da vida: ressurreição; reencarnação; ancestralidade e o nada.	(EF09ER03) Identificar sentidos do viver e do morrer em diferentes tradições religiosas, através do estudo de mitos fundantes. (EF09ER04) Identificar concepções de vida e morte em diferentes tradições religiosas e filosofias de vida, por meio da análise de diferentes ritos fúnebres. (EF09ER05) Analisar as diferentes ideias de imortalidade elaboradas pelas tradições religiosas (ancestralidade,	- “O processo Ritual:Estrutura e Anti-Estrutura” (Victor Turner) - Perspectivas sobre a vida após a morte em diferentes religiões; -exemplos de ritos fúnebres em diferentes culturas e religiões.	Pode-se utilizar a obra de Turner para analisar como os ritos fúnebres, relacionados à morte e ao luto, são constituídos, a representação dos símbolos, performance, etc. Trazer exemplos, vídeos, imagens, documentos, etc. que abordem as diferentes perspectivas de vida e morte, vida após a morte ou de ritos fúnebres para serem	realização de jogo sobre os Mitos e Rituais envolvendo perguntas, desafios e atividades relacionadas a mitos e rituais fúnebres. Buscando de uma forma lúdica desenvolver os conteúdos.

	reencarnação, transmigração e ressurreição).		apresentados.	
Princípios e valores éticos: 3- Princípios e valores éticos: - A dignidade humana nas atitudes éticas em favor da vida; - Os princípios que norteiam uma vida familiar, cultural e religiosa; -A fundamentação dos limites éticos, normas e valores pelas Tradições Religiosas no seio familiar para um projeto de vida.	(EF09ER06) Reconhecer a coexistência como uma atitude ética de respeito à vida e à dignidade humana. (EF09ER07) Identificar princípios éticos (familiares, religiosos e culturais) que possam alicerçar a construção de projetos de vida. (EF09ER08) Construir projetos de vida assentados em princípios e valores éticos.		Trazer questionamentos como a ética no trabalho, como: “o que é aceitável para conseguir crescer na profissão?” Debates sobre o direito a eutanásia;	Realização de um júri simulado: O professor estabelece um tema, exemplo: “testes em animais”, e divide a turma em dois grupos: um “a favor” e o outro contra. Os estudantes que ficariam a favor, buscariam argumentos em para defender os testes em animais, enquanto o outros grupo buscaria argumentos para acabarem os testes em animais.

Fonte: Autor do trabalho

Por meio das análises e indicações apresentados, propus algumas contribuições de diálogos possíveis para a disciplina, buscando desse modo trazer novas perspectivas para o ER, com o objetivo de fomentar um ensino plural e não-confessional nas escolas, indicando assim, caminhos e alternativas possíveis.

6. Considerações Finais

O propósito deste trabalho foi identificar contribuições teóricas e conceituais das Ciências Sociais para auxiliarem nas aulas de ensino religioso, fornecendo subsídios concretos para a superação do viés doutrinário que vem marcando essa disciplina no Brasil. Busquei, desse modo, contribuir para uma educação que estimule o convívio com a diversidade, o respeito à alteridade e, portanto um ensino religioso anti-etnocêntrico.

Os documentos curriculares analisados, bem como os referenciais, contribuíram significativamente para um entendimento maior sobre toda a trajetória que a disciplina percorreu ao longo dos anos e seu caráter constitutivo. Constatei que, apesar da intermitência, durante o período em que a disciplina se faz presente nas escolas, ela está alicerçada majoritariamente sobre bases confessionais. Embora, desde a redemocratização, tenha havido três grandes documentos curriculares a nível nacional (Parâmetros Curriculares

Nacionais, em 1998; Orientações Curriculares Para o Ensino Médio, em 2006 e Base Nacional Comum Curricular, em 2017), foi somente neste último que a disciplina foi contemplada.

Baseando-se na BNCC surgiu a Proposta Curricular da Paraíba, que funciona como um complemento das indicações já estabelecidas, propondo mais alguns conteúdos a serem trabalhados pelos professores. Ambos os documentos trazem a laicidade como princípio e buscam por abordagens que abranjam a diversidade sociocultural e religiosa como base para o ER. Contudo, apesar de estar presente nesses documentos, a disciplina não faz parte do Programa Nacional do Livro e do Material Didático e, portanto, não há, nas escolas, distribuição de material didático para o seu ensino, o que acarreta uma série de problemas. Na escola estudada, os professores têm de improvisar com o que encontram. Assim, a professora atualmente responsável pela disciplina usava a cartilha “Caminhos para Deus”, da prefeitura de Petrópolis, que, apesar de ser um material de governo municipal, mostrou-se extremamente confessional. Enquanto isso, o professor anteriormente designado para o componente trabalhou com o livro didático “Descobrimos Novos Caminhos” da editora FTD, adotado em uma escola católica da região. Tal situação acaba afetando diretamente as práticas pedagógicas dos docentes, que, por consequência, recaem em práticas proselitistas, mesmo sem ser a sua intenção de fato.

Como vimos, a disciplina também acaba passando por uma grande rotatividade de docentes, que em sua grande maioria não tem formação na área, pois o componente é usado como complementação de carga horária. A designação da professora atual ocorreu por indicação da direção, que passou a seguir em 2022 a resolução n. 147 de 2008 de 15 de julho de 2008, do Conselho Estadual de Educação da Paraíba em seu Art. 17, que em suma designa que “o portador de, no mínimo, diploma de licenciatura ou bacharelado em Ciências da Religião ou Educação Religiosa Escolar, História, Filosofia, Ciências Sociais, Pedagogia e Psicologia”. A iniciativa seria favorável para o ER se os docentes nomeados tivessem ao menos tempo para preparar suas aulas e atividades, mas a sobrecarga a que estão atualmente submetidos inviabiliza essa medida e prejuzifica a qualidade, mesmo que a formação seja em áreas afins. Esse é o caso da professora que, formada em ciências sociais, assumiu o ER, mas, ao mesmo tempo, também ministrava sociologia, filosofia, projeto de vida e, recentemente, também assumiu pós-médio e disciplinas eletivas. Antes disso, a disciplina havia sido atribuída a professores de espanhol e educação física. Devido à rotatividade e à sobrecarga dos docentes, não há uma consolidação de experiências compartilhadas para fazer isso de maneira laica ou interconfessional.

Partindo dos fatos apresentados, busquei por meio de observações em sala de aula e entrevista com os docentes, compreender como a disciplina era trabalhada de fato em sala de aula, o “currículo real”. Nos relatos das entrevistas, nota-se uma certa necessidade de

improvisação por parte dos docentes na realização das aulas, cada qual a seu modo buscou trabalhar em sala metodologias que trouxessem aspectos diversificados e que se distanciassem da confessionalidade. No caso do professor de espanhol, trazendo filmes que dialoguem com os assuntos trabalhados, citando provérbios chineses, abordando outras religiões como o budismo, espiritismo, etc. em busca de trabalhar sob outras perspectivas. Já a docente de ER, parte do seu campo de conhecimento para desenvolver os conteúdos que ela identifica como interligados, e sempre que possível busca trabalhar atividades diversificadas a exemplo da “feira das religiões”.

Para testar a possibilidade de interlocução entre as Ciências Sociais e o ER, elaborei uma sequência didática para abordar temas que seriam trabalhados pela professora nas aulas do 9º ano: “A adolescência” e “Amor e Paixão”. Busquei teorias, autores, conceitos e conteúdos que contribuíssem com os temas propostos. Nesse sentido, para trabalhar os temas propostos sobre adolescência, eu trouxe, ritos de passagem da adolescência para a fase adulta em diferentes culturas e exemplos de ritos de passagem. Busquei trazer um pouco de como esses aspectos são vistos através das crenças de uma maneira plural. Já para trabalhar a temática de “Amor e paixão”, trouxe Durkheim, com o conceito de solidariedade social para refletir sobre amizade, casamento e religião como exemplos de pertencimento na vida cotidiana. Pretendi aqui abordar o tema dentro da perspectiva de como nossas relações pessoais e crença são parte importante para nos sentirmos pertencentes à sociedade e como essas relações variam a depender do nicho religioso a que pertencemos, trazendo uma perspectiva sobre o amor e sua diversidade, amizade e casamento em diferentes esferas religiosas. A partir da sequência didática, realizei uma intervenção pedagógica no 9º ano do ensino fundamental, que serviu como base prática para a elaboração da proposta final com a qual finalizei o trabalho.

O contato com esse universo de informações e acontecimentos abriu para mim outras perspectivas em torno da disciplina. O que antes para mim não deveria existir no currículo, hoje se mostra peça fundamental para se trabalhar determinados assuntos, que em outras disciplinas por exemplo não há abertura para diálogo, podendo ser trabalhada abordagens de cunho socioemocionais em conteúdos mais sensíveis, a exemplo das relações humanas.

Consegui alcançar a proposta até certo ponto, partindo de toda a experiência com a leitura dos materiais, observações, entrevistas e intervenção, estabelecendo essa relação e trazendo aqui algumas indicações de diálogos entre o ER e as ciências sociais. Elaborei assim um quadro que contém algumas ideias iniciais a partir de elementos base de ambos os componentes. São eles: objetos definidos na BNCC e conteúdos correspondentes na PCPB para o ER, bem como habilidades que a BNCC indica como aquelas que devem ser desenvolvidas nos esudanets a partir de tais abordagens. Para viabilizar o ensino com foco em tais conteúdos e habilidades, especificamente no 8º ano e 9º ano, tracei temas, conceitos e

teorias das ciências sociais que podem contribuir para o trabalho, bem como exemplos possíveis para ilustrar ideias e argumentos que vão ser trabalhados em cada um e, por fim dinâmicas e/ou atividades a serem realizadas.

O maior empecilho para à realização da pesquisa se mostrou sendo o pouco tempo de campo para as observações e aplicação da sequência didática, que não pode ser trabalhada inteiramente devido a imprevistos na escola-campo. E para uma análise mais completa dos materiais, sendo ideal que todas as séries dos anos finais do ensino fundamental fossem contempladas com a pesquisa, seja nos documentos, propostas ou materiais.

Portanto, sugiro, para próximos trabalhos envolvendo Ensino Religioso e Ciências Sociais, uma pesquisa mais ampla com mais escolas e professores de ER, para um maior levantamento de dados e uma análise das demais séries. Quanto às sugestões, é desejável que se possa avançar para a construção de um material em formato de guia ou cartilha pedagógica, seguindo a lógica proposta no quadro de indicações, mas de forma mais completa, com textos que aprofundem e norteiem as discussões para cada objeto do conhecimento sugerido nas propostas. É possível, também, fazer indicação de possíveis recursos didáticos para cada uma, de modo a deixar os professores mais preparados para elaborar e executar suas ideias.

REFERÊNCIAS

(SEECT-PB). Proposta Curricular do Estado da Paraíba: Educação Infantil, Ensino Fundamental. João Pessoa, 2018b. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1Nap1d3vMKcgTar_jhFGS9R7M2ORqEXeh/view. Acesso em: Agosto de 2024

BELO HORIZONTE. Projeto de Lei 825/2024 Dispõe sobre leitura bíblica como recurso pedagógico nas escolas públicas e particulares do município de Belo Horizonte. Disponível em: <https://www.cmbh.mg.gov.br/atividade-legislativa/pesquisar-proposicoes/projeto-de-lei/825/2024> Acesso em: abril de 2025

Brasil de Fato. Escola denuncia racismo e intolerância religiosa em vídeo publicado por deputado distrital. Brasil de Fato, 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/10/30/escola-denuncia-racismo-e-intolerancia-religiosa-em-video-publicado-por-deputado-distrital/>. Acesso em: Abril de 2025

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm Acesso em: Março de 2025

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf) Acesso em: Agosto de 2024

BRASIL. Ministério da Educação. ÉMILE DURKHEIM. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4657.pdf>. Acesso em: Abril de 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo da Educação Básica 2023 – resumo técnico. Brasília, 2024. Disponível em:

(https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2023.pdf) Acesso em: Fevereiro de 2025

CARDOSO, Marcos Antonio. Breve trajetória do Ensino Religioso no Brasil. *Revista Unitas*, v. 5, n. 2 (n. especial), 2017. Disponível em:

<https://revista.fuv.edu.br/index.php/unitas/article/view/529/479> Acesso em: Setembro de 2024

CARVALHO, Ricardo Alexandre de. ENSINO RELIGIOSO NO CURRÍCULO ESCOLAR: entre a legislação e a perspectiva de professores de escola pública. (Dissertação) Disponível em: <https://mestradoh.unitau.br/wp-content/uploads/dissertacoes/2020/Ricardo-Alexandre-de-Carvalho.pdf> Acesso em: Setembro de 2024

CAVALIERE, Ana Maria. O mal-estar do ensino religioso nas escolas públicas. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, p. 303-332, 2007. Disponível em: [https://scielo.br/j/cp/a/YfyGkwxCrYdzsjvhZjZSpxy/file:///C:/Users/Computador/Downloads/Re147-2008-Normativa-Regulamenta-o-Ensino-Religioso-no-Ensino-Fundamental-das-Escolas-Publicas%20\(4\).pdf](https://scielo.br/j/cp/a/YfyGkwxCrYdzsjvhZjZSpxy/file:///C:/Users/Computador/Downloads/Re147-2008-Normativa-Regulamenta-o-Ensino-Religioso-no-Ensino-Fundamental-das-Escolas-Publicas%20(4).pdf) Acesso em: Abril de 2025

CNN Brasil. São José do Rio Preto (SP) aprova lei que obriga Pai Nosso nas escolas. *CNN Brasil*, 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/sao-jose-do-rio-preto-sp-aprova-lei-que-obriga-pai-nosso-nas-escolas/>. Acesso em: Abril de 2025

CONJUR. STF permite ensino religioso confessional em escolas públicas. Consultor Jurídico, 27 set. 2017. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2017-set-27/stf-permite-ensino-religioso-confessional-escolas-publicas#:~:text=No%20modelo%20confessional%2C%20uma%20ou,avan%C3%A7o%20de%20uma%20determinada%20cren%C3%A7a>. Acesso em: Setembro de 2024

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA (CFM). Taxa de suicídio cresce 43% em uma década no Brasil. Portal CFM, [s.l.], [data de publicação se disponível], disponível em: <https://portal.cfm.org.br/eventos/taxa-de-suicidio-cresce-43-em-uma-decada-no-brasil>. Acesso em: Abril de 2025

CUNHA, Luiz Antônio. Autonomização do campo educacional: efeitos do e no ensino religioso. *Revista Contemporânea de Educação*, v. 1, n. 2, p. 138-154, 2006. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/ENSINO_RELIGIOSO/artigos2/automizacao.pdf Acesso em: Novembro de 2024

CUNHA, Luiz Antônio. O Sistema Nacional de Educação e o Ensino Religioso nas Escolas Públicas. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 34, n. 124, p. 925-941, jul./set. 2013. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/es/a/xVnHRfKgFZKdZGf3bP6ZZTc/?lang=pt&format=pdf>

Acesso em: Agosto de 2024

FEIFEL, B. Escola denuncia racismo e intolerância religiosa em vídeo publicado por deputado distrital. **Brasil de Fato**, 30 out. 2024. Política. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2024/10/30/escola-denuncia-racismo-e-intolerancia-religiosa-em-video-publicado-por-deputado-distrital/>>. Acesso em: Abril de 2025

GARUTTI, Selson. O ensino religioso no contexto escolar. *Revista Cesumar–Ciências Humanas e Sociais Aplicadas*, v. 11, n. 2, p. 131-143, 2006. Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/revcesumar/article/view/300> Acesso: em abril de 2025

HOLMES, Maria José Torres; BARCELLOS, Lusival Antonio. O Ensino Religioso na Proposta curricular do estado da Paraíba (PCPB): resistências e perspectivas. **Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor.**, Curitiba, v. 13, n 1, p. 523-536, jan./abr.2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/352530637_O_Ensino_Religioso_na_Proposta_Curricular_do_estado_da_Paraiba_PCPB_resistencia_e_perspectivas Acesso em: Outubro de 2024

JORNAL DO COMÉRCIO. Deputado propõe que Bíblia seja incluída como livro paradidático nas escolas de Pernambuco. 2025. Disponível em: <https://jc.uol.com.br/politica/2025/04/16/deputado-propoe-que-biblia-seja-incluida-como-livro-paradidatico-nas-escolas-de-pernambuco.html#:~:text=Um%20projeto%20apresentado%20%C3%A0%20Assembleia,nos%20termos%20da%20Constitui%C3%A7%C3%A3o%20Federal.> Acesso em: Abril de 2025

JUNQUEIRA, S. R. A. Materiais didáticos para o componente curricular Ensino Religioso visando a implementação do artigo 33 da Lei 9394/96 revisto na lei 9475/97. Brasília, 2016. Disponível em: (<http://portal.mec.gov.br/docman/junho-2016-pdf/44061-produto-1-materiais-didaticos-para-componente-curricular-ensino-religioso-pdf/file>) Acesso em: Janeiro de 2025

JUSBRASIL. Artigo 210 da Constituição Federal de 1988. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10649501/artigo-210-da-constituicao-federal-de-1988>. Acesso em: 27 out. 2024.

MANAUS. LEI Nº 3.225, DE 14 DE DEZEMBRO DE 2023. Dispõe sobre a leitura da Bíblia como recurso paradidático nas escolas da rede pública e particular de ensino no município de Manaus. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/am/m/manaus/lei-ordinaria/2023/323/3225/lei-ordinaria-n-3225-2023-dispoe-sobre-a-leitura-da-biblia-como-recurso-paradidatico-nas-escolas-da-rede-publica-e-particular-de-ensino-no-municipio-de-manaus> Acesso em: abril de 2025

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Materiais didáticos para componente curricular Ensino Religioso visando a implementação do artigo 33 da Lei 9394/96 revisto na lei 9475/97. Brasília: MEC, junho de 2016. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/junho-2016-pdf/44061-produto-1-materiais-didaticos-para-componente-curricular-ensino-religioso-pdf/file>. Acesso em: fev. 2025.

MUNDO EDUCAÇÃO. *Reformas pombalinas*. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/reformas-pombalinas.htm>. Acesso em: Setembro 2024.

PARAÍBA. Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia da Paraíba recurso paradidático nas escolas públicas e particulares do município de Belo Horizonte. Disponível em: <https://www.cmbh.mg.gov.br/atividade-legislativa/pesquisar->

[proposicoes/projeto-de-lei/825/2024](#) Acessado em: abril de 2025

SCHROEDER, L.; MARTINS, L. São José do Rio Preto (SP) aprova lei que obriga Pai-Nosso nas escolas. **CNN Brasil**, 03 abr. 2025. Política. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/sao-jose-do-rio-preto-sp-aprova-lei-que-obriga-pai-nosso-nas-escolas/>. Acesso em: Abril de 2025

SEBASTIÃO, M. Estudo Aponta Que Taxas de Suicídio e Autolesões Aumentam No Brasil. **Fiocruz**, 20 fev. 2024. Disponível em: <<https://fiocruz.br/noticia/2024/02/estudo-aponta-que-taxas-de-suicidio-e-autolesoes-aumentam-no-brasil>>. Acesso em: Abril de 2025

SECO, Ana Paula; AMARAL, Tania Conceição Iglesias do. Marquês de Pombal e a reforma educacional brasileira. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), [s.d.]. Disponível em: <https://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos/marques-de-pombal-e-a-reforma-educacional-brasileira>. Acesso em: Novembro de 2024

VIESSERL, Lizete Carmem. Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso, **Paper para 20o INTERCOM**, 1997. Disponível em: <https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/fcd5be4b5d7d8e84a850ee93a46a040b.pdf>
Acesso em: Outubro de 2024

APÊNDICE A- Termo de Consentimento livre e esclarecimento**Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)**

_____ Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “ENTRE A RAZÃO E A FÉ, ENTRELAÇANDO SABERES E CRENÇAS: O USO DE FERRAMENTAS TEÓRICAS E CONCEITUAIS DAS CIÊNCIAS SOCIAIS” que tem como objetivo trazer contribuições teóricas e conceituais das Ciências Sociais para auxiliarem nas aulas de ensino religioso, conduzida pela estudante Vanessa Rayanna Silva Roseno, MATRÍCULA: 720130041 CPF:140.701.814-07.

Sua participação é voluntária e você tem plena liberdade de retirar seu consentimento, em qualquer momento da entrevista e pode se recusar a responder qualquer uma das perguntas caso queira. Garantimos a manutenção do sigilo e do anonimato durante todas as fases da pesquisa e, posteriormente, em caso de divulgação científica. O áudio desta entrevista não será divulgado em nenhum espaço, será acessado exclusivamente pela pesquisadora do trabalho e a Orientadora Prof. Dra. Maria Helena Costa Carvalho de Araújo Lima, SIAPE 3147774 RG:7241696 SDS-PE.

APÊNDICE B- Roteiro de Entrevista Prof. Anterior de ER

1. Quais foram suas experiências lecionando a disciplina de Ensino Religioso?
2. Como se deu o processo para que você lecionasse/ficasse responsável pela disciplina de E.R?
3. Quais materiais você dispunha para realizar as aulas de E.R?
4. Quais metodologias de ensino você utilizava nas aulas de E.R?
5. Qual sua opinião sobre a disciplina de E.R no currículo escolar?
6. Você acha que a formação da professora Denise contribui de alguma forma para com o E.R?
7. Você tem/segue alguma religião? Se sim qual?
8. Na sua opinião sua religião influenciou de alguma forma na sua prática pedagógica enquanto lecionava a disciplina?

APÊNDICE C- Roteiro de Entrevista Profa. de Ensino Religioso

1. Como está sendo a sua experiência lecionando a disciplina de Ensino Religioso (E.R)?
2. Como se deu o processo para que você lecionasse/ficasse responsável pela disciplina de E.R?
3. Quais metodologias de ensino você utiliza para lecionar a disciplina de E.R?
4. Quais materiais você dispõe/utiliza para realizar as aulas de E.R?
5. Você consegue aproveitar alguma coisa das Ciências Sociais para as aulas de E.R?
6. Qual sua opinião sobre o diálogo das Ciências Sociais com o E.R?
7. Qual sua opinião sobre a disciplina de E.R no currículo escolar?
8. Você tem/segue alguma religião? Se sim qual?
9. Na sua opinião sua religião influencia de alguma forma na sua prática pedagógica?

APÊNDICE D- Sequência Didática



ESCOLA: ECIT FRANCISCO DE ASSIS GONZAGA
 SÉRIE: 9º ANO
 TURNO: INTEGRAL
 BIMESTRE: 4º BIMESTRE
 DISCIPLINA: ENSINO RELIGIOSO
 QUANTIDADE DE AULAS: 3 AULAS
 PROFESSOR(A): VANESSA RAYANNA SILVA ROSENO

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

TRANSFORMAÇÕES

OBJETIVO GERAL:

Apresentar conteúdos relacionados aos diferentes ritos de passagem da adolescência para a fase adulta em algumas culturas e religiões do mundo, relacionando esse processo aos conceitos durkheimianos de pertencimento social e solidariedade social, bem como esses elementos influenciam nossas relações pessoais (casamento, namoro, noivado), em nossa sociedade partindo da discussão baumaniana em sua obra “Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos”, associando-os esses elementos às experiências cotidianas dos estudantes dentro e fora do ambiente escolar.

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS:

(EM13CHS201) Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.

(EM13CHS202) Analisar e avaliar os impactos das tecnologias na estruturação e nas dinâmicas de grupos, povos e sociedades contemporâneos (fluxos populacionais, financeiros, de mercadorias, de informações, de valores éticos e culturais etc.), bem como suas interferências nas decisões políticas, sociais, ambientais, econômicas e culturais.

(EM13CHS204) Comparar e avaliar os processos de ocupação do espaço e a formação de territórios, territorialidades e fronteiras, identificando o papel de diferentes agentes (como grupos sociais e culturais, impérios, Estados Nacionais e organismos internacionais) e considerando os conflitos populacionais (internos e externos), a diversidade étnico-cultural e as características socioeconômicas, políticas e tecnológicas.

AULA 1: A adolescência

CONTEÚDOS:

- Ritos de passagem da adolescência para a fase adulta em diferentes culturas;
- Exemplos de ritos de passagem;

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Conhecer as diferentes formas com que alguns povos e suas culturas realizam seus ritos de passagem da adolescência para a fase adulta relacionando-as com as da nossa sociedade;
- Analisar as diversidades socioculturais de diferentes povos, em específico as cerimônias que simbolizam a passagem para uma vida adulta.
- Identificar elementos que compõem os ritos de passagem em diferentes culturas e como estes compõem suas relações em comunidade.

RECURSOS:

- Slide;
- Vídeo;
- Quadro branco e pilot;

METODOLOGIA: Aula expositiva e dialogada;

Início da aula: Farei um pequeno retrospecto sobre os temas abordados nas aulas anteriores, como ritos de passagem da vida e da morte, questões sobre a adolescência e emoções durante essa fase, e fazendo uma breve introdução do novo conteúdo sobre ritos de passagem para a vida adulta, sendo feitas algumas perguntas norteadoras para início da

discussão como “Com que idade começa a adolescência?”, “O que caracteriza a adolescência?” (15min).

Desenvolvimento e final da aula: Em seguida será exibido alguns ritos de passagem em algumas culturas como, japonesa, africana, indígena (Xavante) bem como a nossa sociedade, sendo exposto no slide algumas informações, curiosidades, imagens e posteriormente um breve vídeo sobre um rito de passagem Sateré intitulado “Ritual da Tucandeira: grupo indígena fortalecido” (4:07 min) para análise e discussão, em seguida serão feitas perguntas sobre quais pontos chamaram mais atenção do que eles viram, e sobre como na nossa sociedade ocorre esses ritos, sendo pedido para que eles citem exemplos, em seguida sendo feita uma breve exposição sobre isso. (30min)

ATIVIDADE: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

AValiação da Aprendizagem: Através da participação em sala, dando exemplos, fazendo perguntas, respondendo as que serão feitas, fazendo anotações, etc.

REFERÊNCIAS:

SODRE, Olga. **Símbolo, mito e interpretação da passagem para a vida adulta**. Arq. bras. psicol., Rio de Janeiro, v. 59, n. 1, p. 03-15, jun. 2007. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672007000100002&lng=pt&nrm=iso, acessos em 10 nov. 2024.

VIOLA, D. T. D.; VORCARO, Â. M. R. A adolescência em perspectiva: Um exame da variabilidade da passagem à idade adulta entre diferentes sociedades. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, v. 34, n. 0, p. e3448, 2018. <https://www.scielo.br/j/ptp/a/ngNVbd8grFqhXZMCTLjnTLx/abstract/?lang=pt> acesso em> 04/11/24

Seijin-no-hi (Dia da Maioridade). Disponível em: <https://www.culturajaponesa.com.br/index.php/religiao/seijin-no-hi-dia-da-maioridade/>. Acesso em: 4 nov. 2024.

LEAL, F. **Rituais de passagem** – . Disponível em: <https://grupoaficanidade.wordpress.com/tag/rituais-de-passagem/>. Acesso em: 10 nov. 2024.

https://www.youtube.com/watch?v=iWKW-gONMBk&t=10s&ab_channel=InfoAmazonia. Acesso: 9 nov. 2024

Aula 2: Amor e Paixão

CONTEÚDOS:

- Durkheim: solidariedade social e pertencimento social (amizade, casamento e religião);
- Exemplos de solidariedade e pertencimento social na vida cotidiana.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Compreender como ocorrem os processos de pertencimento e solidariedade social na vida cotidiana.
- Distinguir formas de pertencimento e solidariedade social em diferentes esferas sociais, como relações de amizade, casamento e religião e como isso influencia nossas práticas cotidianas.

RECURSOS:

- Slide;
- Quadro branco e pilot;

METODOLOGIA: Aula expositiva e dialogada;

Início da aula : Inicialmente será feita uma breve revisão sobre o assunto discutido na aula anterior sendo feita em seguida uma correlação de como esses ritos, celebrações e manifestações são também formas de pertencer ao grupo, e a uma “consciência coletiva”, utilizando exemplos do filme (Divertidamente 2) passado anteriormente pela professora, assim como a atividade realizada pela mesma, buscando assim dar ênfase a como isso ocorre nas diversas religiões/crenças e como se dão nossas relações nesses grupos e no nosso cotidiano.(30 min).

Desenvolvimento e final da aula: Em seguida serão expostos exemplos de formas de pertencimento e solidariedade social nas seguintes esferas amizade, casamento e religião em nossa sociedade e como essas se manifestam no nosso dia a dia e influem em nossas perspectivas de mundo e como nos enxergamos como pertencentes a ele, para concluir será pedido para

que os alunos compartilhem com os demais a qual ou quais grupos eles se sentem como pertencentes e que compõe seu dia a dia. (20 min)

ATIVIDADE: XXXXXXXXXXXXXXXXX

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: Através da participação em sala, dando exemplos, fazendo perguntas, respondendo as que serão feitas, fazendo anotações, etc.

REFERÊNCIAS:

Vista do Dançando com Deuses: a religião na teoria sociológica. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/historiaemreflexao/article/view/17375/10400>. Acesso em: 22 nov. 2024.

Vista do A solidariedade durkheimiana e os feminismos contemporâneos: identidade, pertencimento e coesão social na modernidade reflexiva. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/conversasecontroversias/article/view/29701/16960>. Acesso em: 13 nov. 2024.

Aula 3: Amor e Paixão

Conteúdos:

- Bauman: Amor líquido
- Relações conjugais (casamento) em diferentes religiões;

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Compreender como nossas relações (conjugais, amorosas, etc.) se compõem e como elas foram estabelecidas ao longo dos séculos até os dias atuais;
- Conhecer as diferentes formas como ocorrem as cerimônias matrimoniais em diferentes culturas, e como elas ocorrem;
- Identificar elementos da nossa sociedade que influem em nossas relações e decisões pessoais em nosso cotidiano.

RECURSOS:

- Slide;
- Quadro branco e pilot;

METODOLOGIA: Aula expositiva e dialogada;

Início da aula: Será feita uma breve revisão sobre os conteúdos anteriores sobre as formas de solidariedade e pertencimento social influenciam de certo modo nossas relações e comportamentos.

Desenvolvimento: Em seguida será apresentado como as relações amorosas compõem e suas diversidades os elementos culturais da nossa e de algumas outras culturas, bem como as cerimônias de celebração matrimoniais acontecem em cada uma delas e como essas são vistas pelos integrantes desses grupos. Serão expostos conteúdos referentes às temáticas propostas, bem como imagens referentes às cerimônias.

Final da aula: Posteriormente será abordado sobre essas relações em nossa sociedade trazendo um pouco da discussão de Bauman em sua obra “Amor líquido”, e como na era moderna nossas relações tem se configurado, serão perguntados aos alunos sobre suas

opiniões a respeito das relações modernas, e como elas enxergam essa “liquidez” das relações.

ATIVIDADE: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: Através da participação em sala, dando exemplos, fazendo perguntas, respondendo as que serão feitas, fazendo anotações, etc.

REFERÊNCIAS:

<https://www.estadao.com.br/brasil/macaco-eletrico/o-meio-digital-cristalizou-o-amor-liquido-como-uma-constante-em-nossas-vidas/?srsltid=AfmBOoo5OHm-65PMz3Jo8J6P9PgErQq6pmWg1jCX9e3gtG24fdf0Kcg5>

CAMPOS, DTF; ROSA, CM **Adolescência e ambivalência: o “ficar” como um “não lugar” existencial.** Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental , v. 3, pág. 665–684, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/GDQkzzzZdn64PwssFz3xTLH/?lang=pt> Acesso em: 12 nov. 2024

BAUMAN, Z. **Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos** . [sl] Editora Schwarcz - Companhia das Letras, 2004. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=SXLTDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT3&dq=zygmunt+bauman+amor+l%C3%ADquido&ots=VHQ2Zfg1Mu&sig=GynoyPAL-OnU0F2dObK9hK1YxgM#v=onepage&q=zygmunt%20bauman%20amor%20l%C3%ADquido&f=false> Acesso em: 16 nov 2024

Cerimônias de Casamento em Diferentes Religiões . Disponível em: <https://www.castelodeitaipava.com.br/blog/cerimonias-de-casamento-em-diferentes-religioes/>. Acesso em: 19 nov. 2024.

CANUTO, R. **Como é a cerimônia de casamento dentro da umbanda?** Disponível em: <https://casadedois.com.br/blog/cerimonia-umbanda/>. Acesso em: 19 nov. 2024.